



DARK NIGHTS

HAWKYN

A Demonica Underworld Novella

LARSSA
IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MIL E UMA NOITES ESCURAS

Era uma vez, no futuro...

Eu era uma estudante fascinada com histórias e aprendizagem.
Estudei filosofia, poesia, história, o oculto, a arte e a ciência do amor e da magia.

Eu tinha uma grande biblioteca na casa do meu pai e colecionei milhares de volumes de contos fantásticos.

Eu aprendi tudo sobre raças antigas e épocas passadas.

Sobre mitos, lendas e sonhos de todas as pessoas através do milênio.

E quanto mais eu lia, mais forte a minha imaginação crescia até que eu descobri que eu era capaz de viajar nas histórias... para realmente tornar-me parte delas.

Eu gostaria de poder dizer que eu escutei meu professor e respeitei o meu dom, como eu deveria ter feito.

Se eu tivesse, eu não estaria contando este conto agora.

Mas eu era temerária e confusa, me exibindo com bravura.

Uma tarde, curiosa sobre o mito das Mil e Uma Noites, viajei de volta para a antiga Pérsia, para ver por mim mesma se era verdade que todos os dias o Shahryar (Persa: شهریار, "rei") se casava com uma nova virgem, e depois enviava a esposa para ser decapitada.

Isso foi escrito e eu tinha lido que até o momento em que ele conheceu Scheherazade, a filha do vizir, ele tinha matado mil mulheres.

Algo deu errado com a minha tentativa. Cheguei no meio da história e de algum modo troquei de lugar com Scheherazade - um fenômeno que nunca tinha acontecido antes e que ainda hoje, eu não consigo explicar.

Agora eu estou presa nesse passado remoto, eu assumi a vida de Scheherazade e a única maneira em que eu posso me proteger e permanecer viva é fazer o que ela fez para proteger-se e permanecer viva.

Todas as noites, o Rei me chama e ouve como eu passeio pelos contos.

E quando a noite termina e amanhece, eu paro em um ponto que o deixa sem fôlego e desejando por mais.

E assim o Rei poupa minha vida por mais um dia, para que ele possa ouvir o resto do meu conto sombrio.

Assim que eu termino uma história... eu começo uma nova, uma... como aquela que você, caro leitor, tem diante de você agora.

Como uma classe especial de anjo da guarda terrestre chamada Memitim, Hawkyn é encarregado de proteger aqueles cujas vidas são tecidas na trama do futuro. Seu sucesso é lendário, então, quando ele recebe um assassino em série para vigiar, ele não vê nenhuma razão para isso mudar. Mas o futuro de Hawkyn é prejudicado depois que ele quebra as regras e resgata uma linda mulher das garras do assassino, desencadeando um jogo explosivo e demoníaco de gato e rato que joga irmão contra irmão e isso não vai acabar até que alguém morra.

Aurora Mercer é a única sobrevivente de um psicopata que tem prazer na tortura sádica de suas vítimas. Um psicopata cuja psique obsessiva não o deixa seguir em frente até que ele a mate. Agora ela está marcada para morrer, seu destino amarrado ao de um assassino... e a um anjo sexy que faz seu sangue arder com desejo...



GLOSSÁRIO

Os Aegis - Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Discórdias recentes entre suas fileiras reduziram seus números e enviou Os Aegis em uma nova direção.

Daemani - Qualquer ser, mas geralmente de origem demoníaca ou angélica, que atrai as almas dos mortos. Alguns Daemani podem impedir as almas de entrar em seus corpos, enquanto outros são incapazes de resistir. Poucos Daemani podem libertar as almas sem estar na proximidade de outro Daemani ou sem a ajuda de um feitiço, um item místico, ou de outro ser que possua habilidades de extração inerentes ou aprendidas.

Emins - A descendência sem asas dos dois anjos caídos. Emins possuem uma variedade de poder dos anjos caídos, embora as potências sejam geralmente mais fracas e com um alcance mais limitado.

Fallen Angel – (Anjo Caído) - Acredita-se que é mal pela maioria dos seres humanos. Anjos caídos podem ser agrupados em duas categorias: O verdadeiro Caído e o Não-Caído. Anjos Não-Caídos foram lançados do céu e são terrestres e sem asas, vivendo uma vida em que eles não são nem bons nem verdadeiramente maus. Nesse estado, eles podem, raramente, ganhar o seu caminho de volta para o céu. Ou podem optar por entrar no Sheoul, o reino demoníaco, a fim de completar a sua queda, crescer novas asas, e tornar-se verdadeiro Caído, tomando seus lugares como demônios ao lado de Satanás.

Harrowgate - Portais verticais, invisíveis para os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais da Terra e Sheoul. Poucos seres podem convocar seus próprios Harrowgates pessoais.

Inner Sanctum - Um reino dentro do Sheoul-gra que consiste em 5 anéis, cada um contendo as almas dos demônios categorizados por seu nível de maldade, como definido pela Ufelskala. O Inner Sanctum é administrado pelo anjo caído Hades e sua equipe de guardas, todos anjos caídos. O acesso ao Inner Sanctum é estritamente limitado, pois os demônios contidos no interior podem tirar vantagem de qualquer objeto externo ou pessoa viva a fim de escapar.

Memitim - Anjos Earthbound designados para proteger os seres humanos importantes chamados de Primori. Memitim permanecem presos à terra até que eles completem suas funções. No momento em que eles Ascendem, ganham suas asas e entram no céu. Veja: Primori

Primori - Humanos e demônios, cujas vidas estão fadadas a afetar o mundo de alguma forma crucial.

Radiante – A classe mais poderosa de anjo celestial existente, salvo Metatron. Ao contrário de outros anjos, os Radiantes podem exercer um poder ilimitado em todos os reinos e podem viajar livremente através do Sheoul, com muitas poucas exceções. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez. Dois nunca podem existir simultaneamente, e ele não pode ser destruído, exceto por Deus ou Satanás. O anjo caído equivalente é chamado de Anjo Sombra. Veja: Shadow Angel

Shadow Angel (Anjo Sombra) - A classe mais poderosa de anjo caído na existência, salvo Satanás e Lúcifer. Ao contrário de outros anjos caídos, os Anjos Sombras podem exercer um poder ilimitado em todos os reinos, e eles possuem a capacidade de ganhar a entrada no céu. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez, e nunca pode existir sem o seu equivalente, um Radiante. Anjos Sombras não podem ser destruídos, exceto por Deus ou Satanás. O anjo celestial equivalente é chamado de Radiante.

Sheoul - Reino demoníaco, alguns chamam de Inferno. Localizado em seu próprio plano nas entranhas da Terra, acessível normalmente apenas por Harrowgates e hellmouths.

Sheoul-gra - Um campo de retenção para as almas de demônios. Um reino que existe independentemente de Sheoul que é supervisionado por Azagoth, também conhecido como o Grim Reaper. Dentro do Sheoul-gra existe o Inner Sanctum, onde as almas de demônios são mantidas no limbo torturante até que possam renascer.

Sheoulic - Língua demoníaca universal falada por todos, embora muitas espécies também falam sua própria língua.

Shrowd - Quando os anjos viajam através do tempo, eles existem dentro de uma bolha impenetrável conhecida como um shrowd. Enquanto no shrowd os anjos são invisíveis e não pode interagir com qualquer pessoa humana, demônio ou anjo fora do shrowd. Romper com o shrowd é uma transgressão grave que pode, e tem resultado em execução. Também chamado de *quantamun*.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de maldade. Todas as criaturas sobrenaturais e humanas más podem ser classificadas em uma escala de cinco, com o Nível 5 compreendendo os piores dos piores.



CAPÍTULO 1

— Ha! Eu fiz você sangrar, seu verme.

Hawkyn olhava para o seu oponente enquanto ele passava o dorso da mão contra a sua boca e saiu com sangue. Sim, Cipher lhe tinha dado um lábio partido, tudo bem, e ele amaldiçoou quando Razr, seu treinador de luta, marcou um ponto para Ciph.

Amaldiçoando novamente, Hawkyn saltou para seu amigo loiro anjo Não-Caído, acertando um chute com o calcanhar no estômago do cara. Como um Não-Caído, um anjo que havia sido expulso do Céu, mas não completou sua queda, Cipher não tinha os poderes de um anjo Verdadeiro Caído ou de um anjo Celestial, mas, de alguma forma, ele ainda conseguia ser uma força poderosa.

O desgraçado.

— Ponto para Hawk — gritou Razr. — É um empate. Façam uma pausa, vocês dois. Começaremos o terceiro round em quinze minutos. — Razr atirou a Hawkyn um dos seus sorrisos de assinatura, “eu sou um idiota” — Talvez você possa finalmente tirar a cabeça do seu traseiro e ganhar uma partida.

— Sim, sim — murmurou Hawkyn. — Eu não dormi o suficiente na noite passada.

Cipher alcançou sua garrafa de água no banco próximo, enquanto Razr se dirigiu para outra dupla de parceiros de treino que, como Hawkyn e Cipher, estavam vestidos

com calças de moletom pretas e camisetas brancas, que mostravam cada gota de sangue e suor.

— Não me diga que você finalmente transou?

— Dificilmente. Você conhece a lei. — Hawkyn não sentiu o toque erótico de uma fêmea em centenas de anos, e mesmo assim, o sexo tinha sido mais uma fuga momentânea de uma existência de merda do que algo significativo ou mesmo agradável.

Mas isso tinha sido antes de ele ter sido arrancado do mundo humano e empurrado para o angélico, aquele em que um Memitim tinha que prestar um juramento de celibato. Supostamente, a abstinência tornava os guerreiros mais perigosos. O demônio que Hawkyn tinha matado ontem provavelmente concordaria.

Filho da puta, ele estava com tesão. Se ele não ganhasse as suas asas logo para libertar-se das regras idiotas que os Memitim tinham que seguir, incluindo o celibato, ele ia explodir. Às vezes, ele achava que o Memitim que nunca tinha tido sexo estava melhor, porque uma vez que soubesse o que estava perdendo...

— Então, o que te manteve acordado? — Cipher derramou água em sua cabeça e sacudiu-a, seus cabelos loiros, mais longos e dois tons mais escuros do que os de Hawkyn, lançando uma chuva de gotículas como um cachorro depois de um banho.

— A mais nova série Star Trek. Você já viu? — Era uma mentira, mas ele não estava pronto para compartilhar a verdade com Cipher. O cara era seu melhor amigo, mas Cipher não entendia completamente os negócios dos Memitim e não parecia querer aprender. O que ele sabia, ele parecia ter absorvido via osmose ou alguma merda.

— Star Trek? — Cipher zombou. — Uma nova série Star Wars valeria a pena perder uma partida de luta, mas Trek? De jeito nenhum.

Hawkyn riu. — Eu te disse que eu fui guardião Memitim de Nimoy na década de sessenta? E você conhece meu irmão Reynaud. Ele foi o de Shatner. Linsef foi de Nichelle Nichols.

— O que? Você está brincando. Os atores eram Primori? Precisavam ser protegidos? De que? Do Gorn? — Cipher riu. Muito. Ele sempre pensava que suas piadas eram engraçadas.

O Gorn não era motivo de risada. Guerreiros lagartos. Difíceis.

— Cara, Star Trek desempenhou um papel na história — Hawk revidou. — As pessoas vitais envolvidas, começando no topo com Gene Roddenberry, foram todas vigiadas.

— Ei, rapazes. O que está acontecendo? — Suzanne, a irmã mais nova de Hawk, por alguns séculos, parou perto do banco, seus cabelos castanhos ondulados puxados para trás em uma faixa na cabeça, com os braços cheios de abóboras amarelas do jardim próximo. Todos os Memitim, que viviam aqui, trabalhavam para manter o lugar em funcionamento, e Suzanne foi designada como cozinheira. Inferno, ela implorou para fazer turnos na cozinha.

Hawkyn gesticulou para Cipher. — Este idiota está tentando me convencer de que Star Wars é melhor que o Star Trek.

— É — disse Cipher. — E não apenas melhor. Mais popular. Aposto que Han Solo é mais reconhecido em todo o mundo do que Spock.

Blasfêmia. Hawkyn levantou as mãos com desgosto. — Você é delirante. Mesmo se você estiver certo, *e você não está*, Star Trek definitivamente teve um impacto muito maior na sociedade humana do que Star Wars. Um beijo inter-racial visto ao redor do mundo. Os comunicadores inspiraram o design do telefone celular. Os equipamentos médicos foram impulsionados pelas camas e scanners de diagnóstico de Star Trek.

Cipher revirou os olhos. — É chamada de tecnologia. A humanidade teria criado essas coisas eventualmente.

— Sim? — Hawk limpou o suor de sua testa. — Não vi a NASA nomear um ônibus espacial em homenagem a Millennium Falcon.

— Ok, garotos. — Suzanne tentou acenar as mãos com um gesto de tempo, mas quase perdeu sua carga de vegetais. — Parem com isso. Tenho uma pergunta para você, Hawk.

— O que foi?

Ela fez malabarismos com suas abóboras quando virou o braço direito para expor a marca Primori única e circular, um *heraldi*, no interior de seu pulso.

— A marca de Declan continua me alertando para o perigo — ela disse — mas quando eu olho para ele, não há nada acontecendo. Aguardei horas para que o alerta desligasse, procurei em todas as suas imediações por qualquer tipo de ameaça, de franco-atiradores humanos a assassinos demoníacos e não tinha nada. Ouvi dizer que, às vezes, nossos primeiros *heraldi* podem ser problemáticos. Você acha que isso é o que está acontecendo?

— O meu primeiro também foi problemático — disse Hawk. — Meu orientador disse que pode levar tempo para nossos corpos se ajustarem em estar em sintonia com outra pessoa. — Ele havia levado alguns anos, e é por isso que o primeiro Primori de Memitim era seu único Primori durante os primeiros cinco anos.

— Elas falham em nos avisar quando nosso Primori está com problemas?

— Sim. — Ele pegou uma abóbora que escapou dos braços dela. — Nossa irmã Nephritt perdeu seu primeiro Primori quando seu *heraldi* não a alertou que ele estava em perigo.

Os olhos castanhos de Suzanne se arregalaram. — Isso é terrível. Talvez eu deva verificar Declan com mais frequência.

— Tenho a sensação de que você o verifica o suficiente — Hawkyn disse enquanto ele colocava a abóbora no topo da pilha de abóboras.

Ela corou, o que lhe disse que ele acertou no alvo. Ele tinha visto a maneira como ela olhava para o humano que lhe fora designado para vigiar. Era como se ela estivesse presa na fogueira do 5º Anel do Inner Sanctum por uma semana e ele estivesse carregando um copo de água. E uma escada de mil metros.

— Ele é meu primeiro — ela disse com uma fungada teimosa, o nariz empinado. — E eu vou me certificar de fazer o meu trabalho direito.

— Esse é o problema — ele disse, esperando que ele não parecesse muito nerd. Suzanne se desligaria mais rápido do que um *griminion* poderia colher uma alma. —

Você não está fazendo o seu trabalho direito. Nós não devemos interagir com nossos Primori ou com as pessoas ao seu redor. Nós devemos assistir a distância ou da invisibilidade do *shrowd*. Mas você tem passado tempo no restaurante onde ele trabalha e conversando com seus amigos e colegas de trabalho.

— Declan não trabalha no Top — ela revirou, ficando irritadiça. — Ele trabalha para o irmão do proprietário do restaurante na McKay-Taggart, e suas famílias e funcionários estão meio interligados, então ele fica muito por lá. E eu simplesmente gosto da comida. Além disso, há um número surpreendente de Primori associados com Top e McKay-Taggart, então eu estou fazendo aos meus irmãos e irmãs um favor, mantendo um olho em seus designados. E obtive alguns grandes contatos que poderiam me ajudar a levar meu show de culinária a um nível totalmente novo. — Ela girou em seus pés e começou a se dirigir ao prédio principal do dormitório, que abrigava a maior das várias cozinhas de Sheoul-gra. — Agora, se você me der licença — ela gritou enquanto caminhava — eu tenho que começar o jantar antes de ficar muito irritada.

Não, ninguém queria que ela cozinhasse enquanto estava irritada. Seu humor infundia na comida que ela preparava, então uma Suzanne feliz era uma receita para comensais felizes. Sem mencionar o fato de que sua comida era extra deliciosa quando ela estava se divertindo, o que era quase sempre. Ela levava seu trabalho como cozinheira tão a sério quanto levava seu trabalho como guardiã, embora ela certamente não olhasse aquela abóbora do jeito que ela fazia com o humano que ela estava vigiando.

— Eu me preocupo com ela — ele disse para Cipher depois que ela estava fora do alcance da voz. — Ela não está pronta para ter um Primori. Inferno, ela não é adequada para essa merda de maneira alguma.

Cipher bufou. — Cara, eu treinei com ela. Ela é uma lutadora fantástica. Ela se move como uma maldita cobra. Ela é muito mais rápida do que eu.

Cipher devia estar realmente impressionado, porque ele nunca admitia que alguém era melhor do que ele. E ele geralmente estava certo. Ele era um bastardo duro, cujas habilidades de luta o tornavam um dos treinadores mais procurados em Sheoul-Gra. O

desafio era afastá-lo do seu computador. As habilidades cibernéticas do sujeito estavam no mesmo nível das suas habilidades de luta.

— Não é a sua habilidade de luta que me preocupa — Hawkyn suspirou. — É a inocência dela. Ela é tão ingênua.

— Ela teve décadas de exposição à merda e aos demônios do submundo, não é?

— Sim, mas é com os humanos que eu me preocupo. — Ele viu Suz desaparecer no prédio.

— Humanos? — Cipher deu uma risada. — Os seres humanos são inofensivos.

Ele olhou para o amigo. Cipher também era um pouco ingênuo. — Ela não cresceu como a maioria dos Memitim. Ela teve uma boa vida.

A voz da Cipher era plana. — Oh, o horror.

— Você não entende. — Hawk tirou a garrafa de água do banco. — Os bebês Memitim são intencionalmente colocados em situações de merda. Pais ruins, zonas de guerra, pobreza... Isso é para nos desafiar enquanto crescemos.

— Parece que isso poderia transformá-los em um monte de psicopatas — Cipher meditou enquanto ele procurava para sua própria água. — Explica muito, na verdade.

Nenhum argumento aí. Muitos dos irmãos e irmãs de Hawk tiveram sérios problemas, e Suzanne sempre podia ser encontrada tentando corrigi-los. Geralmente com comida.

— Sim, bem, Suz de alguma forma acabou com uma vida quase perfeita. Família amorosa, popular na escola, muitos amigos. As unhas quebradas foram as piores coisas que aconteceram com ela. Ela realmente não namorou, não teve muitos problemas. Ela viveu na fodida Pleasantville. Então ela foi direto de uma vida humana idílica para o centro de treinamento Memitim no Havaí, que é praticamente um spa.

Hawkyn foi designado para a instalação na Bélgica, um castelo frio com regras rigorosas. Sim, ele poderia ter vivido sozinho depois que os seus cinquenta anos de treinamento obrigatório inicial estavam completos, mas ele escolheu ficar... até que Sheoul-gra inesperadamente se abriu para os Memitim há alguns anos.

Bem, sempre foi aberto para os Memitim que queriam servir Azagoth, mas Sheoul-gra era um lugar sombrio, sinistro e horrível, onde poucos queriam estar até que a companheira de Azagoth, Lilliana, chegasse. Agora estava cheio de vida e atividade e uma comunidade próspera de Memitim, anjos Não-Caídos e até alguns Anjos caídos.

— Então ela não viu o que os humanos são capazes — refletiu Cipher.

— Exatamente. Ela não foi ferida. E a vejo ficar muito apegada a esse Primori.

— Você é seu orientador. Você não pode falar com a embaixada Memitim e realoca-la?

Hawkyn deu uma risada. — Não sei por que eu até mesmo tentei. Obtive a besteira padrão “Primori são atribuídos a um Memitim específico por uma razão”.

— Eu ouvi dizer que você pode pedir uma realocação por século. — Cipher drenou sua garrafa de água em meia dúzia de goles e a atirou no chão para que um dos novos estagiários a pegasse. Havia poucas lixeiras nas áreas de treinamento por um motivo, e, tanto quanto Hawk poderia dizer, esse motivo era para fazer os estagiários odiarem a vida. — Você já tentou conseguir a realocação de um de seus Primori ?

— Não. Nunca. — Hawkyn tinha sido designado à um monte de pessoas brutais em suas centenas de anos de serviço, e ele tinha conseguido se sair bem.

— Razr está voltando. — Cipher empurrou a cabeça na direção do outro anjo caído. — É melhor lutar você com a cabeça no lugar ou eu vou chutar sua bunda novamente.

Hawk bufou. — Eu estava apenas me aquecendo. Prepare-se para uma surra. — E então, depois que ele batesse Cipher, ele ia fazer uma visita ao seu Primori preferido e fantasiar sobre fazer o mesmo com ele.

Algum dia, ele jurou silenciosamente. *Algum dia*.

A melhor coisa sobre fazer compras de supermercado à meia-noite era que as lojas eram relativamente silenciosas. Como alguém sensível à energia da força vital, Aurora Mercer gostava disso. Mas às vezes a falta de atividade não era uma coisa boa.

Como agora, enquanto ela levava seus mantimentos para seu carro. O nevoeiro comum em Portland, Oregon, no outono, tinha chegado, obscurecendo tudo a mais de cerca de doze metros de distância. Ela tinha estacionado seu Mercedes azul escuro perto do prédio e sob um poste de luz, mas quando ela abriu a porta traseira, ela ficou nervosa ao ver uma caminhonete preta estacionar ao lado dela, bloqueando sua visão tênue da loja, e bloqueando as visões dos funcionários sobre ela.

As janelas da caminhonete eram escuras.

Ela riu nervosamente. Provavelmente não era nada. Os assassinos em série não conduziriam nada tão óbvio, certo?

Certo?

Ainda assim, ela acelerou seu ritmo, não se importando de que ela estivesse jogando suas compras no banco de trás e a comida se espalhando por toda parte. Ela poderia salvar as cerejas no assoalho quando ela chegasse em casa, e as manchas de suco de framboesa no couro creme não pareceriam tão ruins.

Não era tão ruim quanto sangue.

Ela terminou e fechou a porta. Mas merda... o cercado para o carrinho estava a vários metros de distância. Seu coração começou a acelerar com a ideia de ficar tão longe de seu carro e da luz. Dane-se, ela podia deixar o carrinho aqui. Ela odiava quando as pessoas faziam isso, mas evitar a morte era uma desculpa tão boa quanto qualquer outra para ser preguiçoso.

Apressadamente, ela empurrou o carrinho na frente de seu carro, colocou-o sobre um bloco de concreto...

— O nevoeiro está ruim, não é?

Ela se virou com um grito assustado. Um homem atraente, talvez um metro e noventa e cinco com uma tatuagem de cruz celta no pescoço, estava entre ela e a porta do lado do motorista. Como ele chegou lá tão rápido?

Fique calma.

Mais fácil dizer do que fazer, mas ela daria uma chance. — Com licença — ela disse com firmeza. — Estou com pressa.

Ele não se moveu. — Eu tenho certeza que você está.

Tão casualmente quanto possível, ela procurou na sua bolsa por suas chaves e a lata de spray de pimenta presa nelas, mas, enquanto ela procurava, ela percebeu que as tinha deixado no banco de trás. Seu coração pulou uma batida e então bateu com tanta força e rapidez que ela sentiu em seus ouvidos.

Respirações profundas. Você não tem seu spray de pimenta, mas você não está sem armas.

O homem sorriu como se soubesse que ela estava sem o spray de pimenta e estava feliz com isso. — Problema? Algo que eu possa te ajudar?

— Não. Obrigada. Ela forçou um sorriso para ele e rezou para parecesse genuíno e não como se ela estivesse assustada. — Se você se afastar, eu vou simplesmente...

Ela parou quando, pelo canto do olho, detectou movimento. Outra sombra em forma de homem saiu do nevoeiro atrás da caminhonete e sua garganta se contraiu de terror. *Jesus, há dois deles.*

Nunca antes ela usou suas habilidades em uma emergência. Ela sempre se perguntou se ela *poderia* usá-las. E se ela congelasse diante do perigo? Mas agora, à medida que a adrenalina atravessava seu corpo, ela extraiu a magia antiga, e com uma única palavra, “maleseum”, ela atacou com sua arma mais poderosa, uma que seu povo geralmente apenas reservava para não-humanos, como demônios.

Um pulso intenso e quase esmagador de êxtase a sacudiu de dentro para fora, desencadeado pela ativação da magia. Era uma maldição, ou presente, de sua espécie, que exigia que liberassem sua energia através do sexo ou da magia, mas, de qualquer forma, o resultado era prazer, até mesmo, aparentemente, durante situações de vida ou morte.

Através da névoa do *morgasm*, como muitos de seus amigos o chamavam, uma barra de luz abrasadora explodiu de sua palma, atingindo o recém-chegado como uma

marreta. Ele voou para trás em um poste de luz e caiu no asfalto com um baque repugnante. Mas no tempo necessário para neutralizar o segundo homem, o primeiro se moveu para ela. A dor arrebentou seu rosto quando o punho dele acertou sua mandíbula. O estacionamento girou enquanto ela rodava e, em seguida, bateu no chão com força.

Apesar da dor e dos gritos dentro de sua própria cabeça, ela o ouviu murmurar algo como — Obrigado por isso — enquanto ele encaixava uma espécie de corda ou cordão ao redor de seu pescoço. Ela ofegou por ar, agarrando sua garganta, consciente de que ele a estava arrastando para o seu veículo.

Terror alimentou sua luta enquanto ela chutava selvagememente, mas seu atacante era forte e ela não podia impedi-lo de jogá-la pela porta lateral de sua caminhonete. Ela aterrissou com força em um assoalho de metal, e antes que ela pudesse processar o fato de que sua visão estava escurecendo, ela sentiu um golpe que a colocou em completo esquecimento.

Seu último pensamento antes de perder a consciência era que ela estaria em casa agora se não tivesse passado dez minutos se debatendo sobre Cheerios e Frosted Flakes.



CAPÍTULO 2

Hawkyn gemeu quando abriu os olhos, o cheiro de carne carbonizada despertando-o para a consciência.

Ele deve ter sido atingido por um ônibus. Ou uma bomba. Tinha que ser. À medida que sua visão clareava, percebeu que ele estava em um estacionamento, estendido na base de um poste de luz, e tudo voltou para ele.

Ele tomou uma decisão repentina, que provavelmente foi um grande erro.

Ele tinha ido a uma das localizações do seu Primori e, em uma reação instintiva, tentou interferir no sequestro de uma mulher, algo que era contra as regras do Memitim. E ele pagou por isso. Mas, caramba, a linda loira parecia com medo e desamparada, e ele sabia muito bem o que o dono da caminhonete iria fazer com ela.

Mas ela claramente não estava tão indefesa como Hawk pensou. Não, ela tinha um truque na manga. Um truque poderoso o suficiente para danificar um anjo. O que significava que ela não era humana ou era uma humana que possuía o tipo de magia que poderia ser exercida por muito poucos. Talvez uma membro do Aegis ou uma investigadora da Equipe Responsável por Atividades Demoníacas¹. Ela também poderia ser uma bruxa ou possuída por um demônio.

¹ Demonic Activity Response Team ou DART – Mencionada pela primeira vez no livro Lords of Deliverance – Rogue Ride

Interessante.

Ele olhou para o carro dela, lembrando-se do terror em seu rosto quando foi arrastada para a caminhonete. Hawk tentou ajudar mesmo depois que ela o explodiu, mas ela o deixou paralisado, incapaz de fazer mais do que mexer os seus dedos. Inferno, tomou tanto esforço quanto ele conseguiu para se manter consciente durante um curto período de tempo.

Os faróis de um carro que se aproximava atravessavam a neblina grossa e cegavam-no, lembrando-o de que ainda estava no chão, em público, a fumaça flutuava de uma ferida no peito ardente. A dor o atravessou enquanto ele lutava para se levantar. Ele precisava ver um curandeiro e rápido. O que quer que a fêmea tivesse atirado nele não estava curando tão rapidamente quanto deveria, e algo tão poderoso poderia continuar a causar danos até que a magia fosse neutralizada.

Agarrando sua caixa torácica carbonizada, ele mancou para o carro da fêmea e procurou por identificação, mas o desgraçado deve ter levado sua bolsa. O registro do veículo, no entanto, indicou que o Mercedes pertencia a uma Aurora Mercer. Ok, agora, o que? Ele tinha interferido com o destino, tentando mantê-la fora das garras do homem... mas seu destino seria ser capturada, ou ela teria usado sua arma em seu atacante em vez de Hawkyn?

Merda. Ele teria que corrigir isso, e rápido.

Mas agora, ele precisava de atenção médica. Ele só esperava que Aurora não precisasse tanto quanto ele.

Fracamente, em algum lugar distante, um galo cantou.

Um galo? Normalmente, era o cachorrinho do vizinho que acordava Aurora pelas manhãs. Ela não estava na cama dela em casa, ela estava?

Dor e teias de aranha em seu cérebro a deixaram confusa e em pânico quando ela abriu os olhos. Então, a merda ficou muito pior.

Ela estava no que parecia ser uma sala de metal gigante, uma caixa, talvez, iluminada por uma lâmpada única e fraca pendurada por um cabo de metal do teto. Ao

longo de uma parede havia uma mesa com rodinhas, os objetos em cima dela escondidos por um lençol. Isso era um contêiner? Ou um vagão de trem? Não importava, ela supôs, e pensar muito sobre isso só fez sua cabeça latejar mais. Ela sentiu gosto de sangue e, quando levantou a mão para testar a mandíbula inchada, correntes chocalharam.

Estremecendo, ela olhou para os grilhões em torno de seus pulsos e tornozelos. As correntes estavam presas a fortes âncoras nos suportes de metal da parede.

Oh Deus. No fundo do peito, o medo fez seu coração se encolher tão completamente que ela jurou que estava pressionando contra sua coluna vertebral.

Mas, ei, pelo menos, ela tinha um colchão mofado e manchado para se deitar, e seu sequestrador tinha deixado água para ela. Em uma tigela de cachorro. Havia outra tigela também, para ir ao banheiro, ela assumiu, dado o rolo parcial de papel higiênico ao lado. Quão atencioso.

Merda, ela estava com problemas.

Fechando os seus olhos, ela alcançou profundamente seus poderes, mas o formigamento vazio que sentia em seu peito era como ela temia; ela jogou toda sua energia em um homem no estacionamento, não deixando nada para o segundo.

Quantas vezes seus pais a avisaram sobre manter a cabeça fria em tempos de crise? Seu povo tinha sido guerreiro desde o dia em que seu criador tinha cruzado um bruxo humano com uma succubus que drenava os seres humanos de sua energia e força vital. Mas Aurora tinha dado as costas àquela história. Tinha se imaginado uma rebelde... o que também era uma marca registrada de sua espécie.

Seu criador havia tentado se aproveitar do poder deles para seus próprios propósitos sádicos, usando-os como soldados em sua tentativa de arrancar o poder dos governantes dos antigos impérios humanos. Mas o povo de Aurora se rebelou, matando-o e seus associados, e então se espalharam, vivendo entre humanos. Acasalando com eles. Praticamente se tornando como eles.

E agora, porque ela abraçou a humanidade e abandonou sua essência guerreira, provavelmente ela iria ter uma morte lenta e torturante, assim como seu irritante irmão

fuzileiro da Marinha a tinha advertido. Ele tentou prepará-la, para deixar claro que se deve aprimorar todas as habilidades que eles tinham à sua disposição e que sua recusa obstinada em usar magia falharia algum dia.

Ela odiava que ele estivesse certo. Ela praticamente imaginou Aaron falando em seu funeral.

— *Eu tentei dizer a ela. Faça algumas aulas de autodefesa. Pratique sua magia. Construa seu vigor. Mantenha a sua capacidade de vigilância. Mas não, ela preferiu viver e morrer como um humano do que abraçar o que a tornava especial. E agora tenho que tirar um tempo do meu dia para o seu funeral.*

Ok, então ele não era *tão* insensível. Mas ainda assim. Ele ficaria *tão* decepcionado com ela.

O som de passos do lado de fora a afugentou dos pensamentos vagos que ela não deveria estar desperdiçando seu tempo. Aaron, sem dúvida, teria gasto seu tempo planejando uma fuga. Ela o tinha decepcionado novamente.

Verdade seja dita, ela também tinha se decepcionado.

O metal ressoou e o terror fez até seus órgãos tremerem quando a porta do contêiner se abriu. Através da abertura estreita, o homem do estacionamento entrou.

A escuridão do exterior parecia se espalhar com ele. Seus tênis soaram com força quando ele se moveu em direção a ela, um canto de sua boca torcido em um sorriso perverso.

— Olá, Aurora — ele disse, quase agradavelmente, como se ele a acolhesse em sua casa.

Tornando as coisas ainda mais perturbadoras, ele não parecia um monstro. Seus cabelos ruivos limpos e aparados e óculos lhe davam uma aparência não ameaçadora, e o jeans e a camisa polo verde completavam sua aparência nerd, eu-sou-amável. Ele era Jack, o estripador, com roupa de Dexter.

Ela não respondeu, mas então, ele provavelmente não esperava que ela fizesse.

— Você não está curiosa sobre como eu sei seu nome? — Ele perguntou.

— Eu suponho que você tem a minha bolsa.

— Oh, querida, você é inteligente para uma massagista. — Ele se aproximou, apenas alguns passos, e seu pulso acelerou um pouco. — Eu sou Jason. Jason Drayger. — Ainda tão agradável. Ela se perguntou se ele seria tão legal enquanto ele a estivesse cortando. — Posso fazer qualquer coisa para tornar a sua estadia mais confortável?

— Ela ergueu os pulsos. — Chaves seria ótimo.

— Eu acho que nós dois sabemos que isso não vai acontecer.

Claro que não. Mas ela tinha que manter a sua cabeça à frente. Jogue junto para ganhar tempo para planejar. Ela não era burra o suficiente para pensar que ela poderia convencer o desgraçado para deixá-la ir, mas se ela pudesse ter suas mãos sobre ele, ela poderia absorver a energia dele, recarregar bastante a dela e usá-la para escapar.

— Você poderia pelo menos afrouxar os grilhões, Sr. Drayger?

Ele lhe deu um olhar tipo, *boa tentativa*. — Isso também não acontecerá.

— Então, por que você perguntou se você poderia fazer qualquer coisa para me deixar mais confortável?

— Apenas para manter suas esperanças, acho.

— Que esperanças?

— Que você vai sair daqui viva.

Suas palavras arrepiantes fizeram seu intestino se virar em um violento salto mortal. Ela sabia que estava com problemas e que ia morrer. Mas ouvi-lo dizer isso, ouvi-lo brincar com ela, era demais para lidar e ela teve que engolir repetidamente para evitar de vomitar.

— O que você vai fazer comigo? — Ela murmurou, o esforço de manter seu jantar, deixando a sua voz áspera.

— Achei que você perguntaria isso. Todas elas perguntam. — Ele levantou um canto do lençol cobrindo a mesa e pegou um álbum de fotos. Ele soprou o pó da superfície e jogou-o no colchão ao lado dela.

Não olhe. Não. Olhe.

Ela sabia que não deveria, especialmente tendo em conta o brilho de antecipação assustador nos olhos azuis pálidos de Drayger, mas ela abriu a capa de qualquer maneira.

Ela imediatamente desejou que não tivesse.

Horror encheu a boca com a bile e o estômago revirou novamente. Aquela pobre mulher.

Ela empurrou o álbum tão forte que ele pousou no chão, derramando mais fotos horríveis de várias mulheres de suas capas esfarrapadas.

— Quarenta e uma no total — ele disse, apontando para o álbum. — Mas cinco, que eu não tirei fotos. Com as primeiras, você se encontra, sabe? Tentando juntar sua merda. Descobrindo o que funciona e o que não funciona. Além disso, toda essa adrenalina está fluindo através de você, e você não pensa direito. — Ele sorriu melancolicamente. — Mas eu transformei isso em uma arte agora. Vou deixar esse álbum com você para que possa ver o que está no seu futuro.

— Seu doente do caralho — ela declarou. — Seu desgraçado maldito. — *Quarenta e seis mulheres?* Como ele ainda não foi apanhado?

— Eu? Maldito? — Ele resmungou. — Vamos falar sobre a magia negra que você possui. Ou você vai negar o que você fez no estacionamento?

— Negar? — Isso seria inútil, já que ele claramente tinha testemunhado o poder que fluíu de suas pontas dos dedos. — Não — ela cuspiu. — Na verdade, eu faria isso novamente. Só espero que seu amigo tenha sofrido antes de morrer.

O riso afiado de Drayger ecoou pelas paredes. — Aquele cara que você explodiu não era meu amigo. Não tenho ideia de quem ele era. Você abateu um bom samaritano que provavelmente estava tentando ajudá-la.

Ela sentiu o sangue drenar do seu rosto. — Oh, meu Deus — ela sussurrou. — Oh, Jesus.

Drayger grunhiu. — Não invoque o nome dele. Ele não vai te ajudar, bruxa. — Ele se aproximou, sua atitude amável transformou-se em algo distorcido e feio que

combinava com seu interior. — Eu lidei com seu tipo antes, você sabe. Minha mãe fazia... coisas. Ela me ensinou a reconhecer o seu mal.

A mente de Aurora ainda estava girando com o conhecimento de que ela havia matado algum humano inocente, mas de alguma forma ela tinha que permanecer no assunto. Fazer perguntas que podiam ajudá-la mais tarde.

— São... são todas as mulheres em seu livro...

— Elas eram todas usuárias malignas de magia. — Ele cuspiu no chão como se apenas falando sobre magia o desgostasse. — Demônios, algumas delas. Ou metamorfos. Mas, principalmente bruxas humanas.

— Então, é por isso que você me escolheu? — Choque a atravessou. Foi cuidadosa quando se tratava de usar suas habilidades. — Você estava me perseguindo?

— Sabe o que é louco? — Ele perguntou, e ela mordeu a língua antes que ela pronunciasse a resposta óbvia “Você”. — Foi pura sorte que eu ter encontrado você. Parei no supermercado para comprar leite e lá estava você, irradiando uma aura não natural como um sinal de néon.

Deus, não era de se admirar que ele não tivesse sido pego ainda. Os analistas de perfis provavelmente estavam ficando loucos tentando descobrir o que suas vítimas tinham em comum, e a menos que alguém trabalhando no caso estivesse ciente do submundo, poderes sobrenaturais como um fator comum nunca lhe ocorreria.

Ele levantou a bainha de sua camisa para revelar uma bainha de couro amarrada em seu abdômem, um cabo de faca saltando dela, e o coração dela saltou em sua garganta. Ele deslizou a lâmina e a sacudiu em sua mão com precisão que fez sua pele arrepiar.

— Agora, não se preocupe — ele disse enquanto testou a ponta da faca. — Eu não vou matá-la imediatamente. Temos dias de preliminares à nossa frente. Esta noite é apenas uma prova.

Dentro de sua cabeça, ela começou a gritar, sabendo que os gritos reais começariam em breve.



CAPÍTULO 3

— Cara. Isso é fodido. Isso dói?

— O quê, — Hawkyn cerrou os dentes, sua respiração vindo irregular — esse buraco no meu peito? Sim. Dói um pouco.

Vestido de uniforme verde, Darien, o meio-irmão de Hawkyn e o curandeiro residente de Sheoul-gra, gesticulou para uma cadeira em seu escritório. — Você pelo menos salvou seu Primori?

Era bastante seguro assumir que qualquer Memitim ferido havia sofrido os danos durante uma batalha para proteger seus Primori, e Hawk estava perfeitamente bem em deixar Darien acreditar que isso era verdade neste caso. Todos os milhares de Memitim eram irmãos e irmãs de Hawkyn, gerados pelo mesmo macho, mas, funcionalmente, não eram diferentes de ninguém na população em geral, apunhalando uns aos outros nas costas, lutando e sendo idiotas. Hawkyn confiava em alguns Memitim, e Darien não era um deles.

— Meu Primori está bem — ele disse, o que era verdade.

— E o cara que fez isso com você?

— Era uma mulher. E eu não sei. — Uma imagem dela, impotente e com medo, encheu-o de culpa enquanto tirava a camisa arruinada e afundava na rígida cadeira de plástico. Ele tinha visto muita fealdade em seus séculos de vida, mas por alguma razão,

isso estava afetando-o mais do que o habitual. Mas ele não poderia fazer nada sobre isso, se não cuidasse de seus ferimentos. — Então, você pode me consertar, ou o quê?

A expressão cética de Darien era tudo o que Hawk precisava como resposta. — Eu sou melhor com lesões não-mágicas. Se você tivesse sido eviscerado com uma espada, seria bem a minha praia. — Ele se ajoelhou ao lado de Hawkyn com um pequeno frasco de líquido verde brilhante. — Isso pode funcionar, mas eu preciso saber que tipo de demônio fez isso com você.

— Não faço ideia. Ela vibrou humana. — Uma humana que estava, sem dúvida, sofrendo agora.

— Uma bruxa, então? Uma Aegi?

— Não sei. Talvez. Com a ofegada aborrecida de Darien, Hawkyn deu uma das suas. — Então, você pode me consertar? — Ele repetiu.

— Eu lhe disse, sou melhor com lesões de origem não mágica.

— Isso não é muito útil.

— Você sabe o que não é útil? — Darien gesticulou para a ferida carbonizada de Hawkyn. — Sua incapacidade de identificar o tipo de arma que o feriu.

— Não sei o que dizer. A fêmea me explodiu com uma espécie de luz azul prateada. A próxima coisa que me lembro, eu estava acordando com uma pilha de carne fumegante.

Os dedos de Darien alisaram sobre as bordas da ferida, e Hawkyn sibilou com dor. — Está parcialmente curado. Quanto tempo você ficou desmaiado?

— Eu não sei. Talvez uma hora.

— Droga. — Darien franziu a testa. — Devia ter curado mais do que isso.

Dã. — É por isso que estou aqui.

— Ok. — Darien levantou o frasco e tirou a rolha de borracha. — Eu vou tentar este elixir nisso. É bom para muitos dos tipos de feitiços que bruxos humanos usam.

— Eu não acho que foi um feitiço. Parecia inata e orgânica. — Os feitiços lançados pelos seres humanos eram frequentemente precedidos por um formigamento de advertência que Hawkyn podia sentir como pequenas picadas em seu couro

cabeludo, mas habilidades que eram características de espécies geralmente não davam aviso detectável, o que era inconveniente.

A mão de Darien fez uma pausa com o conta-gotas pairando sobre o corte pulsante. — Então... pode haver alguns efeitos colaterais.

— Que tipo de efeitos colaterais? — Era uma aposta segura de que Darien não estava falando sobre boca seca, visão turva ou vazamento anal.

— Depende da espécie da fêmea que exerceu o poder. E o próprio poder, é claro.

Isso não pareceu bom. Hawkyn estreitou os olhos para o curandeiro. — Exemplos?

— Bem, eu usei uma vez em uma bolha estranha que se formou no braço de Llewellyn depois de uma batalha demoníaca de Thraycer. O elixir fez com que bolhas surgissem em todo o corpo. Você não quer saber o que saiu delas. Os olhos castanhos de Darien brilhavam com entusiasmo. Ele sempre teve uma veia estranha para os percalços médicos. — Ooh, e uma vez eu usei isso em Gladys quando um ser humano lançou um feitiço de vingança que a deixou cega. Ele restaurou sua visão, mas causou insanidade temporária e perda de controle intestinal por uma semana.

Então... o vazamento anal era uma preocupação.

Hawkyn olhou para seu meio-irmão. — Onde você conseguiu seu treinamento médico? Hogwarts?

— Ha. Engraçado. Fiz um ano e meio de estágio no Underworld General.

— Eles o demitiram, por acaso?

Darien parecia ferido. — Demissão é uma palavra forte. Olha, se você apenas... oops.

— *Oops?* — Hawk olhou para baixo onde uma gota do suco mágico misterioso de Darien tinha caído em sua ferida. Um mau cheiro e um ruído sibilante se elevaram conforme o líquido foi absorvido, desaparecendo na carne mutilada. — Você está brincando comigo?

— Foi apenas uma gota. Provavelmente não foi suficiente para afetar qualquer coisa — disse Darien rapidamente. — Provavelmente.

Hawk empurrou o sujeito para longe e se pôs de pé. — Deixa para lá. Eu vou simplesmente passar pelo hospital.

— Eles tratam os demônios — lembrou Darien. — Não anjos.

Ele alcançou a porta, estremeando com o alongamento de seus músculos. — Somos meio demônio.

— Nós somos *meio* anjo caído — argumentou Darien. — Há uma diferença.

Não de acordo com muita gente. — Você já conheceu nosso pai? Azagoth é um demônio, se é que eu já vi algum. Ele deixou de ser qualquer tipo de anjo há muito tempo.

Darien assentiu enfaticamente, sua longa franja batendo contra suas bochechas. — Especialmente ultimamente.

— Não brinca. — Hawkyn fez uma pausa com a porta meio aberta. — O que há com seu traseiro rabugento?

Dando de ombros, Darien colocou a rolha de borracha de volta no frasco de elixir. — Eu ouvi Zhubaal e Hades conversando outro dia. Eles disseram que ele está exigindo acesso ao Conselho Memitim. E vários dos nossos irmãos e irmãs mencionaram que ele está fazendo perguntas estranhas.

Hawkyn franziu a testa. — Perguntas? Como o quê?

— Coisas pessoais. É bizarro. Ele nunca se interessou por nós antes, e agora ele está querendo a história de nossas vidas.

Isso era bizarro. Azagoth sempre adotou uma abordagem fria e separada da paternidade, tratando todos os seus filhos mais como inquilinos do que familiares.

— E ontem — continuou Darien — ele estava com raiva o dia todo. Nem mesmo Lilliana ousou atravessá-lo. Você deveria tê-lo visto no jantar. Ele devorou um bife como se fosse a alma de alguém. Ele estava fodidamente *rosnando*.

— Sim? Você sabe o que mais está rosnando? — Hawk olhou para o abdômen destruído. — Minha ferida, graças à lama radioativa que você gotejou nela.

Darien riu. — Você acha que Underworld General será melhor?

— Não pode ser pior.

Engraçado, mas Darien não tinha nada a dizer sobre isso, e Hawkyn não tinha certeza se isso era bom ou não.

A equipe do Hospital Underworld General não eram as pessoas mais simpáticas que Hawkyn já conheceu, mas eles o consertaram rapidamente, e sem usar poções loucas misteriosas. Eles até chamaram o médico chefe depois que a irmã germana² de Hawkyn, Idess, tinha explicado quem ele era. O UGH pode ser especializado no tratamento de demônios, mas os filhos de Azagoth e irmãos de Idess recebiam tratamento de primeira classe.

Quando ele começou a sair do prédio, localizado sob as ruas movimentadas de Manhattan, Idess lhe deu um abraço. — Vou levar Mace para ver seu avô amanhã. Você estará lá?

Idess estava acasalada com um dos irmãos Seminus que dirigiam o hospital, e eles tinham uma criança impetuosa e de cabelos escuros, que era cheio de travessura e que poderia ser apenas o que aliviaría o humor de Azagoth.

— Se eu estiver, eu me certificarei de vê-los.

Ela gesticulou para as portas deslizantes da emergência para o estacionamento. — Onde você está indo?

Ele hesitou. Idess tinha quebrado as regras Memitim para um de seus Primori, então ele provavelmente poderia confiar nela, mas...

— Ainda não decidi — ele mentiu. Ele hesitou novamente, e então, bem, foda-se. — Idess?

— Sim?

— Quando você era Memitim, você teve que proteger alguns vermes reais, não foi? Incluindo um assassino?

Ela ergueu uma sobrancelha. — Cuidado, irmãozinho. — Seu tom emitindo um aviso divertido, lembrou-o de Suzanne. Mas dado que ele, Suzanne e Idess eram irmãos

² Irmãos germanos (Full siblings: full brothers ou full sisters) possuem o mesmo pai e a mesma mãe.

germanos, com séculos de distância, ele não estava surpreso. — Esse assassino é agora meu companheiro.

— Mas ele não é mais um assassino — ele apontou. — Ele é sócio do hospital, e ele trabalha aqui, certo?

Ela assentiu. — No necrotério.

Uma vez que o toque com mão nua do cara era fatal, trabalhar com pessoas mortas parecia um bom trabalho para ele.

— Ok — ele disse — mas como foi ter que proteger alguém que matava por dinheiro?

— Sobre o que é isso, Hawk? — Idess cruzou os braços sobre a blusa de uniforme preta que usava sobre um jeans. Ela tinha a postura da mãe. — Um dos seus Primori é um assassino?

— Assassino em série.

Ela estremeceu. — Sim, isso é difícil. Eu sei que as pessoas más afetam a mudança na sociedade humana de maneiras que não podemos entender no momento, mas ainda é difícil de suportar e deixá-las causar estragos. Eu tive que cuidar de um número de Primori verdadeiramente nojentos nos meus dois mil anos de serviço, e aqueles que torturavam e matavam por prazer foram alguns dos piores.

De acordo. Mas, de alguma forma, Hawkyn tinha conseguido se desconectar da vida de seus Primoris, obrigado a protegê-los, não importando o que. E ele ainda faria. Mas ele não conseguiu esquecer os olhos de terror de Aurora.

— Como você lidou com isso? — Ele perguntou, baixando a voz como se o hospital estivesse cheio de membros do Conselho Memitim em vez de vampiros, demônios e lobisomens. — Você ficou tentada a salvar as vítimas?

— Todo o tempo — ela suspirou. — Se não fosse pelo meu irmão me deter, eu poderia ter feito isso.

— Isso teria sido tão ruim?

Ela piscou surpresa, e ele não podia culpá-la. Ele ficou tão surpreso que essas palavras saíram de sua boca.

— Hawkyn, eu pensaria que você de todas as pessoas entenderia a necessidade de não interferir na vida de nossos Primori. Você não quer se juntar ao Conselho Memitim quando você ascender? Não acontecerá se você quebrar uma regra como essa.

Bem consciente desse fato, ele engoliu em seco. — Eu só estou curioso.

Ela não parecia comprar. — Uma vez — ela disse, baixando a voz do jeito que ele tinha feito — quando eu tive um colapso com a morte de uma adolescente nas mãos de um dos meus Primori, um rei que começou a estuprar e assassinar seus próprios súditos, um membro do Conselho rompeu com o protocolo dizendo que o rei não era Primori porque ele era um grande governante que faria a diferença no mundo. De fato, seu nome foi, merecidamente, perdido para a história. Ele era Primori porque estava destinado a matar a menina. Se ele não tivesse feito, ela teria dado à luz alguém que teria mudado o curso da história e faria Calígula parecer manso e doce. — Ela respirou fundo. — Ainda é difícil pensar nisso, mas você precisa confiar que o sistema funciona e se lembrar que noventa por cento das pessoas que você protege são boas. Nós apenas tendemos a ficar obsessivos com os maus.

Ele confiava no sistema. Mas quando ele apareceu naquele estacionamento e viu que o Primori estava prestes a sequestrar uma mulher, Hawkyn tinha tentado instintivamente impedir isso. Agora ele ficou com uma pergunta ardente: a Sra. Mercer estava fadada de morrer nas mãos de Drayger... ou a presença de Hawkyn impediu a fuga que ela deveria fazer?

Inferno, talvez o destino de Drayger fosse morrer da explosão que Hawkyn tinha tomado em vez dele. Nesse caso, a interferência de Hawk havia mudado a história. E, em caso afirmativo, ele estava com muitos problemas. Ele poderia dar adeus à adesão ao Conselho Memitim... e isso era presumir que ele até fosse autorizado a ascender e se tornar um verdadeiro anjo em primeiro lugar.

— Obrigado, Idess — ele murmurou.

— Por nada. Eu te vejo mais tarde. — Ela estreitou os olhos, indo toda de irmã mais velha sobre ele. — E não faça nada estúpido.

— Não sonharia com isso.

Exceto que era uma mentira. Ele tinha que encontrar Aurora antes que Drayger a matasse, e ele só podia rezar para que ele a tivesse levado para um dos lugares que Hawk conhecia. O cara parecia ter um número incomum de masmorras, e de acordo com o guardião Memitim anterior de Drayger, ele movia suas vítimas, raramente mantendo-as em um lugar por mais de dois dias. Se ele se mantivesse fiel ao seu padrão, Aurora seria mantida viva por duas semanas em três locais diferentes.

Hawk só tinha que esperar que Drayger não se desviasse de sua rotina habitual, como fizera algumas vezes no passado.

Xingando baixinho, Hawkyn saiu para o estacionamento subterrâneo, que não estava protegido pelo feitiço do Underworld General que impedia a entrada e a saída por qualquer meio, exceto as portas da Emergência e o Harrowgate. Uma vez lá fora, ele endireitou os ombros e soltou suas asas, apêndices sombras que o tornavam único entre seus irmãos sem asas e que lhe permitia se cobrir em uma bolha de invisibilidade.

Seus irmãos e irmãs também poderiam se tornar invisíveis, mas eles não pareciam tão legais fazendo isso.

As asas completamente estendidas e o manto de invisibilidade engatado, ele passou os dedos sobre a marca de Drayger em seu pulso e foi imediatamente transportado para a localização do seu Primori, um prédio de escritórios no centro de Portland.

Drayger estava na Interim, uma empresa de software para computador onde trabalhava como desenvolvedor de banco de dados. Era ao mesmo tempo uma boa e uma má notícia que ele estivesse aqui. Isso significava que ele não estava prejudicando ninguém, mas também significava que Aurora seria mais difícil de encontrar.

O humano parecia tão inofensivo sentado em sua mesa em calça caqui e camisa polo verde da empresa, sua caneca “I ♥ computadores”³ cheia de café fumegante, seus bibelôs e uma foto de sua mãe perto. Tudo uma tentativa de parecer normal. Os psicopatas costumavam ser surpreendentemente hábeis em se integrar. Drayger era um camaleão, e ele era bom nisso.

³ No original “I <3 Computers”

Mas Hawkyn tinha visto o verdadeiro Drayger. Ele viu o que estava debaixo do rosto que Drayger usava em público e quando ele estava brincando com suas vítimas. O verdadeiro homem embaixo da máscara ainda parecia humano, mas a humanidade havia desaparecido. Seus olhos eram frios e mortos, sua postura ereta com o tipo de confiança perturbada que só aqueles que não temiam a dor ou a morte possuíam. Uma energia escura o cercava, o tipo sedutor que atraía outros seres malignos.

E ele podia ligar e desligar isso em um segundo.

Hawkyn desprezava o desgraçado, ficava doente de que alguém como ele tivesse a proteção angélica. Mas Hawk seria o primeiro na fila para matar o filho da puta, uma vez que a proteção não fosse mais necessária. Os anjos estavam proibidos de matar os humanos, não importa o quão maus fossem, mas de vez em quando a permissão para isso era concedida, e Hawkyn pretendia conseguir a autorização para livrar o planeta de Jason Drayger, não importando o custo.

Satisfeito pelo fato de que Drayger estava ocupado, Hawk passou para o primeiro de vários esconderijos, uma antiga adega em uma fazenda abandonada. Estava vazia de tudo, menos um colchão imundo, manchas de sangue e ferramentas desagradáveis que ele usava em seu horrível hobby.

Os mesmos resultados na residência de Drayger, no galpão na propriedade que Drayger cuidava, enquanto o irmão dele, Ben, estava no exterior trabalhando para uma empresa de petróleo e na caverna escondida no fundo da Montanha Hood na Floresta Nacional.

A coisa estranha sobre a caverna era a falta de ferramentas de tortura óbvias e um colchão. Apenas um martelo, uma serra de mão enferrujada, uma machadinha e algumas cordas estavam em bobinas arrumadas no chão da caverna, nada que seria suspeito para qualquer um que tropeçasse no lugar.

Bem, merda. Esses lugares eram os únicos dos quais Hawkyn sabia.

Onde ela estava? O que Drayger já havia feito a ela? E o que Hawkyn faria uma vez que a encontrasse?

Talvez houvesse uma maneira de descobrir se o destino do Primori ainda estava no caminho certo... o que significaria que Hawkyn não havia ferrado tudo. Mas também significaria que Aurora Mercer estava exatamente onde deveria estar.

E enquanto isso seria uma boa notícia para o futuro de Hawkyn, seria muito, muito ruim para o dela.



CAPÍTULO 4

O intestino de Hawkyn estava se revirando enquanto ele caminhava de um lado para o outro na Pedra de Invocação, um quartzo rosa do tamanho de um campo de futebol colocado no centro de um gazebo recém-construído à beira do centro de treinamento Memitim em Sheoul-Gra. Com alguma sorte, alguém da embaixada Memitim no Céu apareceria aqui para vê-lo, mas, em sua experiência, parecia haver uma chance de 50% de isso acontecer... o que ainda era uma chance muito melhor do que conseguir alguém do Conselho Memitim a aparecer. Se eles já tivessem visitado Sheoul-Gra, ele não estava ciente disso.

Ele daria a embaixada quinze minutos mais, e então ele sairia daqui.

Passos atrás dele o fizeram girar em alívio, mas quando viu seu pai de pé com calças pretas e uma camisa com botões, intensos olhos verdes brilhando como esmeraldas quentes, o intestino de Hawkyn caiu sobre suas botas.

— Hawkyn. — A voz profunda de Azagoth enviou um vislumbre de pavor através da medula de Hawk. Seu pai era intimidante no melhor dos dias, mas ultimamente seu humor tinha sido tão negro quanto seus cabelos e roupas.

Curvando-se, Hawkyn inclinou a cabeça em saudação. — Sim senhor.

— Ouvi dizer que você foi ferido.

— Eu estive, mas estou bem agora. — Ele gesticulou na direção do arsenal, onde ele estava era responsável pelo estoque e aquisições. — Se você está se perguntando sobre o relatório que você pediu, eu enviei para sua mesa ontem...

Azagoth acenou com a mão. — Eu vou chegar nisso esta tarde. — Ele olhou para Hawkyn o suficiente para fazê-lo começar a suar, e assim que Hawk começou a ficar inquieto, seu pai falou. — Você nunca me falou sobre sua infância.

Hawk engoliu em seco, lembrando que Darien lhe havia dito que Azagoth estava fazendo estranhas perguntas pessoais. — Não, senhor, não falei.

— Conte-me.

— Eu realmente não acho que seja importante.

A brisa ficou fria, refletindo a voz de Azagoth, e Hawkyn resistiu ao impulso de tremer. — Eu perguntaria se não fosse importante?

Hawkyn ignorou a questão retórica. — Minha infância não foi diferente de qualquer outro Memitim. — Exceto Suzanne, que levava uma existência encantada antes que seu primeiro mentor Memitim a tivesse arrancado de sua vida humana. — Foi uma merda. — Com a sobancelha arqueada de Azagoth, Hawkyn sabia que ele não iria fugir com uma explicação vaga. Seu pai queria detalhes, e apenas um idiota negaria a Azagoth o que ele queria. — Eu cresci em um asilo de pobres⁴ em Londres. As pessoas que o dirigiram disseram que fui deixado na porta quando era um recém-nascido.

— Ninguém adotou você?

Ele riu. — As crianças que foram “adotadas” naquela época eram frequentemente levados para serem usadas como escravas ou aprendizes.

— As crianças que vivam nos asilos de pobres e nos orfanatos não eram tratadas melhor, não é?

⁴ No original “workhouse”. Na Grã-Bretanha, durante os séculos XVII a XIX, as workhouses eram instituições públicas onde os pobres realizavam trabalho não remunerado em troca de comida e alojamento.

Não, realmente não. E por que diabos eles estavam falando sobre isso? Relutantemente, ele respondeu à pergunta de seu pai, antes que ele se ficasse impaciente. Um Azagoth impaciente era um Azagoth assustador.

Então, novamente, também era um Azagoth paciente.

— Assim que pudéssemos, nós éramos obrigados a pagar por nossos cuidados. Nós conseguíamos dinheiro, de qualquer modo que podíamos. Mendigando, roubando, fazendo biscates, prostituição.

A expressão de Azagoth não mudou, e, no entanto, Hawk sentiu a ira se espalhar por ele. Mas por quê? Até o ponto em que Hawk sabia, Azagoth não se importava sobre como seus filhos tinham crescido. Ele sempre disse que o agora era o que importava. Eles cresceram do jeito que tinham para moldá-los em guerreiros. Tudo tinha sido para o bem maior e toda essa besteira de resposta padrão.

— Houve alguma vez em que não foi ruim? Quando você esteve feliz?

Feliz? Azagoth estava brincando?

As lembranças que ele pensava terem sido enterradas há muito tempo voltaram para ele, e com isso, a raiva. Os sentimentos de abandono. Naquela época, ele pensou que ele era humano e que seus pais humanos, provavelmente devastadoramente pobres, tinham desistido dele como último recurso.

Agora, sabendo que seus pais eram poderosos além da imaginação e o deixaram intencionalmente em uma situação de merda, ele estava ainda mais irritado. Sim, ele sabia por que eles tinham feito isso. E ele sempre conseguiu esconder suas emoções. Mas ele não podia mais negar que aquelas emoções, de fúria e mágoa, haviam fervido logo abaixo da superfície de sua mente há séculos.

— Não, pai, sempre foi ruim. — As mãos de Hawk se enrolaram em punhos em seus lados. — Eu não me lembro de ter uma barriga cheia ou estar limpo. Nunca fui feliz. Nenhuma vez. Nunca. Até o dia em que meu mentor Memitim chegou para me salvar do inferno que era minha vida. Ele pode até ter salvado a minha vida. Eu estava prestes a perder uma mão por roubar um pedaço de pão.

Durante muito tempo, Azagoth não disse nada. Ele simplesmente ficou ali, seus olhos brilhando como vidro verde enquanto olhava para Hawkyn.

Finalmente, ele gesticulou sobre o ombro de Hawkyn. — Você tem companhia.

Hawk se virou para encontrar Jacob, um Memitim que tinha ascendido há quase um século, parado perto da Pedra de Invocação. Suas asas marrons, que combinavam com o cabelo e os olhos, estavam totalmente estendidas, provavelmente para mostrá-las ao seu humilde meio-irmão e não ascensionado.

— O que você quer? — Ele perguntou com um tom esnobe.

— Eu... — Hawkyn virou-se para Azagoth, mas o pai deles havia desaparecido. Bem, era uma coisa menos a se preocupar.

— Você o que?

Droga, mas Jacob era irritante. Mas então, ele era irritante, mesmo antes de ter recebido suas asas e um bom trabalho na embaixada Memitim, que era realmente mais uma agência reguladora, mas o que quer que fosse.

— Eu sei que não devemos estar a par do futuro dos nossos Primoris, mas saberíamos se o futuro deles se desviou?

Jacob ajustou a faixa carmesim que mantinha as vestes metálicas de prata e bronze da embaixada fechadas. — Porque pergunta?

— Não sei — Hawkyn disse, casualmente. — Eu só estou curioso.

— Entendo. — Jacob guardou suas asas em uma lufada de ar que espalhou o cabelo de Hawkyn. — Você não saberia. Nós saberíamos.

A respiração de Hawkyn recuou em seus pulmões como cimento, e ele não pode respirar por meia dúzia de batimentos cardíacos. A linha de destino de Drayger havia saído do caminho, e os idiotas da embaixada sabiam?

Fique calmo. — Como?

Jacob estudou as unhas, enrolando, apreciando claramente o poder que ele exercia. A doninha.

Finalmente, ele cruzou os braços sobre o peito, fazendo suas vestes balançarem em torno de seus pés descalços. — Cada Primori tem um tipo de arquivo — explicou.

— Esses arquivos são monitorados, e se qualquer coisa correr mal ou o Primori morrer antes de seu tempo, recebemos um alerta.

— O que acontece depois que você recebe um alerta?

Jacob bufou como se tivesse irritado com a conversa. — Varia. Às vezes, deixamos a situação se resolver. Às vezes, advertimos ao guardião Memitim do Primori de que seria melhor corrigir a situação, e às vezes não há nada que possamos fazer, senão tentar mitigar o dano reorganizando a vida de outros para obter os resultados que precisamos. — Ele fez uma pausa, trancando os olhos com Hawk. — Existe alguma coisa que você queira me dizer?

— Nada. — Hawkyn sorriu, esperando que Jacob comprasse suas besteiras. — Estou apenas esperando juntar-me ao Conselho Memitim um dia, então estou tentando aprender todas as coisas dos bastidores agora.

Jacob riu. — Você acha que isso lhe dará uma vantagem? Idiota. Tenho sido um anjo completo há décadas, e nem estou na lista de espera para me candidatar ao Conselho.

— Talvez você devesse ter feito perguntas antes de você ascender — ofereceu Hawkyn. — Como eu estou. — Jacob sempre foi um preguiçoso, fazendo o mínimo de esforço necessário para fazer concluir o trabalho.

— Foda-se. — Desnudando os dentes, Jacob abriu as asas novamente. — Eu falei com sua mãe no outro dia. Você sabia que ela está no Conselho? Ela se juntou recentemente. Ela me apresentou a seu companheiro e aos seus três lindos filhos. A maioria de nossas mães nunca teve família por causa da culpa que sentem por nos entregar. Mas não a sua. Ela adora seus filhos. Ama-os com loucura. — Seu sorriso tornou-se malévolo. — Você já a conheceu? Onde ela te deixou quando bebê, eu me pergunto...

Hawkyn esmurrou o idiota. Bateu o seu punho no rosto perfeito de Jacob. O estalo do osso foi a coisa mais satisfatória que Hawkyn sentiu em anos. Não importava que os ossos de Jacob foram reparados em um instante e que o sangue desapareceu sem deixar vestígios. Sentiu-se bem.

— Você — grunhiu Jacob — tem sorte de ter algum lugar para estar agora. Mas cuide de suas costas, irmãozinho.

Jacob desapareceu de Sheoul-gra antes de que Hawkyn pudesse responder. Sorte de Jacob, já que a resposta de Hawk teria sido muito mais dolorosa do que um soco na cara.



CAPÍTULO 5

Poucos segundos depois que Jacob desapareceu de Sheoul-Gra, Hawkyn fez o mesmo. Então, ele passou quase todos os minutos das próximas trinta e seis horas sombreando Jason Drayger ... sem qualquer resultado.

Hawkyn deixou Drayger sozinho duas vezes. A primeira vez foi durante um período de quatro horas, quando um dos seus outros cinco Primori estava em perigo, o perigo que nunca se materializou. Mas quando Hawk voltou para Drayger, o sujeito estava dirigindo para casa, sangue respingado em sua camisa e sua calça.

Era o sangue de Aurora, e Hawk sabia disso. Ele se sentiu doente do estômago e furioso por ter perdido a oportunidade de localizá-la. A culpa pesou nele como uma mortalha molhada, e por se sentir culpado, ele deixou Drayger tomar banho e ir para a cama, e Hawk foi para a casa de Aurora para ver quem ela era.

Para ver quem Drayger estava ferindo.

Quando Hawkyn percorreu sua pequena casa de um quarto no peculiar Distrito Pearl de Portland, ele não pôde deixar de sorrir para a alegre decoração retrô dos anos 50 e as delicadas decorações de vidro e vitrais pendurados em suas janelas. Estatuetas de ouriço e velas perfumadas ladeavam algumas prateleiras pequenas e, enquanto ela tinha algumas fotos de familiares emolduradas nas paredes, havia fotos muito mais artísticas de Portland e dos arredores.

Seu lugar era aconchegante e acolhedor, e ele teve a impressão de que isso era mais do que uma casa para Aurora; era um santuário. De seus móveis estofados ao tapete de ioga no canto, a fonte de água borbulhante na entrada e o jardim de pedra japonês que enchia seu pequeno espaço ao ar livre nos fundos, a casa dela era um retiro reconfortante.

O que fazia sentido quando ele descobriu que ela era uma massagista em um spa exclusivo e próximo.

Toda descoberta que Hawkyn fez apenas fortaleceu sua determinação em ajudá-la. Ele só precisava encontrá-la primeiro.

Felizmente, isso aconteceria agora.

Drayger estava de novo em movimento. Era isso. Hawk sabia disso.

Você não pode interferir.

Não, tecnicamente ele não podia. Mas ele tinha que fazer *alguma coisa*. A magia de Aurora tinha sido desperdiçada em Hawk, quando ela poderia tê-la usado em Drayger. E se ela deveria ter fugido? E se a interferência dele tivesse causado sua captura? Ao salvá-la, ele estaria corrigindo um erro. Colocando o futuro de Drayger de volta ao curso. Talvez. Esperançosamente.

Parecia bom para ele.

Asas sombra para fora e manto de invisibilidade ativado, Hawkyn sentou-se no banco de trás do despretensioso Ford Escort de Drayger, e ouviu o grito demasiado alto e incoerente de uma banda de heavy metal, enquanto navegavam pelas ruas de uma das áreas industriais de Portland. Drayger pegou alguns hambúrgueres baratos de fast food e comeu um, mas os outros ficaram ao lado dele em uma bolsa, o cheiro gorduroso enchendo o interior. Finalmente, Drayger dirigiu para um ferro velho, destrancou o portão e estacionou o carro perto de um contêiner escondido no canto de trás do estacionamento.

O pulso de Hawkyn acelerou com antecipação enquanto Drayger abriu a porta rangente e entrou.

E lá, amontoada em um canto em um colchão imundo, estava Aurora, seus longos cabelos loiros emaranhados e opacos. Ela lembrou a Hawkyn de um animal acorrentado e negligenciado, e as suas mãos se fecharam em punhos de raiva escaldante. Ela estava nua, exceto pela calcinha e uma camiseta manchada e maltrapilha do AC/DC, que Drayger deveria ter lhe dado, e sua pele exposta estava machucada e com sangue seco. Seus olhos injetados de sangue brilhavam com medo, mas também desafio. Hawk tinha visto aquele olhar tantas vezes ao longo dos séculos, de soldados que sabiam que estavam encurralados pelo inimigo, mas estavam determinados a cair lutando, até mulheres abusadas que tiveram o suficiente.

O respeito feroz inchou dentro do peito de Hawkyn, e ele se viu dividido entre querer consolá-la e querer lutar ao lado dela.

— Espero que você esteja com fome hoje — disse Drayger enquanto segurava o saco de comida.

— Foda-se — ela xingou, e Hawkyn não pôde deixar de admirar seu espírito. — Eu não vou jogar o jogo do vômito com você novamente.

— Ou você come a comida para que eu possa assistir você vomitá-la por causa da dor, ou eu te soco no estômago até que você vomite bile. Sua escolha. Pessoalmente, eu penso que é melhor poder vomitar algo, mas o que quer que seja. O esforço para vomitar seco é uma escolha, eu acho.

O próprio estômago de Hawk virou-se. Como ele poderia ter esquecido que Drayger adorava assistir suas vítimas vomitarem enquanto eram torturadas?

Você sabe como.

Sim, ele sabia. Como a maioria de seus irmãos, ele era capaz de compartimentar, separando seus sentimentos de seu trabalho e trancando as coisas ruins em uma caixa virtual que raramente precisava ser aberta. Porque abrir essa caixa poderia destruir até os mais insensíveis dos guerreiros e destruir a objetividade vital e a distância necessária para cumprir o dever.

Aurora fechou os olhos e estremeceu. — Por que você está fazendo isso?

— Porque eu tenho — disse Drayger, com o tom assustadoramente indiferente. — Tenho certeza de que há alguma patologia subjacente, uma ruptura traumática que eu sofri quando criança, mas o que se resume a isso é que eu tenho prazer causando medo e dor.

Ela abriu os olhos, a luz fraca tornando os círculos exaustos em torno deles ainda mais escuros. — Isso não significa que você precisa.

— Errado. — Drayger inalou como se estivesse saboreando o perfume de sua miséria, o filho da puta. — Imagine não ter nada para viver. Imagine uma depressão tão profunda que você não pode sair. Estou morto por dentro. Nada me faz feliz. Nada me faz sentir. Nada, além do que eu faço às mulheres como você. Saber que estou livrando a terra da magia usada pela sua escória me dá uma razão para viver. Ele largou o saco de comida no chão e pegou um bisturi na bandeja de instrumentos de tortura. — Então vamos começar.

Merda. Hawk tinha que detê-lo, mas como? Ele não poderia sair do nada e destruir o cara. De todas as regras Memitim, prejudicar o seu próprio Primori era o maior não-não. Uma ofensa tão escandalosa que ele poderia, potencialmente, perder a liberdade... ou sua vida.

O que significava que Hawkyn precisava atrair Jason para longe.

Ou *assustá-lo*.

Rapidamente, Hawkyn se afastou e procurou um projétil adequado. Quando ele pegou um pé de cabra enferrujado, um grito horripilante, abafado pelas paredes de metal, o encheu com ainda mais urgência. E raiva.

Imaginando que Drayger estava sentado no assento do passageiro do seu veículo, Hawkyn jogou a haste de metal através da janela lateral do passageiro. Vidro foi pulverizado no ar, mas teria sido muito mais satisfatório se os fragmentos fossem feitos do crânio de Drayger. O alarme do carro disparou, abafando o tilintar de vidro caindo no chão.

Ainda invisível, ele voltou a entrar no contêiner assim que Drayger abriu a porta e espiou fora. No interior, Aurora pendia impotente nas correntes, o sangue escorria de

uma coxa parcialmente esfolada, e levou cada grama de controle que Hawkyn conseguiu reunir para evitar liberá-la naquele momento.

Felizmente, ela desmaiou, mas o fato de que ela não podia, neste momento, sentir dor não fez com que Hawkyn se sentisse melhor. Em todo caso, seu nível de raiva subiu um nível, fazendo-o tremer com o desejo de matar Drayger do jeito que ele faria se o cara não fosse Primori. Malditas regras. Maldito trabalho. Hawk odiava isso. Ele era bom nisso, mas filho da puta, ele se desprezava as vezes.

No dia em que Hawkyn jurasse como membro do Conselho, a merda mudaria.

Drayger examinou a penumbra antes de se aventurar a desligar o alarme do seu carro. Parecendo tão nervoso quanto Hawk já o vira, o desgraçado correu de volta para o contêiner, franziu a testa para Aurora, enquanto ela pendia das correntes, e fechava a porta deslizante.

Hawkyn ficou fora o tempo suficiente para observar Drayger ir embora, e então ele voltou para dentro e baixou o corpo inconsciente da fêmea no chão de metal. A raiva dentro dele tornou-se ainda mais difícil quando ele recolheu o pequeno corpo dela em seus braços. Ela precisava de cuidados médicos, mas não podia levá-la a um hospital humano. Haveria muitas perguntas, polícia e, eventualmente, suas declarações levariam à prisão de Drayger.

E daí?

A pergunta piscou em seus pensamentos uma dúzia de vezes antes que a lógica e o dever o levassem de volta à realidade. Goste ou não, a escória era vital para a humanidade de alguma forma, e Hawkyn tinha o dever de garantir que Drayger cumprisse seu destino. Além disso, talvez removendo Aurora da equação ele pudesse endireitar as coisas.

Talvez.

Por favor, deixe isso endireitar as coisas.

Segurando-a com firmeza e tentando não pensar em quão fria e frágil ela parecia, ele se manifestou no estacionamento subterrâneo do UGH e atravessou as portas deslizantes da Emergência pela segunda vez em alguns dias. Instantaneamente, um

enfermeiro cabeludo com um focinho e uma enfermeira com chifres minúsculos saindo das suas têmporas, correram e o dirigiram para um cubículo, onde ele colocou Aurora em uma mesa de exame com rodas.

Uma fêmea com um jaleco branco bordado com um caduceu modificado e o nome “Blaspheme, MD” se juntou a ele e fez perguntas enquanto os outros dois prepararam IVs e verificaram os sinais vitais de Aurora.

— Que espécie é ela? — Blaspheme perguntou.

— Não tenho certeza — Hawkyn disse — mas acho que ela é pelo menos metade humana.

Ela assentiu e gesticulou para a enfermeira. — Execute um teste de DNA BD, imediatamente.

— DNA BD? — Hawk se afastou para que a enfermeira pudesse passar.

— Banco de Dados de DNA — ela disse enquanto cortava a camiseta de Aurora. — Nós podemos executar seu DNA contra todas as espécies registradas em nosso banco de dados para ver se podemos encontrar um compatível.

— Se não?

— Então ela será listada como uma nova espécie desconhecida até que ela recupere a consciência e possa nos dizer. — Ela latiu algumas ordens carregadas com estranhos termos médicos para o enfermeiro e então voltou para Hawkyn. — O que aconteceu com ela, e como você está envolvido?

Ele piscou com a contundência da pergunta, e quando ele pegou a enfermeira olhando para ele, ocorreu-lhe que isso poderia facilmente parecer um caso de violência doméstica. E o surpreendeu que os demônios pudessem se importar sobre essas coisas.

— Ela foi presa e torturada por um assassino em série. Eu a resgatei. — Ele poderia ter explicado com mais detalhes, mas achou que provavelmente era melhor evitar o fato de que ele era um anjo envolvido em um hospital demoníaco. Sim, ele teve que revelar sua identidade quando ele foi tratado ontem, e vários membros da equipe sabiam que ele era o irmão de Idess, mas ela assegurou-lhe que ninguém iria tagarelar. Aparentemente, o médico que dirigia o hospital era um defensor das regras.

Como se Aurora soubesse que ela estava em discussão, ela gemeu. Seus olhos se abriram e trancaram com os dele, girando com medo e confusão que ele realmente sentiu. Entendia. Porque centenas de anos atrás, com a idade de dezoito anos, ele foi espancado, torturado e enjaulado enquanto esperava sua vez no bloco de corte. A única questão era se ele perderia uma ou duas mãos por roubar o pão pelo qual ele estava faminto.

Então ele acordou em uma cama macia em um castelo na Bélgica, cercado por estranhos e confuso como o inferno. Então ele sabia o que Aurora estava experimentando, e instintivamente, ele pegou a mão dela.

Blaspheme o bloqueou, e naquele instante, percebeu que ela não era um demônio. Sua energia, dançando em sua pele como asas de borboleta, era angelical.

Blaspheme era um anjo. Sua vibração celestial era fraca, então ela não era uma residente celestial de pleno direito, mas também não emitia a vibração sombria de um Não-Caído, a vibração maligna de um verdadeiro Caído, ou a vibração plana e estagnada de um companheiro Memitim. Interessante.

— Eu preciso que você vá para a sala de espera — ela disse severamente, não deixando espaço para discussão. — Ou você pode deixar suas informações de contato e vou atualizá-lo quando puder.

Tão relutante como ele estava em deixar Aurora, ele entendia o dever.

E também foi uma boa coisa, porque, se ele não o fizesse, Drayger já estaria morto.

* * * *

Bisturis e serras para ossos. Cenas grotescas de sangue e partes do corpo. Pedacos de carne e cabelos grudados nas lonas. Um homem bonito que a alcançou, mas incapaz de se conectar. Monstros enrugados emergindo da névoa em estacionamentos escuros. O chocalho das correntes, o fedor do sangue quente. O homem estava a alcançando novamente, mas ela estava sendo arrastada pelas mãos com garras. Não!

Aurora acordou com os sons de gritos. Foi só depois de uma mão quente fechar sobre a dela que ela abriu os olhos e percebeu que os gritos tinham vindo dela. À medida que sua visão borrada clareava, as correntes no teto entraram em foco, e outro grito se alojou em sua garganta.

Há correntes no teto.

Ela se afastou na cama, seu coração acelerado, sua respiração entrando em arfadas espasmódicas. Onde ela estava? E quem era o cara loiro e gostoso vestido com jeans e couro sentado ao lado de sua cama? Ele parecia familiar... especialmente aqueles olhos esmeralda perfurantes.

Há correntes no fodido teto!

Uma visão dele em um estacionamento escuro brilhou em sua mente, e ela se viu explodindo-o no peito com cada gota de poder que ela foi capaz de reunir.

Ele era o homem que a alcançava repetidamente.

Ele era real.

Deus, os pesadelos haviam sido reais. Não sonhos, mas memórias.

Sua garganta se fechou mesmo quando seus pulmões tentaram tomar o ar. Tudo se fechou sobre ela, transformando seu próprio corpo numa prisão. Ou um caixão. Era isso que era sentir claustrofobia? Ela queria gritar, se debater, mas onde isso iria levá-la?

Feche seus olhos. Acalme-se. Concentre-se na respiração. Era o que ela dizia aos seus clientes tensos no spa. Respire. Dentro. Fora. Dentro. Fora.

Abra seus olhos. Sinta a paz.

Ainda havia correntes no teto.

— Ei, tudo bem. — O homem cobriu sua mão fria com a dele quente. — Você está segura agora. — A voz profunda do estranho a acalmou, o que não fazia sentido, já que ele fazia parte de seu pesadelo.

Você acertou um bom samaritano que provavelmente estava tentando ajudá-la.

Ok, sim, Drayger, o Psicopata, afirmou que esse cara era inocente, um potencial salvador. Mas Jason Drayger também era um monstro distorcido que não era confiável.

Ela afastou a mão. — Quem é você? Onde estou? — Sua voz estava rouca, sua garganta ferida de gritar.

— Você está no Underworld General Hospital. E eu sou Hawkyn.

O que não lhe dizia nada. E... ele havia dito *Underworld* General Hospital?

A porta da sala abriu-se, e uma mulher em uniforme cirúrgico com estampa do Bob Esponja e um jaleco entrou.

— Bom dia — ela disse alegremente, suas tranças morenas com pontas fúcsias balançando enquanto caminhava. — Eu sou a doutora Gemella Morgan, mas você pode me chamar de Gem. — Outra fêmea a seguiu para dentro, uma fêmea demônio de pele vermelha com pequenos chifres negros, sua cauda de chicote batia contra suas pernas ao caminhar. Santa merda.

Santa. Merda.

Gem olhou para Hawkyn. — Você poderia nos dar alguma privacidade?

Ele inclinou a cabeça e pôs-se em pé, sua jaqueta de couro rangeu. Por algum motivo, Aurora não gostou da ideia dele sair. Talvez porque, naquele momento, ele era a única coisa familiar sobre tudo isso, mesmo que sua história só voltasse para um estacionamento escuro.

— Aurora — ele disse suavemente — eu tenho outras pessoas para verificar, mas volto logo.

Ela assentiu entorpecida, sem saber como responder. Ele era um completo estranho. Por que ele se importaria o suficiente para voltar?

Ela o observou sair do quarto, sem sentir a mínima vergonha de admirar a forma como sua bunda parecia em seus jeans desgastados. Ele poderia ser um estranho, mas ele era um estranho deslumbrante. E ei, seus antepassados eram demônios sexuais, então admirar os atributos masculinos estava em sua natureza.

E seus atributos eram espetaculares.

Assim que ele se foi, a demônio colocou uma bandeja de comida na bancada e saiu, deixando-a com a médica.

Gem colocou os dedos no pulso de Aurora. — Como você está se sentindo? — Ela perguntou com uma voz monótona como se tudo isso fosse perfeitamente normal.

Aurora tinha encontrado demônios antes, mas poucos desses encontros tinham sido agradáveis. Vendo-os trabalhando em um ambiente tão normal como um hospital, mesmo que fosse um bizarro, com pisos negros, correntes no teto e caveiras nas prateleiras, a deixou sem um pensamento coerente.

— Estou me sentindo como se estivesse no Twilight Zone⁵ — ela brincou. — Estou realmente num hospital do submundo?

Gem apontou para o caduceu estilizado em sua jaleco e a escrita “Hospital Underworld General” embaixo dele. — Sim. Nós nos especializamos em dor.

Isso pareceu um pouco sinistro. — Aliviando... ou dando?

— Isso — Gem disse com um arquear de sobrancelhas — depende das circunstâncias. — Ela gesticulou para o lençol cobrindo as pernas de Aurora. — Importa-se se eu olhar? A médica que a tratou quando você chegou usou uma nova pomada para regenerar a pele e eu quero ver como ela está agindo. Isso só funciona em pessoas que têm pelo menos algum DNA humano, e não funciona em todas as combinações demoníacas / humanas, por isso não temos certeza de quão completa será a cura para você.

— Ah... tudo bem — disse Aurora, sem outras opções reais.

Gem sorriu tranquilizadamente. — Você pode confiar em mim. Eu sou uma médica.

— Você é um demônio? — Que Aurora estava perguntando a uma médica se ela era um demônio acrescentou outra camada à sensação de Twilight Zone.

Gem dobrou o lençol para expor as pernas de Aurora. — Sim, senhora. Mas eu também sou meio humana, então prometo que não vou comê-la. Aurora olhou, sem saber se Gem estava falando sério e Gem riu. — Isso foi uma piada. Eu não como humanos. Ninguém neste hospital come. — Ela fez uma pausa, parecendo pensativa.

⁵ Série de televisão americana de ficção científica, suspense, fantasia e terror. No Brasil era chamada de Além da Imaginação.

— Bem, os vampiros comem, eu acho. E às vezes os lobisomens têm um acidente. Mas não dentro do hospital — ela acrescentou rapidamente. — Estamos sob um feitiço antiviolação.

Aliviada de que ela não estava prestes a ser comida, Aurora afundou-se de volta no travesseiro. — Isso é tão bizarro — ela sussurrou, principalmente para si mesma, mas Gem riu.

— Você age como se não fosse pelo menos parte demônio. — Gem levantou os olhos. — Eu acho que você foi criada no reino humano? — No aceno de Aurora, Gem continuou. — Nós não fomos capazes de determinar sua espécie ou identificar se você é ou não um cruzamento humano / demoníaco. Você pode ajudar com isso?

Isso era tão louco. Mas essas pessoas pareciam estar tentando ajudar, e Aurora não viu nenhum motivo para mentir sobre sua espécie. — Nós nos chamamos Wytches.

— Como bruxas humanas?

— Com um ‘Y’.

— Entendo. — A médica examinou a ferida de Aurora com os dedos, mas não doeu nada. — O que a faz diferente das witches com ‘i’?

— Por um lado, não somos inteiramente humanos. — Por outro lado, suas habilidades eram parte delas ativadas por pensamentos ou comandos únicos, em vez de livros mágicos, cantos, poções ou objetos encantados.

Gem deu a ela um olhar interrogativo. — Você conhece suas origens?

Por algumas razões supersticiosas, o pessoal de Aurora raramente falava sobre sua história antiga, preferindo concentrar-se na sua história desde a rebelião que lhes conquistou liberdade e vida entre os humanos. Aurora sempre pensou que a relutância em discutir suas origens era ridícula, mas então, ela adotou há muito tempo um estilo de vida humano e deixou para trás o folclore Wytch, os costumes e, especialmente, os rituais de acasalamento.

— De acordo com o folclore — ela disse, tentando soar como se não estivesse mentalmente revirando os olhos — fomos criados quando um feiticeiro Apóstolo da Morte acasalou bruxos humanos com uma raça de succubus que agora está extinta.

— Ah. — Uma das sobrancelhas escuras de Gem subiu em sua testa. — Então, quais tipos de habilidades você possui?

Assustada por uma pergunta que Wytches consideravam rude, Aurora endureceu. — Desculpe, mas eu gostaria de manter essa informação para mim.

Gem sorriu, aparentemente sem se ofender pelo tom afiado de Aurora. — Esse é o seu direito, e eu absolutamente entendo. Agora, vamos dar uma olhada nessa perna.

A médica aprovou a forma como a ferida estava curando, mas tudo o que Aurora poderia fazer quando olhou para a bagunça na coxa foi se lembrar da dor da faca e do brilho orgástico nos olhos de Drayger enquanto ela sangrava e gritava.

— Ei — Gem disse suavemente, e Aurora percebeu que estava tremendo. — Está bem. Você está segura aqui. Ninguém vai te machucar. Eu prometo. — Ela pegou a mão de Aurora e deu um aperto reconfortante, mas seus dedos não estavam perto do local na palma de Aurora, que permitiria que ela absorvesse a energia da médica. Se ela pudesse mover um pouco para a esquerda, ela poderia reabastecer seus poderes... — Nós cuidamos das lesões que pudemos ver, mas seu captor te machucou... de outras maneiras?

Estupro. Ela estava falando de estupro. Esquecendo a necessidade de roubar um pouco da energia mágica de Gem, Aurora estremeceu.

— Não. Ele cortou minhas roupas, mas... não.

A lembrança disso, o medo quando ele a despiu, trouxe uma nova onda de ansiedade. Ele a levou a acreditar que ele iria atacá-la sexualmente, mas seus insultos acabaram por ser apenas outra maneira de aterrorizá-la. No final, ele estava muito enojado com o que ela era para ficar excitado.

— Bom — disse Gem secamente. — E espero que ele esteja muito morto para machucar mais alguém.

Idem. Grande idem — Quem ... quem me trouxe aqui?

— Hawkyn. — A médica a soltou e pegou uma caixa de ataduras. — Ele é quem a salvou.

— Por quê? Como ele me encontrou? Como ele sobreviveu ao que fiz com ele?

Gem olhou para ela. — O que você fez com ele? — Ela balançou a cabeça, fazendo com que suas tranças oscilassem em torno de seu queixo. — Você sabe o que? Deixa para lá. Tudo o que sei é que ele a trouxe e exigiu a melhor equipe médica disponível. — Ela soltou um suspiro enquanto cobria frouxamente a ferida com uma gaze nova. — Típico de Anjo.

Demorou um segundo para que Aurora processasse as palavras de Gem, mas mesmo assim, elas não faziam sentido. — Você... você disse que ele é um anjo?

— Oh, merda. — Xingando novamente, Gem colocou o lençol e o cobertor sobre as pernas de Aurora. — Pensei que você soubesse. Ele é uma espécie de anjo... vou deixá-lo informar os detalhes porque eu não deveria dizer nada em primeiro lugar. — Ela olhou para o relógio. — Eu tenho um compromisso, mas vou conseguir uma enfermeira para limpar sua ferida e aplicar outra camada de pomada. Você deve poder ir para casa hoje à noite, e você estará completamente curada pela manhã. — Ela trouxe a bandeja de comida e a colocou-a na mesa da cama. — Quer que eu chame Hawkyn de volta?

O fôlego de Aurora ficou preso. Ela o associou aos piores dias de sua vida, mas, ao mesmo tempo, parecia que ela lhe devia a mesma vida. Além disso, ela o machucou naquela noite quando ele estava, de acordo com Drayger, tentando ajudá-la.

— Por favor — ela disse a Gem. — Eu tenho muitas perguntas para ele.

— Eu tenho certeza que você tem. — Gem alcançou a maçaneta da porta. — Eu não o conheço bem, mas sua irmã é parte da minha família, então, pelo que vale a pena, acho que você pode confiar nele.

— Obrigada, doutora.

Inclinando a cabeça, Gem saiu. Antes que a porta fechasse, Hawkyn a pegou, entrou, e o ar correu para fora dos pulmões de Aurora. Mas desta vez, sua resposta física não foi resultado de trauma ou medo. Desta vez, foi uma apreciação feminina pura. E talvez um pouco de admiração que o homem alto e devastadoramente bonito fosse um anjo. Um anjo real.

Deuses, ela tinha tantas perguntas.

— Oi — ele disse, piscando um sorriso que teria molhado sua calcinha em qualquer outra situação. Nem mesmo as presas que espreitavam entre os lábios cheios teriam lhe dado uma pausa. Exceto, talvez, perguntar por que um anjo teria presas. — Como você está se sentindo?

— Não estou com dor, se é isso que você quer dizer. — Ela abriu a pequena garrafa de suco de laranja e tomou um gole. — A médica disse que você é um anjo. Ela estava brincando? — Porque os anjos não usavam calças jeans colada na bunda e camisa xadrez azul de botões para fora das calças, certo? Eles usavam mantos e sandálias ou algo assim.

— Ela não estava brincando.

Oh, uau. Ela exalou lentamente, precisando de um pouco de tempo para reunir seus pensamentos. Por que um anjo estava no estacionamento aquela noite e por que ele a resgataria? A menos que... — Você é meu anjo da guarda?

Ele se aproximou, suas botas silenciosas no chão preto brilhante. — História longa, mas não. — Ele olhou para baixo, sua longa franja caindo em seu rosto e obscurecendo seus olhos. — Me desculpe, eu não pude te salvar dele. — Ele não precisava dizer quem era “ele”. — Eu falhei.

— Você está brincando comigo? Eu explodi você com fogo prateado. Eu pensei que você estivesse com aquele bastardo que me sequestrou. — O som de seu corpo atingindo o poste da lâmpada reverberou em seus ouvidos como se tivesse acontecido apenas segundos atrás. — Mais tarde, quando ele disse que você era um bom samaritano, tive medo de ter matado você.

Sua mão ergueu para esfregar o esterno. — Você me machucou gravemente, mas nós, anjos, somos muito duros.

Aparentemente sim. A arma de fogo prateada Wytch era tão mortal que eles estavam proibidos de usá-la, exceto para salvar sua própria vida. Ela nunca tinha ouvido falar que alguém sobreviveu a um golpe de corpo inteiro. Mas então, ela nunca ouviu falar disso sendo usado contra um anjo.

— Como você me encontrou? — Ela franziu a testa. — Por que você me encontrou?

Ele empurrou a mão pelos cabelos cor de areia e, estranhamente, ela se perguntou qual seria a sensação. Era tão sedoso quanto parecia? Os anjos tinham um cabelo perfeito e super macio? E as suas asas? Seria grosseiro perguntar?

— Outra longa história — ele suspirou. — Eu só queria ter encontrado você mais cedo.

Sim, ela também queria, mas não se queixaria de ele não ter salvo a vida dela antes. Que ele a salvou era um milagre.

— Por favor, me diga que ele está morto. — Ela nunca desejou a morte de ninguém, mas Drayger precisava morrer devagar e com uma dor excruciante.

— Eu adoraria te dizer isso — Hawkyn disse, sua voz baixa de raiva. — Mas não o deixarei machucar você de novo.

Passos passaram pela porta, lembrando-lhe o quão estranho isso tudo era. — Desculpe, mas... você é um anjo. Você me trouxe para um hospital cheio de demônios? Anjos e demônios não são inimigos mortais? — Inferno, ela também deveria ser sua inimiga.

— Bem...

Ela levantou a mão para detê-lo. — Você vai me dizer que é outra longa história?

O tom vermelho nas bochechas dizia que sim. — Digamos que é complicado.

— Eu tenho certeza que é. — Ela levantou a fatia superior do pão do sanduíche em sua bandeja. Parecia de presunto e queijo. Ela gostava de presunto. Mas então, este era um hospital demoníaco... talvez não fosse presunto. Ai credo. Apetite arruinado, ela afastou a bandeja. — Qual é a postura angélica para Wytches?

— Não temos problemas com as bruxas.

— Apenas para ficar claro, é Wytch. Com um Y.

Os olhos dele se arregalaram. — Sério? Nunca conheci uma. Sempre pensei que vocês fossem um mito. — Ele encolheu os ombros, um rolar lento de um grande ombro. Ela apostaria que esses ombros largos carregavam muito peso, e seus dedos coçavam

para massagear a tensão neles. — É claro, eu sempre pensei que os elfos também fossem um mito, mas no ano passado um dos anjos caídos que trabalha para o meu pai acasalou com uma.

Elfos? E quem diabos era o pai dele? Ela estava prestes a perguntar quem era o pai de Hawkyn e por que um anjo caído trabalharia para ele, quando a porta se abriu e uma enfermeira bonita e de pele escura entrou. Esta parecia humana, mas de alguma forma Aurora duvidava que fosse.

— Oi, Aurora — ela disse. — Eu sou Shanea, e eu vou cuidar de você.

Hawkyn se levantou, elevando-se em toda a sua altura, que estava em algum lugar ao redor de dois metros, ela supôs. — Eu lhe darei um pouco de privacidade.

O instinto fez Aurora querer pedir-lhe para ficar. Ela não sabia nada sobre ele, mas ele estava lá por ela no estacionamento do supermercado, ele a resgatou, e se sentou ao lado da cama dela enquanto ela se recuperava. Agora, ele era a única coisa em sua vida que a fazia se sentir segura.

Ela nem sequer podia chamar seu irmão porque ele estava em algum lugar infernal no Oriente Médio e seus pais tinham ido apenas há duas semanas em um cruzeiro de um ano ao redor do mundo. De jeito nenhum, ela iria interromper qualquer um deles.

— Você voltará? — Aurora perguntou, esperando que a ansiedade em sua voz não fosse tão óbvia para Hawkyn quanto para ela. — Vou ver você de novo?

O sorriso dele fez a sua pulsação palpitar, e até mesmo fez Shanea suspirar um pouco. — Sim.

Ele saiu como um tiro, desaparecendo antes que a porta se fechasse, deixando-a com mais perguntas do que respostas.

Mas ele também a deixou com algo para olhar para frente, e isso não acontecia há muito, muito tempo.



CAPÍTULO 6

Azagoth não conseguia se lembrar da última vez que ele esteve nervoso sobre qualquer coisa. Afinal, ele governava seu próprio reino e era um dos seres mais poderosos da existência.

Mas o pensamento de ver sua filha Idess e o filho dela, seu neto, o deixou nervoso, e isso aconteceu nos últimos meses. Desde o dia em que ele aprendeu os detalhes sobre o passado dela.

Ele não tinha nem conseguido olhar para Idess sem pensar em como ela crescera e como estava desesperada para proteger seu filho da fealdade da vida. Porque era isso o que os pais faziam.

Você não sabia.

Não, por muito tempo ele não sabia como ela, ou qualquer um de seus filhos cresceram. Suas mães os colocaram com pais humanos, e ele não os viu até que eles estavam completamente crescidos, às vezes séculos depois, na maioria das vezes nunca. Alguns tinham compartilhado com ele suas experiências de vida quando acreditavam que eram humanos, e suas histórias eram horríveis.

Mas Azagoth não tinha sentido pena. Ou tristeza. Ou culpa. Antes de Lilliana, ele era tão frio quanto uma pedra ártica. Seus filhos eram fortes e sobreviveram. Seus passados os endureceram, transformaram-nos nos guerreiros que precisavam ser.

Não, ele não se importava com a miséria deles.

Então Lilliana veio e quebrou a camada de gelo que havia envolvido seu coração. Tinha sido incrível e vivificante, mas agora que ele tinha aberto seu reino para todos os seus descendentes Memitim, mais e mais de seus filhos estavam aparecendo e contando sobre suas vidas “humanas”. Com poucas exceções, apenas uma, na verdade, suas histórias estavam cheias do tipo de merda que dava pesadelos às pessoas.

A história de Idess em particular tinha sido um conto de horror, escravidão e abuso que o fez querer voltar no tempo e massacrar todos os filhos da puta que tinham mexido com sua filhinha.

Lilliana poderia fazer isso acontecer. Como um anjo com a capacidade de viajar no tempo, ela poderia ajudá-lo a se vingar de todos os seus filhos. Mas fazê-lo iria mexer com incalculáveis linhas temporais e lhe renderia uma sentença de morte do próprio Deus. Seu único consolo era que um punhado da escória que tornara as vidas de seus filhos miseráveis estava, de fato, aprisionada no Inner Sanctum, onde ele podia torturar suas almas inúteis por toda a eternidade.

Suas mãos tremiam quando ele se juntou a Idess e Lilliana na mesa de piquenique no gazebo que Lilliana havia construído perto do riacho que corria atrás de seu palácio. O pequeno Mace deu-lhe um grande sorriso quando se sentou perto, brincando com blocos de construção. Parecia que ele estava criando um cachorro. Ou, mais provavelmente, um cão infernal.

— Pai — disse Idess, ficando de pé para cumprimentá-lo. De todos os seus descendentes, apenas Idess lhe mostrava afeto físico, e ela o fez agora, dando-lhe um breve abraço e um beijo na bochecha enquanto se afastava.

Isso o fez tremer mais forte. O que diabos de inferno estava errado com ele?

— Sente-se. — Lilliana, seu longo cabelo castanho emoldurando seu rosto sem idade, deu um tapinha no banco ao lado dela. — Estávamos prestes a servir um pouco de vinho e discutir as ideias que Idess tem para trazer mais Memitim para Sheoul-gra. — Alcançando a garrafa de vinho, ela deu-lhe uma piscadela brincalhona. — Idess parece pensar que mais deles não vêm morar aqui porque você é assustador.

O tom de Lilliana era de brincadeira, seu sorriso brilhante, mas a verdade subjacente, de que seus filhos tinham medo dele, de repente causou um impacto, abrindo uma cratera em sua caixa torácica como um impacto de meteoro. Ele nunca se importou com isso no passado. Inferno, ele estava orgulhoso do fato de que sua descendência o temia. Medo ... respeito ... Era tudo a mesma coisa, certo?

— Eu sou assustador, Idess? — Ele perguntou, tentando soar ... não assustador.

Idess empurrou o copo de vinho vazio para Lilliana. — Hum, sim. Absolutamente.

Ainda de pé, ele olhou para Mace, que estava provando um bloco de construção agora. — E ainda assim, você trouxe seu filho para me ver.

— Alguns anos atrás, eu não teria — ela admitiu. — Mas as coisas mudaram. — Ela deu a Lilliana um sorriso secreto, que não era tão secreto como ela provavelmente achava que era.

— Eu gostaria de pensar que eu tive algo a ver com isso — disse Lilliana, como se ela não soubesse que ela era a única razão pela qual ele ainda não era um monstro.

Por causa de Lilliana, ele tinha sentimentos. — Sim, eu sou um menino de verdade agora.

Ela riu, seus olhos âmbar brilhando quando terminou de servir o vinho. — Olhe para você, referenciando Pinóquio. Os filmes que eu faço você assistir estão valendo a pena.

— Sim, bem, Pinóquio se transformou de volta em uma marionete.

Idess sacudiu a cabeça. — Você está pensando no que aconteceu com ele em um dos filmes de Shrek.

Ah, certo. Ele gostava dos filmes de Shrek. Ogros não costumavam ser engraçados.

Mace estendeu os braços e Idess pegou-o. — Você quer segurar o seu neto?

Ele olhou para a criança se contorcendo, seu coração acelerado, sua boca seca. Até as palmas das mãos dele começaram a suar. A criança era a coisa mais inocente que já pisou neste reino, e Azagoth era o mais malvado. Suas mãos ... Suas mãos tinham

feito coisas que a criança nunca seria capaz de compreender, e elas não pertenciam a nenhum lugar perto dessa pureza.

— Não posso. — Ele recuou alguns passos, esperando que ele não parecesse tão em pânico quanto ele se sentia. — Eu vou deixá-lo cair.

Lilliana ficou de pé, preocupação escureceu seus lindos olhos. — Querido, o que há de errado?

— Nada — ele disse, ainda recuando. — Eu só tenho coisas para fazer. Compromissos. Eu tenho que ir. — Ele não se importou que ele pareceu um idiota. Ele tinha que sair de lá. — Idess, vou ah... eu vou te ver mais tarde.

Ele não esperou por uma resposta. Ele apareceu no escritório, o coração batendo, a respiração ardendo em sua garganta.

O que diabos estava acontecendo com ele?

Com mãos trêmulas, ele se serviu de uma dose dupla de tequila do bar na parede oposta, bebeu e serviu outra. Ao levar o copo aos lábios pela segunda vez, ele notou a luz piscando em sua plataforma de comunicação.

Ele verificou a mensagem de Jim Bob, um dos seus espiões celestiais, e a apagou. Ele não estava interessado em fofocas de baixo nível especulando sobre o misterioso autor de uma nova série de quadrinhos que estava revelando muitos segredos do submundo e celestiais.

Não, Azagoth não se importava com nada disso. O que ele se importava era controlar suas emoções e por sua vida em ordem. Ele não sabia como lidar com suas emoções traiçoeiras, mas ele tinha uma ideia sobre o resto.

Infelizmente, isso significava lidar com o Conselho Memitim, e por algum motivo, as únicas pessoas já nomeadas para o Conselho o odiavam.

Durante milhares de anos, ele se manteve fora dos negócios deles, deixando-os governar os Memitim de qualquer maneira tacanha e idiota que eles julgassem conveniente.

Mas esses dias acabaram. Azagoth foi ausente como pai, nunca interferiu e, como resultado, seus filhos sofreram.

Houve uma batida na porta, e seu assistente, Zhubaal, entrou. — Meu senhor, Mariella está aqui.

— Até que enfim — ele grunhiu. — Mande-a entrar.

A morena alta e elegante invadiu seu escritório, suas vestes de veludo roxo balançando em torno de seus sapatos de salto alto, incrustados de joias, suas asas cor de canela estendidas e infladas, como se ela esperasse uma briga.

Não era como se uma briga fosse completamente sem precedentes.

Azagoth desprezava os anjos. A maioria deles, de qualquer maneira. Mas o pior dos piores eram aqueles que o olhavam para ele com seus narizes celestiais empinados. Oh, eles respeitavam seu poder e sua posição, mas em um nível pessoal, eles achavam que ele era escória.

Mariella, em particular, pensava que ele era um canalha supremo, e ela achou isso durante os três séculos em que ela foi sua principal ligação celestial.

Ele a *odiava*.

Ele olhou enquanto ela lhe lançava um discurso inflamado sobre seus deveres que diziam respeito aos Memitim. A coisa era, ela nunca foi Memitim, não estava no Conselho, e ela nem sequer trabalhava na embaixada. Ela deveria estar lhe ensinando sobre qualquer coisa menos sobre Memitim.

— Em resumo — ela disse — você está sem sorte.

Pela milionésima vez, ele pensou em jogá-la no túnel atrás do painel da parede e mandá-la brincar com milhões de almas demoníacas. Apenas cinco minutos no Inner Sanctum apagariam aquele olhar presunçoso em seu rosto. Mas ele não conseguiria o que queria.

Seja civilizado. — Não estou pedindo que o programa Memitim finalize — ele declarou. — Estou pedindo algumas mudanças.

— Não.

— Droga, deixe-me falar com alguém no maldito Conselho.

— Azagoth, você concordou com isso há milhares de anos. Você assinou um contrato com sangue. E agora, com menos Memitim do que nunca, é ainda mais crucial que as regras sejam rigorosamente seguidas.

— Oh, foda-se — ele criticou. — Não há escassez de Memitim.

— Você parou de gerá-los, não é?

Pergunta estúpida, porque ela conhecia a maldita resposta. — Você sabe que fiz, há alguns anos atrás, quando tomei Lilliana como minha companheira. Mas isso dificilmente foi tempo suficiente para baixar números de Memitim.

Ela balançou a cabeça. — A produção começou a cair há séculos — ela disse, fazendo parecer que Azagoth estava fazendo seus filhos em uma linha de montagem. — Nós costumávamos ganhar setenta e dois de seus Memitim por ano. Mas mesmo quando a população humana explodiu e aumentou a necessidade de guardiões, você desacelerou. Começou a recusar as fêmeas enviadas para você. Você costumava ser tão... prolífico.

Isso foi porque ele costumava acreditar na causa. E ele era jovem, burro e excitado. Ah, e mau. Muito malvado. Então, em algum momento da Revolução Industrial, ele começou a ficar amargo e irritado. Rebelde. E foi extremamente satisfatório recusar os anjos enviados para sua cama.

Ainda assim, ele sempre deixou os negócios Memitim ao Conselho Memitim. Até recentemente. Recentemente... ele acasalou com Lilliana. Ele preencheu seu reino com sua prole e conseguiu conhecê-los. Ele também perdeu alguns que morreram em batalha protegendo seus Primori. E apenas neste ano, outros três, meras crianças, perderam suas vidas crescendo em horríveis condições humanas.

Ah, sim, era hora de alguma merda mudar, e ele estava farto de ser civilizado.

— Ouça-me — ele rosnou, enquanto ele a empurrava contra a porta da qual ele iria jogá-la para fora. — Em alguns itens há espaço para negociação. Depois, há as coisas que eu exijo. Não há negociação sobre essas.

— Como arrancar sua descendência juvenil do mundo humano e trazê-los para você? Ou tirar sua filha Suzanne do programa Memitim?

— Sim e sim. Meus filhos devem crescer aqui, e Suzanne, apesar de ter sido atribuída a um Primori, não é adequada para essa vida.

— Isso é para o Conselho Memitim que decidir. Não você.

O desejo assassino fez suas presas pulsarem por um gosto de sangue de anjo. — Ela é minha filha!

— Ela é um instrumento do Céu, criada por você para esse propósito. — A boca de Mariella se torceu com desgosto, como se estivesse imaginando se deitando com ele na cama. — Você renunciou a todos os direitos à paternidade no momento em que derramou sua semente dentro da mãe dela. Você tem sorte que permitimos que você abrisse Sheoul-gra para sua prole adulta. Não há como você assumir o controle dos juvenis.

Raiva fria e fervilhante congelou em suas veias. Ele não gostava de ser negado.

— Envie-me um membro do Conselho — ele resmungou. — Eu terminei com você.

O queixo dela inclinou-se em desafio, mas seu lábio inferior tremia. Bom. Mais dela iria tremer se ele não conseguisse o que queria.

— Os membros do Conselho não estão autorizados a negociar com você.

— Mande um! — Ele rugiu, sua paciência destruída. — Mande um hoje.

— Verei o que posso fazer.

Satisfeito, por enquanto, ele soltou o anjo.

Mas se ele não visse um membro do Conselho Memitim logo, o Céu iria ter uma amostra de sua marca de inferno.

* * * *

Lilliana drenou seu copo de vinho como se um manual de instruções explicasse que seu companheiro estava no fundo.

Ele não estava.

— Isso foi estranho? — Idess perguntou enquanto enchia seu próprio copo. — Porque eu sinto que isso foi estranho.

Lilliana suspirou. — Foi estranho. Me desculpe, Idess. Ele está mal-humorado ultimamente.

— Alguma coisa está acontecendo?

— Eu não sei. — Lilliana sorriu para Mace enquanto perseguia uma borboleta. — Ele não vai falar comigo sobre isso.

Ela tentou várias vezes fazê-lo discutir o que o fazia rabugento, mas ele sempre mudava o assunto ou a distraia... geralmente com sexo.

— Existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? — Idess perguntou. — Eu não sou tão próxima dele, mas eu poderia tentar falar com ele.

— Eu acho que você é a mais próxima dele do que qualquer um de seus filhos — disse Lilliana. — Mas você sabe, acho que isso pode ser parte do problema. Ele tem passado mais tempo com todos os seus filhos e filhas. Até o ouvi perguntando sobre o passado deles. Talvez ele esteja tentando se aproximar deles.

Idess sorriu. — Ele está se tornando acessível desde que você entrou em sua vida.

— Ultimamente, não sinto desse jeito. — Não, parecia como se estivesse se afastando dela. — E eu não entendo. As coisas estão indo tão bem aqui. Eu pensei que ele estava feliz.

— Eu tenho certeza que ele está. — Idess cobriu a mão de Lilliana com a dela. — O que quer que esteja acontecendo com ele não é sobre você.

— Espero que você esteja certa. — Mas, secretamente, Lilliana não tinha tanta certeza. Ela tinha certeza de que ele a estava evitando, mas por quê? Um grupo de Memitim passou, os braços carregados com materiais de festa. Os dois machos e uma das fêmeas lhe deram um aceno desajeitado ou um sorriso, mas os outros dois, um macho e uma fêmea, a ignoraram enquanto acenavam para Idess. Lilliana se dava bem com a maioria dos descendentes de Azagoth, mas um punhado a desprezava, ou Azagoth, ou ambos, e nada do que ela fazia mudava isso. — Você está planejando ficar para as festividades?

Idess franziu o cenho. — Festividades?

— É o dia da Celebração dos Anjos.

— Ah, sim. — Idess revirou os olhos. — O dia em que os anjos em todos os lugares conseguem felicitar-se por serem incríveis, poderosos e melhores do que todos os outros seres vivos.

— Precisamente.

Lilliana sorriu para Idess. Ela adorava Idess e desejava que pudessem passar mais tempo juntas. Infelizmente, Idess estava ocupada com sua família e seu trabalho no Underworld General, onde escoltava as almas humanas para a luz celestial, e Lilliana estava, com poucas exceções específicas, restrita a Sheoul-Gra.

— Eu queria poder, mas eu preciso estar em um chá de bebê em uma hora. A companheira de Thanatos, Regan, está grávida de seu segundo filho.

Thanatos, um dos lendários Quatro Cavaleiros do Apocalipse, tinha vindo uma vez pedir um favor a Azagoth, mas isso foi antes de Lilliana, e ela nunca conheceu o cara ou a sua companheira ex-matadora de demônios.

— Envie-lhes as minhas congratulações — disse Lilliana, lutando para esconder a melancolia em sua voz.

Ela nunca esperou nada perto de uma vida tradicional com Azagoth, mas às vezes ouvir o quão normais as coisas poderiam ser, mesmo para as lendas bíblicas, a deixava um pouco invejosa.

Alguém ofereceria um chá de bebê para seu bebê quando chegasse o momento? Azagoth ainda ficaria entusiasmado, dado que seu filho seria apenas um dos milhares?

— Ei — Idess disse suavemente. — Você está bem?

— Estou bem — disse Lilliana, e ela estava.

Mesmo. Ela estava um pouco cansada, talvez, e se fosse honesta consigo mesma, diria que estava um pouco solitária. Tudo o que estava acontecendo com Azagoth o afastara dela, não apenas emocionalmente, mas também fisicamente.

Bem, exceto quando se trata de sexo. O que, ela acabou de perceber, poderia ser a chave para fazê-lo conversar. Ela simplesmente tinha que ir sobre isso de uma maneira diferente.

Com uma mão tremendo, ela serviu outro copo de solução líquida.

Azagoth estava prestes a ter uma lição de abstinência, e ele não gostava muito de ser negado.



CAPÍTULO 7

Sheoul-gra, e toda a sua glória da Grécia antiga, estava em plena atividade quando Hawkyn chegou. Demorou um minuto para descobrir por que lanternas de papel coloridas foram penduradas entre árvores e edifícios, comida e bebida foram colocadas em dezenas de longas mesas de cavalete, e a música estava sendo transmitida através de conduítes mágicos que dispersavam o som uniformemente em todo o reino.

Era o dia da Celebração dos Anjos, um feriado que ele imaginou ter sido inventado para permitir que os anjos tipicamente tensos libertassem um pouco de pressão. Havia rumores de que os anjos poderiam fazer o que quisesse nesse dia e não haveria repercussões.

Hawkyn não iria aproveitar essa chance.

— Ei, cara. — Cipher, seu longo cabelo loiro amarrado nas costas com uma tira de couro, bateu no ombro dele e drenou um copo de hidromel. O anjo Não-Caído adorava as suas desagradáveis bebidas antigas. — Onde você esteve?

Journey flanqueou o outro lado. — Cara, você ficou fora por dias.

— Dias, cara — Maddox concordou enquanto tropeçava ao lado de Journey. Hawk conhecia Maddox há mais de cem anos e, embora seu irmão fosse mais velho do que ele vinte anos, ele ainda agia como um adolescente delinquente.

— O que, vocês agora são minhas babás?

Cipher agarrou outro copo de hidromel numa mesa próxima. — Você perdeu a noite de jogo.

— E a noite de cinema — Journey disse. — Nós assistimos John Wick.

— O segundo — acrescentou Mad. — Foi incrível. Se esse personagem fosse real, ele seria totalmente Primori.

— Eu aposto que Keanu Reeves é — disse Cipher. — Ele teve um grande impacto na sociedade.

— Ouvi dizer que ele é um vampiro. Ou um demônio. — Maddox gesticulou para o gazebo nas proximidades. — E falando de demônios, Idess acabou de sair. Bem, ela saiu a algumas horas, acho.

Cipher apoiou o seu ombro contra uma coluna de mármore, escorando o calcanhar de sua bota no focinho de um demônio esculpido na base. — Quem é Idess?

— De todos os filhos de meu pai — Hawkyn disse — ela é sua favorita. — Ele acenou para seu meio-irmão Emerico, que se dirigia na direção deles.

Journey resmungou. — Você poderia ter me enganado.

— O que você quer dizer?

— Ela veio vê-lo com seu garoto demoníaco, mas ele mal falou com ela. Ignorou totalmente sua aparição, e então ele decolou. Deixou Idess com Lilliana. Nosso pai pode ser um idiota às vezes.

— Às vezes? — Emerico juntou-se a eles, seus cabelos pretos espetados pareciam algo saído de um desenho animado. — Ele é um fodido idiota profissional. Perguntei-lhe por que não podemos entrar no Inner Sanctum e ele disse que não confia em nós. Como se fossemos crianças. Desgraçado.

— Shh. — Mad olhou em volta descontroladamente e baixou a voz. — Ele vai te ouvir.

— Eu não me importo — disse Journey, todo inchado como um galo. — Eu disse a ele o mesmo na cara dele.

— Na cara dele? — Hawkyn estava mais do que um pouco cético.

— Bem, eu disse isso nos fóruns dos Memitim — murmurou Journey, e sim, isso era mais parecido.

Maddox soluçou. — Você é um valentão.

Cipher balançou a cabeça. — O bullying exige um desequilíbrio de poder, real ou percebido, em favor do valentão. Azagoth tem todo o poder. Journey não tem nenhum. Além disso, Azagoth não sabe o que Journey diz nos fóruns. Por isso, não há bullying. — Ele deu um tapa no braço de Journey. — Eu acho que você quer dizer que ele é um troll. Um troll idiota, mas não um valentão.

— Ok, caras, podemos ficar sérios por um segundo?

Abruptamente, Journey perdeu o sorriso arrogante e convencido. O cara poderia entrar no modo de serviço mais rápido do que qualquer um que Hawkyn conhecia. — O que foi?

— Você observou mais de dois assassinos em série em sua vida...

— Três. — Journey bateu os dedos enquanto falava. — Mais uma variedade de estupradores, sádicos, genocidas e até mesmo um imperador que regularmente ordenava execuções de aldeias inteiras.

Sim, Hawkyn também foi designado para uma variedade de monstros, mas por algum motivo, assassinos em série como Drayger pareciam monstruosos demais. O tempo que eles levavam para planejar e executar a sua maldade, o colocava à frente dos demais, em sua opinião.

— Como você lida com isso? — Cipher perguntou. — Eu sei que você não tem permissão para interferir na vida de seus Primoris, mas foda-se isso, cara. Como você pode simplesmente deixar alguém ser torturado até a morte por um de seus Primori?

— Essas pessoas estão morrendo por um bem maior — disse Journey, recitando a linha oficial da empresa como um bom soldado. — É por isso que eles nasceram. Eles têm um propósito para servir. E ajuda a perceber que seu sofrimento é temporário. Insignificante no intervalo do tempo. Eles vão para um lugar melhor.

Maddox enfiou as suas mãos nos bolsos da calça jeans. — Também ajuda evitar o seu Primori desprezível. Nem sequer os verifique a menos que os seus *heraldis* sejam ativados. Ele encolheu os ombros. — A ignorância é uma benção, você sabe.

— Apoiado, irmão. — Emerico bateu os punhos com Maddox.

Era muito tarde para ser ignorante sobre o Drayger. Além disso, Hawkyn *queria* aprender sobre suas protegidos. Quanto mais ele sabia sobre suas vidas e suas personalidades, mais fácil era entender por que eles exigiam proteção angélica e de onde algum perigo poderia vir. Hawk nunca tinha entendido por que pessoas como Maddox e Rico tratavam seus trabalhos de forma tão casual. Hawkyn sempre se dedicou ao extremo, um tipo determinado de Memitim.

— Não posso fazer isso — ele disse. — Especialmente agora. Eu meio que fodi tudo.

Cipher se afastou da coluna, seu interesse totalmente focado. — Ooh, diga. É sempre bom saber um podre seu.

Cipher não mudou nem um pouco desde o dia, quase dois anos atrás, quando Hawkyn arrastou o cara aqui contra sua vontade por foder com outro dos Primori de Hawkyn. Ciph ainda era um pouco vigarista. Mas ele tinha uma bússola moral, e, apesar do seu início difícil, eles se tornaram bons amigos, e Hawkyn confiava nele com seus segredos.

Journey e Maddox eram um pouco mais duvidosos, mas eram seus irmãos favoritos e ele não achava que eles o trairiam.

Provavelmente.

Emerico? Ele foi criado por golpistas profissionais e, embora fosse geralmente confiável, ele procurava todos os ângulos em qualquer situação que o beneficiaria.

Ah, que diabos. Hawkyn precisava de conselhos, e esses quatro idiotas eram a melhor fonte que ele tinha. — Eu interferei com o sequestro de uma vítima por meu Primori — ele falou.

Journey soltou um assobio exagerado. — Cara.

Maddox concordou. — Cara.

Rico pôs a mão na cara.

— Eu sei que não estou por dentro de todas as suas regras loucas de Primori — começou CIPHER — mas até mesmo eu sei que interferência nas ações de Primori é proibido. Como, o mais proibido do proibido.

— Há pior — Hawkyn disse — mas não muito.

— Então, o que aconteceu? — Journey perguntou, seus olhos escuros com uma curiosidade mórbida. Porque quem não ama um bom acidente de trem?

— Estou fodido, foi o que aconteceu. — Hawk pegou um copo de vinho da mesa e drenou a metade. Ele não era muito de beber, mas poderia usar algum álcool agora. Boa coisa que o vinho foi aprovado pelo Conselho Memitim, porque ele estava tentado a beber o barril. — Eu o peguei tentando agarrar uma mulher. Ela me confundiu como parceiro dele, e ela me atingiu com um torpedo de fótons ou alguma porcaria antes que ele conseguisse subjugar-la.

— Ah, merda — disse Maddox. — Então, você levou o dano que era destinado para ele?

— Eu não sei. Isso é o que eu estou preocupado. — Hawkyn olhou para cada um de seus amigos e se perguntou sobre quem iria enlouquecer mais quando ele disse: — Então eu a resgatei.

— Puta merda — Maddox soltou, cuspiendo vinho em cima das botas de Hawk.

Gemendo, Journey esfregou a mão sobre o rosto. — Seu idiota. Seu maldito idiota. Rico ficou boquiaberto. Seus olhos secariam se ele não piscasse.

CIPHER ficou em silêncio, seu olhar analisando as palavras de Hawkyn, expressão, postura... o cara era um mestre em ler as pessoas. Sem dúvida, ele sabia exatamente em quanta merda estava Hawkyn. — O que você vai fazer?

— Eu não sei.

— Leve-a de volta — sugeriu Rico, como se a Casa dos Horrores do Drayger tivesse uma política de devolução.

— Você é um idiota — disse CIPHER. — Mesmo que Hawk fizesse isso, não há garantia de que consiga reparar a linha do tempo predestinada. Como Maddox disse, e

se ela deveria ter matado o Primori? Ela nunca teria sido tomada. Ele poderia estar devolvendo-a a um assassino sem motivo. — Ele olhou para Hawkyn. — Cara, você está fodido.

— Obrigado — murmurou Hawkyn. — Isso foi útil.

— Você disse isso primeiro. — Cipher encolheu os ombros. — Então, qual é o seu plano?

— Eu não tenho um. É por isso que estou falando com vocês. Mas, como se vê, vocês são idiotas.

— Bem — Journey começou — você pode entrar em contato com o Conselho Memitim e ver o que eles sabem sobre o destino do seu Primori?

— Eu tentei. Falei com alguém da embaixada. Não chegou a lugar algum.

— Seu Primori é humano? — Rico perguntou.

Essa era a questão do dia. — Não tenho certeza. Os arquivos e o diário que Atticus mantinha sobre ele, antes que ele Ascendesse, indicam que Drayger é humano, mas ele pode de alguma forma rastrear suas vítimas uma vez que ele derrama seu sangue. Atticus escreveu que uma vítima escapou, mas ela não foi à polícia porque era lobisomem e ela temia ser pega. — Muitos policiais eram membros secretos do Aegis, então a paranoia da vítima era justificada. — Em vez disso, ela usou um Harrowgate para ir de Portland a Sydney, e o desgraçado a alcançou em poucos dias.

Atticus passou todo o tempo disponível assistindo Drayger, documentando todos os seus movimentos. Por algum motivo, Atticus estava obcecado com o desgraçado. Ele até mesmo o admirava. O diário que ele mantinha era detalhado e muitas vezes lisonjeiro.

Ele tem um foco único. Ele não consegue dormir nem comer. Seu único desejo é encontrar Lexi. Ele pediu licença do trabalho. Passa seu tempo debruçado sobre seu computador e um mapa gigante do mundo. Ele a estava procurando.

Próxima entrada: Jason Drayger é fascinante. Tudo o que aprendi sobre o homem me leva a acreditar que ele é humano e, no entanto, ele pode sentir habilidades sobrenaturais nas fêmeas. (Mas não nos homens.) E, tanto quanto eu posso dizer, ele

pode rastrear qualquer coisa, uma vez que ele experimente seu sangue. Tenho certeza de que ele praticou muitas vezes antes que Lexi escapasse e forçasse-o a caçá-la. Eu acho que ele vai encontrá-la.

Várias entradas e dois dias depois: *ele a encontrou.*

As fotos da morte de Lexi ocupavam cinco páginas no álbum de assassino em série de Drayger.

— Então você fica com uma escolha — refletiu CIPHER. — Deixe-a em paz e veja se ele a pega e a linha de tempo se conserta, ou proteja-a para mantê-la fora de suas mãos, caso ela não devesse ser uma vítima.

— Exatamente. E se ele puder rastreá-la, eu terei que me certificar de mantê-la em algum lugar onde ele não possa senti-la ou onde ele não possa acessá-la, mesmo que ele a encontre. — Ele poderia trazê-la aqui, ele supôs, apenas até descobrir o que fazer a seguir.

Ele só teria que ser sorrateiro sobre isso, porque ninguém além desses quatro idiotas poderia saber o que estava acontecendo. Nem mesmo Suzanne poderia saber. Ele confiava nela, mas ele era seu mentor, e ele não conseguiria manter elevados padrões morais se ela soubesse que ele se enterrou a dois metros de profundidade. Ele estava em um definitivo *faça o que eu digo, não faça o que eu faço* no momento.

Ele estava tão fodido.

— É uma droga ser você — disse CIPHER, seu nariz no ar enquanto ele cheirava o aroma de carvão de algo sendo grelhado nas proximidades.

— Diz o cara que teve suas asas cortadas e foi expulso do Céu. — Maddox tirou uma moeda de Sheoulin do bolso e a jogou na fonte próxima que tinha corrido com sangue por milhares de anos antes de Lilliana domar o demônio interno de Azagoth. Dois segundos depois, o fangfish que morava na fonte cuspiu a moeda.

— Meu castigo foi totalmente injusto — murmurou CIPHER enquanto pegava a moeda do ar.

Hawkyn olhou para o amigo com incredulidade. — Você seduziu minha Primori, que afetou seu status e deixou uma grande marca negra no meu registro.

— Eu não sabia que ela era uma Primori quando a seduzi.

— Besteira. Eu te disse.

— Claro que você disse. — O olhar de Cipher se fixou em uma fêmea Não-Caída de pé perto do palco recém-construído que em breve seria o campo de batalha para uma competição de banda e, mais tarde, para combates de luta livre, exceto que esses combates eram travados com a mente. — Depois que eu decidi que a queria.

— Não importava, seu estúpido. Ela era humana. Os anjos estão proibidos de dormir com humanos.

— Errado. Ela era parte anjo. — Se o calor em seu olhar fosse qualquer indicação, Cipher provavelmente tinha aquela Não-Caída meio despida em sua cabeça agora.

— Sim, como há dez gerações atrás.

— Veja? Parte anjo.

— E esse argumento funcionou durante a sua condenação?

— Não — ele admitiu, finalmente voltando para Hawk. — Mas os arcanjos são idiotas.

Hawkyn não iria discutir com essa avaliação. — Olha, eu preciso de ajuda. Estou aberto a sugestões.

— Traga-a aqui por enquanto. Ela estará segura. Então, podemos encontrar maneiras de tirá-lo desta bagunça. — Cipher poderia ser um cara imaturo às vezes, mas quando a merda atingia o ventilador, sempre poderia contar com ele para ajudar a limpá-la.

— Ok... — Ele parou quando o chão embaixo deles retumbou, e uma carga no ar fez o cabelo de Hawkyn se levantar. — Uh-oh.

— O que é isso? — Cipher perguntou.

— Azagoth. — Todos pararam o que estavam fazendo quando uma explosão de fúria soprava como uma onda de choque pela terra. Vidros quebrados e pilares derrubados, e oh, merda, isso poderia ser ruim.

Como um grupo, Hawkyn, Cipher, Journey e Maddox correram para o epicentro do estrondo - o portal de e para Sheoul-Gra.

Hawkyn olhou por cima de seu ombro para Rico, que estava olhando para as *heraldis* em seu braço. Ele piscou, provavelmente para defender um Primori. Hawkyn acelerou, batendo no grupo antes de parar ao ver Azagoth com os olhos brilhando como lava quente e a pele enroscada com veias pretas e pulsantes. Em sua mão com garras, ele segurava pela garganta um anjo com asas de rubi.

— Não foda comigo, Ulnara — ele grunhiu. — Eu. Quero. Minhas. Crianças!

Ulnara? Hawkyn sugou uma respiração áspera. Ulnara era o nome de sua mãe. A fêmea lutando para escapar do aperto de Azagoth, a fêmea com os cabelos e olhos castanhos de Suzanne e o nariz de Hawkyn era *sua mãe*.

Ela riu, um som rouco e sufocado, que não foi nenhuma surpresa, dado que Azagoth tinha um agarre de morte no pescoço dela.

— Como se você se importasse com seus filhos. Isso? — Ela acenou com o braço em um gesto abrangente. — Tudo isso é um show ou um meio para um fim que só irá beneficiar você. Algum deles realmente acredita que você os ama? Você ainda é capaz de amar, verme do mal?

— Eu sou muito mais capaz do que você — ele gritou, batendo-a contra um pilar próximo. As penas flutuavam no ar ao redor deles enquanto as asas dela, presas entre a coluna de pedra e seu corpo, batiam inutilmente. — Você vai convencer o Conselho a me dar o que eu quero, e você vai fazer isso agora.

— Ou o que?

Azagoth soltou um rugido de fúria. Os ruídos vibraram e rasgaram o ar quando seu corpo se transformou em algo maior, com chifres, escamas e asas negras coriáceas com ganchos de ósseos serrilhados. Ele arremessou o anjo para longe do pilar e estalou suas mandíbulas maciças a poucos milímetros de seu rosto.

— Pai, não! — Hawkyn nunca conheceu sua mãe, não pensou que alguma vez conheceria. Mas essa era ela. Ele estava certo disso. E ele tinha que impedir que Azagoth a matasse.

Ele atacou, batendo com força total no demônio Azagoth e golpeando-o de lado. Azagoth lançou Ulnara, e em um movimento tão perfeito e instantâneo que Hawkyn

não teve a chance de evitá-lo, ele acertou Hawkyn na garganta e o golpeou com força no chão.

O ar saltou de seus pulmões, tanto do impacto quanto do pé gigante com garras em seu peito. Azagoth olhou para ele, baba pingando de uma boca cheia de dentes que um dragão invejaria e rosnou.

— Hoje não é o dia para me irritar. — Ele girou e pressionou um dedo longo em Ulnara. — Você pode agradecer ao nosso filho por salvá-la de todos os gritos que você estava prestes a soltar. Ele bateu as asas e se lançou no ar, onde ele pairou a cerca de nove metros de altura. — Ulnara, você tem uma semana.

Ela entrou na plataforma do portal, a mão dobrada sobre o punho da espada em seu quadril. Um instinto e nada mais, porque ela tinha que saber que nenhuma lâmina poderia sequer arranhar Azagoth. Não em seu próprio reino, e certamente não enquanto ele estava usando sua pele de demônio.

— Não desta vez, Azagoth — ela disse, sua voz poderosa e confiante, mas ela nunca tirou o olhar nervoso do demônio no ar. — Estamos fartos de te apaziguar.

— Não teste minha vontade, anjo — ele advertiu, sua voz dragando os próprios poços do inferno. — Sobre este assunto irei à guerra.

Guerra? O que diabos estava acontecendo?

Azagoth sacudiu seu pulso, desaparecendo com ela. Literalmente. Ela desapareceu sem sequer ativar o portal, devolvida para o Céu ou despejada em algum lugar que divertia Azagoth. Como dentro de um tanque de armazenamento de tratamento de esgoto. Ou uma fábrica de cachorro-quente.

Sem se importar em olhar para Hawkyn, Azagoth bateu as suas grandes asas e disparou para o céu, desaparecendo em nuvens que não haviam estado lá há um momento.

— Bem — disse Cipher quando ele ofereceu uma mão a Hawkyn — pelo menos você é consistente, sempre resgatando fêmeas de machos loucos.

— Não importa o quão estúpido seja — disse Maddox.

Journey balançou a cabeça. — Eu não posso acreditar que você fez isso, porra.

Hawk também não podia. — O anjo era minha mãe.

Cipher ergueu uma sobrancelha loira, e Journey e Maddox suspiraram alto.

— Droga — disse Journey. — Nunca conheci nenhuma mãe Memitim, e muito menos a minha.

— Ninguém conhece — disse Maddox.

— Você quer? — Cipher perguntou, e tanto Journey quanto Maddox sacudiram a cabeça.

Afinal, o que alguém diria à mulher que o abandonou, não para o seu próprio bem, mas porque você era um meio para um fim, um peão em um jogo que você foi criado para jogar, quer quisesse ou não?

— Hawkyn! — Lilliana correu, os dedos brincando com a extremidade da longa trança loira sobre seu ombro. — Eu vi o que aconteceu. Você está bem? — Ele acenou a cabeça, ela sorriu e deixou cair as mãos nos lados. — Bom. A próxima questão. Você é completamente estúpido?

Ele olhou para seus amigos, que estavam balançando a cabeça com veemência. — O consenso parece ser que sim. — Ele olhou para todos os espectadores, que pararam o que faziam para ver quando ele abordou seu pai. — O que Azagoth quis dizer com guerra? — Ele perguntou a Lilliana. — Pelo o que? As crianças de quem ele estava falando? — E que crianças?

— Eu não sei. — Ela cruzou os braços sobre o peito, enrugando sua blusa azul de seda. — Eu não tenho ideia do que está acontecendo com Azagoth, mas todos vocês precisam agir com cautela com ele por um tempo. Não o vi tão volátil desde que cheguei em Sheoul-Gra. Ele ama você, todos vocês, mas acho que ele também pode ter amado algumas das pessoas que ele transformou em estátuas vivas.

— Ele ama? — Journey perguntou calmamente. — Ele ama realmente?

Lilliana franziu o cenho. — Ele ama o quê? Ama algumas das estátuas?

— Não. Nos ama.

— É claro que sim — Ela disse, mas Hawkyn jurou que ouviu uma nota de dúvida em sua voz.

Maddox bufou. — Ele é um anjo envolto em um demônio envolto em um imbecil. Ele não se importa com nada além de si mesmo.

Em um instante, Lilliana estava no rosto de Maddox, seus olhos brilhando de raiva, suas asas, que Hawkyn nunca tinha visto, erguidas, envolvendo seu irmão na sombra. Ela era mais baixa do que Maddox em pelo menos quinze centímetros, mas de alguma forma ela parecia se elevar sobre ele.

— Como você se atreve, seu desgraçado ingrato — ela retrucou, levando Maddox para trás com a força de sua raiva. Raiva que Hawk não sabia que ela era capaz. Lilliana sempre foi tão calma e doce. — Você não vê o que ele fez para você? Para todos vocês? Você está completamente cego para o que ele construiu aqui para vocês? Ele não fez isso por exibição ou ganho pessoal ou político, não importa o que Ulnara disse. Eu vi sua miséria e senti sua dor quando seu irmão Methicore conseguiu fechar Sheoul-gra para o acesso dos Memitim há um tempo. Mas seu pai cobrou cerca de um milhão de favores para que a decisão se revertisse, favores que lhe custaram muito. — Ela encostou seu dedo no peito de Maddox. — Então, se você não pode demonstrar um pouco de respeito, eu pessoalmente lhe mostrarei a porta.

Maddox levantou as mãos em sinal de rendição, mas teve o cuidado de não derramar o vinho em uma mão.

— Sim, senhora — ele disse mansamente. — Peço desculpas.

Durante um longo momento, Hawkyn não tinha certeza de que ela aceitaria as desculpas dele, mas, no momento em que ele estava avaliando maneiras para apaziguar a situação, ela recuou com um movimento irritado de asas.

— Bom — ela disse com força. — Agora, vou verificá-lo. Vocês podem participar da festa.

Hawkyn acenou que sim, mas ele não planeja ficar. Ele precisava examinar as anotações que ele tinha sobre o passado de Drayger, e então ele tinha que descobrir o que fazer com Aurora.

Ele estava prestes a se despedir de seus amigos quando seu braço paralisou e a dor disparou de seu pulso para o ombro. Sibilando, ele olhou para a fileira de sete

heraldis que se estendiam da palma da mão para o cotovelo. O do meio estava pulsante, vermelho, irritado.

Um de seus Primoris estava com problemas.

— Eu te darei cobertura — disse Journey. — Vamos.

— Estou dentro — disse Cipher. — Vamos chutar traseiros. — Maddox bebeu o vinho e jogou o copo no chão como um pico de vitória. — Chutar traseiros!

Hawkyn iria afastar o traseiro bêbado de Maddox se ele precisasse, mas por enquanto ele estava feliz por ter amigos e familiares nas suas costas.

Sobre este assunto, eu irei à guerra

Especialmente agora.



CAPÍTULO 8

Alcançando a maçaneta da porta do escritório de Azagoth, Lilliana respirou profundamente. Mas quando sua mão se fechou no metal frio, ela hesitou. Ela já tinha visto seu companheiro em fúria antes, e sabia que devia dar-lhe espaço. Muito espaço. Especialmente depois que ele perdeu o controle de seu demônio interno e o deixou solto para brincar.

Ela olhou para o relógio. Tinha passado uma hora desde que ele voou para longe com raiva. Ela nunca o tinha visto voar antes. O que isso significou? O que estava acontecendo com ele?

Sua barriga agitou enquanto ela se estabilizou com uma última conversa mental e abriu a porta.

Ele retornou à sua linda forma de sempre, ficando tão perto da lareira que as chamas lambiam a bainha do manto preto que ele deve ter jogado depois de sair de sua forma bestial, que geralmente destruía sua roupa.

— Ei — ela disse suavemente.

Seu grande corpo estremeceu, mas ele não se virou. — Meu amor.

Toda vez que ele a chamava assim, ela se derretia um pouco por dentro. Ela inicialmente veio para Sheoul-gra para roubar algo dele, e ele gostava de afirmar que

o que ela roubou foi o coração dele. Ele também roubou o dela, e mesmo quando as coisas estavam difíceis, ela ainda se sentia como o anjo mais sortudo do mundo.

A porta se fechou atrás dela com um baque baixo. — Você está bem?

— Sim.

Ignorando o que era obviamente uma mentira, ela se aproximou. — Estou preocupada com você. Você está tão irritadiço e distante.

— Não é nada. — Ele se virou para ela, mostrando um sorriso que era claramente para aplacá-la. — Apenas assuntos de trabalho.

— Eu acho que é mais do que isso. — Ela apoiou a mão em seu braço. — Por favor, querido. Me deixar entrar.

Ele soltou um grunhido baixo e sedutor, e puxou-a para ele. — Que tal você me deixa entrar...

Antes, quando ele a tocava assim, ela cedia. Mas não desta vez.

— Não. — Gentilmente, ela o empurrou para longe. — Você não vai me distrair novamente. Quero saber o que te irritou hoje. Eu também quero saber mais sobre o anjo com quem você estava lutando.

Lilliana nunca teve ciúmes de suas amantes do passado, principalmente porque sabia que a maioria delas o via apenas como meio de reprodução, dever e sacrifício. Mas ela também nunca esperou que alguma delas viesse a Sheoul-gra agora que ele estava acasalado. Claramente, Ulnara o odiava, e ele também não parecia gostar muito dela, mas ouvi-lo dizer ela que poderia agradecer ao filho deles por salvá-la foi como um soco no estômago.

— O que me irritou — ele grunhiu — é que o Conselho Memitim se recusa a revelar a localização de qualquer um dos meus filhos pequenos que ainda estão vivendo entre os humanos.

Ela piscou confusa. — Por que você quer saber onde eles estão? Você nunca soube, não é?

— Não, eu não soube. Mas eu quero saber agora. — Seu olhar de esmeralda esfumaçado trancou com o dela. — E eu quero que eles sejam trazidos para cá.

Uau. Ela sugou uma respiração assustada. Isso era... inesperado. Há muito necessário, talvez, mas inesperado, no entanto. Especialmente dado o fato de ele ter dito que não estava pronto para ele e Lilliana terem filhos. No entanto, agora ele queria um monte deles, os que ele havia feito com outras fêmeas, para ocupar seu reino?

— Há quanto tempo você está querendo que isso aconteça? E por que você não me contou? — Ela tentou não ficar chateada pelo fato de ele não ter discutido isso com ela, mas era impossível deixar o fio de dor fora de sua voz.

— Um tempo — ele disse, e se ele estava consciente em qualquer nível que ela se sentia ferida por sua falta de comunicação, ele não mostrou. — Eu não te disse porque não queria dizer nada até que eu soubesse que era mesmo uma possibilidade. O que não parece ser.

— Por que eles iriam recusá-lo? Especialmente porque nosso acasalamento mudou a forma como os Memitim são criados, certo?

— Precisamente — ele resmungou. — É uma besteira. Novos anjos da classe Memitim podem agora nascer de qualquer anjo celestial. E ao contrário da minha prole, eles não serão abandonados para que sejam criados por humanos. Eles serão criados e treinados no céu como anjos normais de todas as classes e ordens.

— Então, por que Ulnara estava aqui?

— Porque ela está no Conselho agora.

Ela franziu a testa. — Os membros do Conselho Memitim não deveriam ser Memitim?

— Seria de se esperar isso. Mas essa regra foi alterada, porque aparentemente agora que Memitim pode nascer de anjos celestiais, os anjos celestiais devem comandar.

Lilliana não gostou nenhum pouco disso. — Então, isso significa que você estará vendo mais de suas ex-amantes?

— Espero que não.

Estou com você.

Frustrada, mas não querendo falar sobre as ex-amantes de Azagoth, ela mudou o assunto. — Olha, por que não nos esquecemos de tudo isso por um tempo? Não usamos o *chronoglass* para ir a qualquer lugar em semanas. Vamos visitar uma praia tropical ou um prado de montanha. Podemos fazer um piquenique, um pouco de vinho... e podemos conversar

Sua capacidade de viajar no tempo e levá-lo a qualquer lugar do mundo por uma hora a cada vinte e quatro horas era um presente que eles usavam quase diariamente durante todo o relacionamento deles... até algumas semanas atrás, quando ele de repente se tornou “muito ocupado”.

Ele balançou as sobrancelhas de brincadeira. — Você sabe que se nós formos em algum lugar romântico assim, não conversaremos.

— Sim, nós vamos — ela disse com firmeza. — Eu não vou cair em seus truques de sedução, Azagoth. Não até que você me diga o que há com você. — Ela ergueu o dedo para cortá-lo antes que ele dissesse o que sabia que ele iria dizer. — E não me diga que não é nada. Eu sei que não é verdade.

A temperatura na sala caiu tão baixa que ela podia ver a respiração dela. Mas não seu do marido. Não, ele tinha ficado tão frio que sua respiração não seria visível mesmo na Antártida.

— Você está me chamando de mentiroso?

Irritada pela sua súbita mudança de humor e cansada de tentar fazê-lo falar, ela soltou uma risada amarga.

— Sério? Você causa dor e sofrimento todos os dias. Você planeja com demônios malignos e trama com anjos. E você vai fingir indignação por ser chamado de mentiroso? Especialmente quando é a verdade? Você está com raiva de que eu não sou burra o suficiente para acreditar em suas negações, não é? Ou você com raiva de si mesmo por não ser um melhor mentiroso? De qualquer forma, basta. Você tem um zilhão de anos. Aja como um homem crescido.

Ela soube no momento em que parou de falar que ela tinha ido longe demais. Os olhos de Azagoth se tornaram glaciais por um segundo antes de se acenderem, chamadas alaranjadas que lampejaram suas íris.

— Eu amo você — ele disse em uma voz profunda e torturada. — Então você deveria ir.

Tão zangada como ela estava, com a certeza de que ela era a pessoa que estava certa, ela também sabia que se quisesse ganhar a guerra, ela tinha que se retirar estrategicamente de certas batalhas. Azagoth não a machucaria fisicamente, ela sabia disso sem dúvida nenhuma, mas ele era mais demônio do que anjo, e quando o anjo dentro dele fugia, o demônio que permanecia poderia esfolá-la viva com suas palavras. Permanecer aqui só levaria a dor para ambos e ninguém ganharia.

Ela olhou para o relógio. — Eu tenho coisas para fazer. Mas Azagoth, não terminamos com essa conversa.

Ela bateu a porta do escritório dele e, enquanto caminhava pelo corredor sem fim, seu rugido de raiva ecoou pelas paredes, balançando os candelabros e sacudindo as obras de arte.

Mas nada estava mais chacoalhado do que seus nervos.



CAPÍTULO 9

Demorou mais do que Hawk queria para acabar com a ameaça ao seu Primori, um membro da Equipe Responsável por Atividades Demoníacas, a quem ele estava guardando desde que ele nasceu. Jake Biemer juntou-se originalmente ao Aegis, uma organização de caça aos demônios, após um período na marinha. Mas alguns anos atrás, quando o Aegis adotou uma nova e radical posição que ele não gostou, ele se juntou aos outros desertores do Aegis para iniciar o DART. Agora o cara passava seu tempo investigando atividades demoníacas que o colocava em perigo o tempo todo. Felizmente, Hawk só teve que responder a perigos que de alguma forma não estavam destinados a acontecer.

Parecia que, desde o quase apocalipse há vários anos, o perigo não predestinado acontecia muito mais do que nunca.

E Hawk não foi o único que notou. A maioria de seus irmãos Memitim se queixou da mesma coisa. Era como se a cola que mantinha todas as leis da natureza juntas tivesse começado a se dissolver, deixando pontos fracos em todos os lugares. Mesmo o Inner Sanctum em Sheoul-Gra, onde as almas eram mantidas, não estava imune. Azagoth e Hades estiveram lidando com rachaduras nas paredes de contenção que não tinham estado lá antes.

E, naturalmente, ninguém no céu ofereceria explicações.

Era uma das razões pelas quais Hawk não podia esperar para Ascender. Ele queria obter respostas e então queria compartilhar essas respostas com seus irmãos e irmãs. Ele queria melhorar a vida para os Memitim, e seria melhor para as pessoas dignas que eles protegiam. Ser incluído no Conselho Memitim era seu objetivo, e maldição, ele iria alcançá-lo.

Mas isso não aconteceria se ele não conseguisse manter um Primori seguro. Mesmo os pedaços de merda como Drayger.

Crise evitada, Hawk se despediu de Cipher e seus irmãos e voltou para Underworld General. Ele ainda não tinha um plano para Aurora, ele só sabia que ele tinha que convencê-la a não ir à polícia.

— *Ei, eu sei que o cara torturou você e estava planejando matá-la devagar, mas mesmo assim, perdoar e esquecer é pedir demais?*

Sim, isso seria muito bom.

No que estava se tornando uma rotina, ele se dirigiu para o hospital, entrou pelas portas da Emergência do estacionamento e se aproximou da recepção.

— Posso ajudá-lo? — A garota na recepção o encarou com olhos claros e sem pestanejar.

— Estou aqui para ver Aurora Mercer. Ela foi admitida ontem.

O demônio tocou algumas teclas no teclado do computador. — Me desculpe, mas ela foi liberada.

— O que? Quando?

— Três horas atrás.

— Três horas? — Drayger poderia tê-la novamente agora. — Que diabos? Por que ninguém me notificou?

Ela franziu o cenho para a tela. — Você deixou as informações de contato?

— Sim.

— Você deixou instruções para ser notificado sobre qualquer mudança em seu status?

Merda. Ele tinha saído rápido demais para pensar nisso. — Ah não.

Ela sorriu docemente. — Então, peça desculpas por gritar comigo ou gentilmente vai se foder.

— Você sabe, a reputação da grosseria por parte de sua equipe é lendária, mas isso foi quase agradável.

— O doutor Eidolon nos pediu para sermos mais gentis.

Hawkyn duvidava que “ser mais gentil” significasse que a equipe deveria sorrir enquanto dizia às pessoas que se foderem, mas o que quer que fosse.

— Oh, bem, então peço desculpas, e me certificarei de dizer a Eidolon que você está fazendo um grande esforço.

Ignorando seu bufo legitimamente duvidoso, ele saiu para o estacionamento e se manifestou na casa de Aurora, grato por tê-la encontrado anteriormente, ou ele teria que perder um tempo precioso para encontrá-la.

Ele se materializou em frente à casa, suas asas sombra se desdobraram mantendo-o invisível para todos, exceto para outros Memitim.

Era o final da tarde em Portland, o sol escondido atrás de uma camada grossa de nuvens baixas. O chão úmido cheirava a sujeira e musgo, mas ele também pegou um cheiro de algo doce da padaria no quarteirão. Aurora morava em um bairro agradável, que provavelmente era considerado seguro.

Ele se moveu pela sua estreita calçada em direção à escada da frente e sua pequena varanda de tijolos, que era quase grande o suficiente para as duas pequenas cadeiras e a mesa dobrável que ela colocou lá. Ele poderia ter se materializado dentro de sua casa, mas isso seria grosseiro. E perseguidor. Além disso, dado o trauma que ela já suportou, seria um movimento seriamente idiota que provavelmente a aterrorizaria.

Ele apenas tocou a campainha.

Que pitoresco.

Aurora sabia que não deveria estar em sua casa, dado que um assassino em série tinha seu endereço e quase certamente tentaria silenciá-la. Mas ela não tinha mais nenhum lugar para ir onde ela não colocaria amigos e familiares em perigo. O que ela

tinha era um arsenal de armas místicas e dissuasores, e ela reuniu energia suficiente da equipe do hospital para utilizá-los.

A linda garota lobisomem, chamada Runa, que a acompanhou até sua casa, havia lhe dado involuntariamente uma forte onda de poder quando ela lhe deu um abraço, permitindo que a palma de Aurora se demorasse em suas costas. Runa não sentiria falta da energia roubada, mas tinha sido um longo caminho para preencher o poço vazio de Aurora.

Em qualquer caso, ela não planejava estar em perigo por muito tempo. Ela estava indo à polícia assim que ela pudesse apresentar uma história plausível para sua fuga e falta de ferimentos. Afinal, a equipe médica do Underworld General havia feito um trabalho incrível em curá-la. Durante o longo e quente banho que ela tinha tomado, após segundos que chegou em casa, notou que a cicatriz na coxa era quase imperceptível, e todas os outros hematomas, cortes e escoriações desapareceram inteiramente. Um demônio dentista tinha até consertado o dente que o desgraçado quase havia tirado.

O micro-ondas apitou, anunciando que seu macarrão com queijo estava pronto. O que ela não daria para um bom prato de massa caseira, nada que ela pudesse cozinhar valeria a pena, mas estava exausta e teria que se contentar com coisas congeladas de uma caixa. Pelo menos era orgânico.

Inalando o aroma de dar água na boca do queijo, ela se dirigiu para a cozinha, mas sem aviso prévio, o cabelo na parte de trás do pescoço se levantou. Sua ala de proteção havia disparado.

Uma fração de segundo depois, ela ouviu a voz profunda que tinha preenchido seus ouvidos durante seus sonhos.

— *Que porra é essa?*

Ah Merda. Ela correu para a janela e puxou para trás as alegres cortinas amarelas que combinavam perfeitamente com o padrão floral em seu sofá azul de aço. E ali, imóvel, com os braços presos ao seu lado na sua porta, estava o homem, não, o anjo, que lhe salvou a vida.

Ela não se incomodou em calçar sapatos. Ela começou a abrir a porta e quase tropeçou em seus próprios pés descalços na pressa de sair.

— Ei — Hawkyn disse com os dentes cerrados. — Bom sistema de segurança que você tem aqui. Poderia estar melhor sem a corrente elétrica fritando minhas entranhas, no entanto.

— Sim, bem, não era para você. — Ela fechou os olhos e concentrou-se na vibração de baixo nível que emanava da armadilha que ela havia colocado. Um fio invisível de energia, parecido com um cabo de força, esticou-se dela até a bolha protetora ao redor da casa, e com um comando sussurrado, “*Rojalis*”, quebrou-se.

Instantaneamente, Hawkyn relaxou, puxando ar, o peito amplo debaixo de sua camisa de gola alta preta e jaqueta de couro. Maldito, ele era magnífico, suas coxas longas e magras envoltas em jeans escuros que se agrupavam em torno de botas de combate bem usadas. Ela nunca adivinharia que ele era um anjo, mas, caramba, era uma boa visão e, apesar do horror dos últimos dias, seu corpo ficou desconfortavelmente quente.

Malditos genes de succubus.

— Isso foi desagradável — ele disse com uma voz profunda e rouca que aumentou a temperatura ainda mais — e eu sou um anjo. O que aconteceria com um humano que fosse pego na sua armadilha?

— Um bom ser humano? — Ela encolheu os ombros. — Nada. A armadilha foi calibrada para o mal. — Ela pausou, um dedo gelado de medo cutucou sua libido, e ela deu um passo casual para trás, caso ela precisasse bater à porta em seu rosto. — Hum, se você é um anjo, por que a armadilha pegou você?

— Longa histó...

— Não — ela interrompeu com um movimento de seu dedo. — Não vá por aí.

Uma sobrancelha loira arqueou alto, e ela suspeitava que ele não estava acostumado a ser cortado.

— Tudo bem, breve história. — Ele colocou as mãos nos bolsos do casaco. — Meu pai é malvado. Mais ou menos.

Bem, isso não era esperado. — Seu pai não é, uh, Deus?

— Não.

— Tudo bem então. Eu tenho muito a aprender. — Ela gesticulou em convite. — Quer entrar? Você precisa de permissão?

Um canto de sua boca inclinou em diversão. — Eu sou um anjo, não um vampiro de um filme exagerado. — Sua voz, assim como no hospital, era tão suave que pensou que ela poderia ficar bêbada simplesmente ouvindo-o.

— Bem, você tem presas — ela apontou, sentindo-se um pouco tola.

Ele riu, mas suas botas não fizeram barulho em seus pisos de madeira enquanto ele entrava, surpreendente para um macho tão grande. Ela fechou a porta atrás dele e alcançou o poder profundo, mas agora que a armadilha foi disparada e desligada, ela não tinha o suficiente para ajustá-la novamente. Bem, ela supôs que, se o pior acontecesse, o anjo em pé em sua sala de estar seria uma proteção adequada contra o psicopata que tentou matá-la.

— Me desculpe, por eu não estar lá quando você foi liberada do hospital. — Ele se aproximou dela, mais músculo e sensualidade que alguma vez esteve em sua casa. — Eu suponho que você pegou um Harrowgate para casa?

— Sim — ela disse, sem elaborar. Ele não precisava saber que seu povo não podia ver, e, portanto, usar, Harrowgates como os do submundo normais poderiam. Essa pequena informação poderia ficar entre ela e Runa, que foi capaz de usar a Harrowgate para trazer Aurora de Nova York para Portland em questão de segundos. — E é perfeitamente normal que você não estivesse lá. Você não é meu cuidador. — Ela manobrou em torno dele para chegar à cozinha. — Posso oferecer-lhe uma bebida ou qualquer coisa?

— Não, obrigado. — Ele a seguiu, sua presença fazendo sua casa de 56 m² parecer mais como uma caixa de sapatos do que já parecia. — Como você está?

Enquanto ela não pensasse no que tinha acontecido com ela, ela estava bem. — Eu ficarei melhor quando eu for à polícia.

— Ah, sim. — Ele passou os dedos pelos cabelos e olhou para tudo menos ela. — Esse é o problema. Você não pode ir até eles.

Ela puxou seu macarrão com queijo do micro-ondas. — Desculpa? Por que não? — Quando ele não respondeu, ela fechou a porta do micro-ondas e virou-se para ele. — Bem?

Ela quase riu, porque estava bem claro que ele queria usar a desculpa da “longa história” novamente. Finalmente, ele fez um gesto para a mesa da sala de jantar. — Talvez devêssemos falar enquanto você come o seu... o que é isso?

— O que, eles não têm macarrão com queijo congelado no céu?

— Eu não faço ideia. Eu nunca estive lá. Mas me parece que você não pode chamar um lugar de Céu se não tiver macarrão com queijo. E cães.

— Concordo. — Ela abriu a gaveta de talheres. — Mas deixe-me ver entendi. Seu pai é “meio que” mal e você nunca esteve no Céu. Que tipo de anjo você é, afinal?

Um nó nervoso se formou em seu estômago enquanto procurava um garfo. E se ele não fosse um anjo? E se ele estivesse mentindo? Oh, deuses, quem ela deixou entrar em sua casa?

E quão eficazes eram garfos como armas? Como uma das massagistas mais requisitadas de Portland, ela tinha um conhecimento detalhado da anatomia e poderia incapacitar ou até mesmo matar com uma punhalada bem colocada de um garfo, mas isso era assumindo que o alvo fosse humano. Mesmo que Hawkyn não fosse um anjo, ele definitivamente não era humano.

Ele deve ter notado seu alarme, porque ele baixou a voz para um murmúrio calmanete e quase sossegado. — Eu sou uma raça especial de anjo terrestre chamado Memitim. Eu nasci aqui, criado por humanos, e meu objetivo, igual a todo o Memitim, é ganhar meu caminho para o Céu.

Ela o percorreu da cabeça aos pés com o olhar, procurando qualquer sinal de que ele estava falando a verdade, mas ele parecia um macho humano normal. Bem, não normal. Ou de qualquer forma mediano. Inferno, tanto quanto ela poderia dizer, ele não possuía um único atributo físico que não fosse absoluta perfeição, da sua pele

bronzeadas sem defeito e feições masculinas angulosas até a sua forte mandíbula e cílios exuberantes que moldavam olhos da cor de esmeraldas defumadas.

Agora ela queria ver toda a perfeição dele sem as roupas. Afinal, se ele fosse realmente um anjo, ele seria perfeito em todos os sentidos, certo?

Ele provavelmente não aceitaria gentilmente que ela lhe pedisse para ele se despir como prova, mas ele certamente não se oporia a uma demanda muito básica que ele provavelmente ouvia com frequência.

— Deixe-me ver suas asas.

Uma mancha rosa iluminou suas bochechas. — Memitim não tem asas — ele disse, o que soou como uma desculpa conveniente. — Não são reais. Mas eu tenho algo semelhante. Antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer, um par de asas enevoadas, de cor fumaça, perfuraram o ar atrás dele. — Isso me permite mover-me invisivelmente quando preciso.

Sua boca ficou seca com o choque. Ele realmente era um anjo. Ela estava parada na presença de um ser que ela não pensava ser real. Puxa, ela sempre esteve tão perto de ser atea, apesar da existência de demônios que, segundo alguns, provariam a existência de Deus.

— Posso tocá-las?

— Você pode tentar. — Ele moveu, permitindo seu acesso. — Mas sua mão passará por elas. Elas são feitas de sombra.

Ela estendeu a mão, esperando sentir ar vazio, mas em vez disso seus dedos sentiram... algo. Algo elétrico. Ele ficou tenso enquanto ela acariciava o ápice de uma de suas asas fantasmagóricas.

— Eu posso sentir o seu toque — ele respirou. — Você pode... senti-las?

— Sim — ela disse, com absoluta admiração por estar em contato com um ser celestial real. Bem, um ser celestial terrestre, de qualquer maneira. — Eu as sinto como água morna com uma corrente elétrica passando por elas.

Curiosa, ela se concentrou em absorver um pouco de sua energia através da palma da mão, mas nada aconteceu. Ela deixou cair o olhar em sua bunda perfeita. Talvez se ela tocasse uma parte mais sólida de seu corpo...

— Eu não entendo. — Ele se afastou, sua expressão de confusão genuína. — Ninguém jamais conseguiu tocá-las. Esta é a primeira vez que sinto alguma sensação vindo delas.

Hã. Esquisito. — O que sentiu?

— Como... uma carícia. Como se fossem asas reais e elas estivessem conectadas com o meu... ele parou e deu um sorriso atrevido. — Deixa pra lá.

Tarde demais. Seu olhar deslizou para baixo, e ela deu um suspiro apreciativo na protuberância impressionante por trás da braguilha de seu jeans.

Então era assim que você seduzia um anjo. Não que ela planejasse seduzi-lo. Ela era uma garota da Terra, gostava do mundo humano e das pessoas humanas. Além disso, ela duvidava que os anjos se relacionassem com humanos, e muito menos demônios ou híbridos humanos / demônios como ela.

Limpando a garganta, ela recuou os olhos para o rosto dele, mas sua expressão divertida disse que ele sabia que ela estava cobiçando seu pau angelical.

— Então... outros Memitim não têm asas sombra? — Ela perguntou, esperando que ela não soasse humilhada demais. — Por que você?

— Como eu disse, meu pai é malvado. Menos agora do que quando algum de nós fomos concebidos, mas, naquela época, ele era indistinguível de um demônio. — Ele girou os ombros, e as asas se desfizeram como fumaça em uma brisa. — Ele é um anjo caído, o pai de todos os Memitim, então alguns de nós herdamos traços e habilidades únicas dele. — Ele resmungou. — Irrita os anjos nascidos no Céu que obtemos habilidades de anjo caído que eles não podem acessar.

— Uau — ela sussurrou, tentando processar isso e falhando. — Quantos anos você tem?

— Um pouco mais de seiscentos anos. Mais jovem do que a maioria dos meus irmãos. Você?

Seiscentos anos? Seu povo tinha vida longa, mas não tão longa, e sua expectativa de vida ficava cada vez mais curta à medida que eles procriavam cada vez mais com humanos.

— Eu farei trinta no próximo mês — ela disse. — Meus pais estão em seus oitenta anos, mas eles têm a aparência da minha idade.

Ela se sentou em sua mesa vintage preta e vermelha com o seu macarrão, mas já não estava com fome. Ela cresceu em um ambiente humano, em um bairro humano, frequentou escolas humanas e trabalhou em empregos humanos. Seus pais e irmãos eram, para todos os efeitos, humanos. Ela e os membros da sua família abraçaram os poderes com os quais eles nasceram, mas nunca os considerou realmente sobrenaturais. Eles eram simplesmente parte dela. Como seus cabelos e dentes.

Então isso... era inquietante. Inferno, os acontecimentos dos últimos dias, começando por ser sequestrada e torturada, acordar em um hospital demoníaco, sentar-se em uma mesa com um anjo... tudo estava mexendo com sua cabeça. De fato, ela começava a latejar.

Apoiando os cotovelos sobre a mesa, esfregou as têmporas. — Eu... acho que preciso de um minuto.

— Você está bem? Aurora? — Ele apareceu ao lado dela, sua mão em seu ombro. Ela nem o viu se mover. — Você está um pouco pálida.

— Eu me sinto tonta. — A sala estava começando a girar, e seu estômago rugia como se quisesse se esvaziar do seu vazio interior. Merda, isso estava acontecendo porque ela estava sem poder, não era? Ela precisava recarregar e rápido.

— Eu vou levar você de volta ao Underworld General.

— Eu prefiro ir à polícia. — Uau. Havia luzes brilhantes flutuando na frente de seus olhos agora, e ela estava balbuciando as suas palavras? — Por que não posso?

— Aurora...

— Diga-me — ela falou, sua paciência desgastada.

Houve uma pequena hesitação, e então ele disse calmamente: — Você não pode ir à polícia porque Drayger está sob proteção.

As luzes começavam a diminuir e a escuridão estava fechando-se aproximando.

— De quem é a proteção?

— Minha — ele disse devagar. — Meu trabalho é manter Drayger seguro.

Com essas palavras insanas, ela acolheu a escuridão.



CAPÍTULO 10

Hawkyn pegou Aurora quando ela deslizou para fora da cadeira. Maldição, ele não deveria ter jogado tanta informação sobre ela tão rapidamente. Os médicos do Underworld General asseguraram-lhe que ela estava fisicamente bem, então ela deveria estar com choque, horrorizada com a sua admissão.

Como ela não poderia estar? Era seriamente fodido que pessoas como Drayger, as piores pessoas que já viveram, estivessem, e continuassem sendo, protegidas de danos enquanto pessoas decentes sofreriam.

Colocando-a contra o peito, a levou para o sofá, uma coisa retrô floral de veludo que não parecia ser capaz de segurar seu pequeno peso, muito menos o dele. Ele se perguntou por que ela preferia a decoração dos anos 50 e 60.

Era curioso... ele tinha centenas de anos, e não havia um único período na história que ele voltasse a olhar com carinho. A vida era horrível para os humanos durante a maior parte de sua história, e, em alguns lugares, ainda era horrível. Na verdade, ele gostava dos tempos modernos, da tecnologia, do entretenimento, da comida.

As fêmeas.

Nos tempos modernos, as fêmeas usavam menos roupas.

Até mesmo Aurora, com calça leggings corsário de estampa paisley⁶ e um longo suéter com gola V que elogiava sua pele cremosa e olhos azuis brilhantes, mostrava mais seu corpo curvilíneo do que as mulheres de sua juventude. E uma boa porcentagem de sua vida adulta, pensando bem.

Em seus braços, ela começou a se mexer, e ele teve que lutar contra o súbito desejo de abraçá-la em vez de abaixá-la. Ela era a primeira mulher, além de suas irmãs, que ele havia segurado contra seu corpo em séculos. Mesmo assim, quando ele pensava que ele era humano e antes que ele fosse forçado pelas regras Memitim ao celibato, o contato com fêmeas foi puramente sexual, fодas rápidas em becos e estábulos.

Ele foi devastadoramente pobre, um ladrão quando não conseguia encontrar trabalho o suficiente para se alimentar, mas ele era bonito e carismático, atraindo fêmeas como um ímã. Aqueles momentos, tão fugazes e decadentes como eram, tinham sido sua única fonte de prazer e sua única fuga de uma vida de miséria.

— Desculpe — ela disse enquanto ele a colocava suavemente no sofá. — Eu acho que usei muita energia para alimentar as alas de proteção ao redor da casa. Eu ficarei bem em um minuto. — Ela se moveu de modo que ela estava sentada, encostada no apoio de braços, pernas dobradas debaixo dela. Ela estava muito pálida, os olhos vermelhos, mas irradiava uma força interior que Hawkyn podia sentir como uma corrente elétrica na superfície de sua pele. — Você realmente disse que o desgraçado que me torturou e me quer morta está sob sua proteção?

Não havia como amenizar sua resposta. — Sim. Ele é o que chamamos de Primori, e tenho o dever de mantê-lo seguro.

— Tudo bem — ela disse, muito mais calmamente do que teria se a situação tivesse sido invertida. — Vamos voltar ao porquê um anjo protegeria um assassino em série e se concentrar em porquê isso significa que eu não posso ir à polícia.

Ainda não havia nenhuma maneira de amenizar isso também. Tudo o que ele tinha era um monte de pílulas amargas para engolir. Ele poderia pelo menos oferecer-lhe um pouco de água para levá-las.

⁶Padrão colorido em forma de lágrima com a extremidade superior curvada.

— Você não pode ir à polícia porque eu fodi tudo. — Ele afundou na surpreendente cadeira confortável que não combinava com nada na casa. — Eu interferei no estacionamento e você me explodiu em vez dele, potencialmente mudando seu destino.

Sua expressão cética o teria feito rir se eles estivessem falando sobre algo além de um psicopata empenhado em matá-la.

— Um, corrija-me se eu estiver errada, mas isso não significa que eu o teria matado? Então, qual é o grande problema em ir à polícia? Ou, você sabe, matá-lo?

— Nós não sabemos se você o teria matado — ele explicou. — É possível que você teria errado. Ou apenas o ferido. — Também era possível que Atticus estivesse errado e Drayger não fosse inteiramente humano ou que ele fosse protegido por um objeto encantado ou um feitiço místico. — Você ainda poderia ter sido sequestrada.

— Então, por que você me salvou?

Porque, aparentemente, ele era bom em cometer erros. — Porque eu não queria arriscar que você não deveria ser sequestrada.

Ela se sentou um pouco mais reta, os olhos brilhando do jeito que Suzanne fazia quando estava prestes a brigar com ele, e ele se preparou. — Então você está me dizendo que se você não estivesse lá, mas você soubesse que ele tinha me levado, você não teria me resgatado?

— Memitim não pode interferir com as ações daqueles que protegemos.

— Seu idiota! — A cor inundou suas bochechas e seus lindos olhos piscaram com raiva. — Você teria me observado ser lentamente desmontada?

— Bem, eu não teria *assistido*...

— Saia! — Ela pegou o vaso vermelho brilhante do final da mesa e atirou nele, como algo de um filme. Ele se abaixou enquanto passou pela sua orelha e se espatifou contra a parede. — Saia da minha casa!

Claramente, ela precisava de algum tempo para absorver tudo isso. Infelizmente, ela também precisava ficar segura. — Não vou a lugar nenhum até que você ative o feitiço de proteção novamente.

Ele certamente também lançaria uma barreira protetora na casa, mas ele não a deixaria por muito tempo. Barreiras não eram sua especialidade e elas se desgastavam rapidamente.

Mandíbula ainda apertada de raiva, ela evitou o olhar dele, tendo um interesse súbito na mesa de café. — Eu não posso.

— Por que não?

— Porque meu poder foi drenado — explicou. — Eu não tenho o suficiente para acender uma vela, muito menos tecer um feitiço de proteção complexo.

— Como você recarrega? — Com a hesitação dela, ele recostou-se na cadeira, na esperança de parecer menos ameaçador, do jeito que as pessoas gentis tinha feito com ele durante sua infância. Ele nunca esqueceria como pequenos gestos - um sorriso, uma migalha de comida ou apenas um pouco de paciência o havia ajudado a sobreviver. Ser impotente já era ruim o suficiente, mas ter que explicar sua vulnerabilidade só tornava as coisas piores. — Está bem. Entendi. Eu também tenho que recarregar.

Ela olhou para ele, a cautela em seu olhar escurecendo um pouco. — Você tem?

Ele assentiu. — É outra daquelas coisas herdadas do meu pai. Alguns de nós, como minha irmã Suzanne, não experimentam um esgotamento total de seus poderes. Mas a maioria de nós sim.

Desta vez, quando olhou para ele, ela não desviou o olhar. — E como você restaura sua energia?

— Sono ou tempo. Ou... — ele abriu a boca para revelar suas presas. — Nós nos alimentamos.

— Oh. — Seus olhos brilharam de surpresa, mas escureceram quando olhou para ele. — Ah.

Ele já sabia que ela era especial de alguma forma, já que ela podia sentir suas asas sombra, mas agora sua voz sensual fluíu por ele como mel quente, lento e doce, e seu corpo respondeu, despertando de um coma de séculos. O descongelamento começou quando ele sentiu seu toque fugaz em suas asas, mas isso foi ainda mais intenso. Ele se

sentiu um pouco letárgico, mas ao mesmo tempo eufórico, como se tivesse esvaziado um barril de champanhe.

Isso era ruim. Ele passou dezenas de anos ensinando a si mesmo a suprimir seus desejos carnis - pelo menos aqueles que envolviam ele e uma parceira. Memitim deveria também evitar a autogratificação, mas a masturbação havia caído em uma coisa do tipo “não pergunte, não conte” nas últimas décadas, e ele nunca havia obedecido de qualquer maneira.

Agora ele estava recebendo todos os tipos de feedback do corpo que ele sempre considerou perfeitamente treinado e condicionado, mental, emocional e fisicamente.

Era exatamente por isso que Memitim não deveria interagir muito fora da comunidade Memitim. Foi exatamente sobre isso que ele deu um sermão em Suzanne.

E isso era exatamente o que poderia desqualificá-lo para ser nomeado ao Conselho Memitim.

— Quem... de quem você se alimenta? — Aurora perguntou, sua curiosidade superando sua raiva residual.

— Quem quisermos, na verdade. — Sua boca começou a aguar apenas pensando nisso. — Meu irmão Maddox só pode restaurar seu poder bebendo de demônios. Alguns dos meus irmãos preferem se alimentar de seus Primori, mas sempre preferi me alimentar de pessoas que atacam as outras.

Ela estremeceu, mas quando ela falou, sua voz estava firme. — O sangue deles é mais forte? Melhor combustível ou algo assim?

Sua teoria fazia sentido, dado que Primori era especial de alguma maneira, e os predadores humanos eram um tipo especial de escória, mas não, não era por isso que ele fazia isso.

— Eu me alimento de pessoas que machucam os outros porque os obriga a sentir a dor e o desamparo que infligem a suas vítimas. — Quando Memitim se alimentava, eles deveriam fazê-lo enquanto seus doadores dormiam, mas essa era uma das outras diretrizes que ele escolheu ignorar. — Nós podemos alimentar sem causar dor... nós podemos até torná-lo prazeroso. Mas algumas pessoas não merecem isso.

— Uma amiga minha afirmou que ela foi mordida por um vampiro uma vez. — Os dedos finos de Aurora acariciaram sua garganta distraidamente, como se imaginando um conjunto de presas brilhantes enterradas profundamente. — Ela disse que foi incrível.

Ele nunca tinha entendido o fascínio por vampiros, nem a natureza erótica da alimentação, mas a ideia de se agarrar a veia de Aurora e levá-la para dentro dele era de repente a sua fantasia número um.

Desligue isso, cara. Ela acabou de passar por uma experiência traumática.

— Eu confiarei na palavra dela sobre isso — ele disse, mas, maldição, agora ele não conseguia tirar a ideia da cabeça. — Agora, e você? Como você recarrega?

Durante um longo e prolongado momento, ela olhou para ele, provavelmente tentando decidir se deveria contar a ele. E então, quando ela abriu a boca, o *heraldi* de Drayger despertou, vibrando com um alerta de proximidade.

— Merda. — Ele se pôs de pé e correu até a janela. Não havia ninguém à vista, nem mesmo um transeunte com um cachorro. Mas ele podia sentir uma presença sombria. E estava perto. Drayger tinha trazido o seu lado maligno para jogar.

— O que?

— Não o que. Quem.

— Drayger. — Ela se levantou e calçou as sapatilhas pretas que estavam debaixo da mesa de café. — Onde?

— Eu não sei, mas precisamos sair daqui. — Ele pegou sua mão e piscou para Sheoul-gra...

Exceto que ele não fez. Eles ainda estavam de pé na sala de estar.

Ela olhou para ele. — Esta é a parte em que você faz algo para nos tirar daqui?

— Eu estava fazendo uma pausa para efeito. — Ele tentou novamente. Nada. Porra.

— Eu entendi — ela disse, soltando sua mão para espreitar por uma fresta nas cortinas. — Você é uma rainha do drama. Podemos ir agora?

— Não consigo piscar. Sua armadilha deve ter me drenado. — Ele cavou no bolso para o celular. Cipher ou um de seus irmãos viriam por eles. Mas no momento em que viu as marcas de queimadura na caixa de plástico e metal do seu telefone, seu coração afundou. — Sua armadilha fritou meus poderes e meu telefone. Posso usar o seu?

Ela se moveu em direção a uma mesa amarela onde um carregador estava, mas ela parou depois de dois passos e amaldiçoou. — Estava na minha bolsa. Drayger pegou.

Ele não perdeu a ligeira oscilação em sua voz quando ela falou o nome de Drayger. — Onde está seu telefone fixo?

— Eu não tenho. — Ela franziu o cenho. — As pessoas ainda têm essas coisas? Filho da puta. — Computador?

— Meu laptop estava no meu carro. Que provavelmente já foi rebocado agora. — Ela se abraçou como se estivesse com frio, seu olhar correndo de janela em janela. Todas as suas cortinas estavam fechadas e a porta dos fundos trancada, mas o piso aberto os deixava expostos demais. — Olha, Drayger é apenas um humano. Nós podemos sair. Ele não pode machucá-lo, certo?

— Provavelmente, não. — Ele a guiou em direção ao quarto dela, que era uma bonança verde e laranja dos anos 50. — Arrume uma mochila. Vamos sair daqui e encontrar um Harrowgate. Nós podemos usá-lo para nos levar a Sheoul-gra.

Ela franziu o cenho para ele. — O que é Sheoul-gra?

Ele a encarou com incredulidade. — Como você não pode saber disso? Você é um demônio.

— Este não é o momento de uma lição sobre todas as coisas Wytch — ela disse enquanto ela se apressava em direção ao armário do quarto — mas eu asseguro que não sou um demônio. A maioria de nós tem tanto DNA humano em nós que temos apenas uma fração dos poderes que nossos antepassados tinham. Nosso povo está morrendo porque tendemos a nos acasalar com os humanos e a diluir os genes Wytch. — Enquanto ele se aproximava da janela para olhar, ela tirou uma mochila do armário

e começou a enchê-la. — Mas agora há um movimento crescente para salvar nosso povo, como os sites de namoro Wytch.

— Namoro online Wytch? Você já tentou isso?

— Ugh. — Ela desapareceu no minúsculo banheiro, onde ela bateu gavetas e armários enquanto ela falava. — De certa forma. Minha mãe me inscreveu. Eu nunca estive em um encontro, no entanto. Não sinto a necessidade de namorar outros Wytches apenas para preservar nossa raça. Cara, isso irrita os pais e toda velha escola Wytch no planeta. — Ela emergiu com um saco de higiene pessoal, que ela jogou na mochila antes de fechá-la. Ela endireitou seus ombros e encarou-o, seu olhar feroz e sem medo, sua mandíbula colocada em uma linha teimosa. — Estou pronta.

Não, ele temia que ela não estivesse pronta. Se ela não sabia o que era Sheoulgra, não havia como estar pronta para o que ela estava prestes a ver.

Havia um assassino em série do lado de fora da casa de Aurora, um assassino em série determinado a matá-la lentamente, e, no entanto, ela estava perfeitamente calma. Bem, a “calma” era um pouco exagerada, já que ela estava tremendo como uma folha verde e seu coração estava sapateando em sua caixa torácica. Mas o fato de que ela não estava sozinha, e que a pessoa com ela era um anjo, deu-lhe um impulso muito necessário de confiança de que ela não iria morrer.

Claro, o fato de que esse anjo poderia deixá-la morrer se o “destino” exigisse, era um pouco desconcertante.

— Porta da frente ou dos fundos? — Ela perguntou.

Hawkyn levantou a mochila por cima do ombro, os músculos esticados no braço flexionando com cada movimento fluido. — Frente. — Ele caminhou para a sala de estar. — Fique ao meu lado. Não vou deixar que nada aconteça com você.

Ele pegou sua mão e abriu a porta da frente lentamente, olhando para fora antes de dar o sinal para ir. Mas ao passarem pela soleira, ela atingiu uma força invisível. A dor irradiou através seu nariz e maçãs do rosto enquanto ela voltou para a casa.

Instantaneamente, Hawkyn recuou para dentro. — Aurora! — Ele deixou cair a mochila e emoldurou seu rosto em suas mãos, seu olhar afiado avaliando-a por lesões. — O que aconteceu? Você está bem?

Ela assentiu, agarrando o nariz. — Eu senti uma barreira. O desgraçado me prendeu aqui dentro.

Uma explosão de calor explodiu pela casa, e a temperatura subiu pelo menos seis graus. Ela sempre manteve a casa a 18°C nesta época do ano, então o salto instantâneo para temperatura de verão era como entrar em uma sauna seca.

— Como diabos ele está fazendo isso? — A maldição crua de Hawkyn saltou das paredes. — Ele vai forçar a exaustão devido ao calor e, em seguida, levá-la enquanto estiver muito fraca para lutar. Precisamos tirá-la daqui agora. — Ele deslizou uma mão quente para baixo, seus dedos deslizando levemente sobre sua mandíbula e para baixo, para a pele sensível em seu pescoço. Seu olhar escureceu, trancando com o dela — Com a sua permissão.

Piscando, momentaneamente confusa, ela o observou deslizando a ponta rosa de sua língua através de uma presa. Oh, certo. Ele poderia alimentar-se dela para recarregar. Pegar seu sangue com aqueles caninos enormes e reluzentes.

Ela esperou a repulsa vir, mas, em vez disso, algo mais aconteceu. Algo quente. Mais quente do que o calor induzido pelo assassino em série, que estava testando os limites do seu desodorante, construindo rapidamente, como se estivessem dentro de um forno pré-aquecido. Seus seios ficaram doloridos, e entre suas pernas, uma corrente de umidade floresceu.

Há um assassino em série lá fora.

O pensamento súbito veio com uma explosão de lembranças, de Drayger com o bisturi que fez cortes minúsculos. Dele com a faca de esfolar que removeu a carne com um som úmido que você podia ouvir através dos seus gritos. Coisas afiadas e as risadas dele e dor...

— Será que vai doer? — Ela disparou.

— Eu vou fazer você se sentir bem, eu prometo. — Uma nova explosão de calor elevou o número no termostato perto da porta para 39°C. — Mas precisamos nos apressar.

Ela assentiu com a cabeça, e seus olhos esmeralda escureceram ainda mais, segurando seu olhar prisioneiro quando baixou a cabeça em direção a ela. Gentilmente, ele inclinou o rosto para o lado e abriu a boca sobre a garganta dela, e ela estremeceu com uma mistura de antecipação e trepidação. Ela só namorou alguns homens em seus trinta anos, desperdiçando a maioria deles com o seu namorado do ensino médio, um humano que nunca soube a verdade sobre ela. Se ele tivesse, ele talvez não a tivesse traído durante o primeiro ano na faculdade. Então, novamente, talvez ele tenha gostado da maldição de flatulência que ela lançou sobre ele, afetando-o toda vez que ele beijava uma menina.

Os outros rapazes vieram após o rompimento, nada sério, a maioria dos encontros foram puramente para o sexo. Wytches precisavam descarregar sua energia com frequência, com sexo ou magia, e ela tinha passado por uma fase antimagia prolongada por um tempo. Mas nenhum desses parceiros sexuais a deixou nervosa como Hawkyn.

Claro, nenhum deles tinha presas. Nem eram seres sobrenaturais, e muito menos anjos. E nenhum deles se parecia com Hawkyn, com seu um metro e noventa e cinco de altura, musculoso, um sorriso arrogante que irradiava confiança, e olhos inteligentes que ela duvidava perder qualquer coisa.

A respiração de Hawkyn sussurrou sobre sua pele, e ela estremeceu quando sua ansiedade se tornou excitação. Enquanto a língua dele passava por sua veia, ela teve que segurar um gemido de prazer. Quando as presas dele afundaram em sua carne, a leve pontada deu lugar a uma chocante lança de êxtase que foi direto para o seu núcleo.

Seu braço escorregou ao redor dela, apoiando seu corpo contra o grande dele quando ele soltou os dentes e reposicionou sua boca. Ela se soltou, deixou-se afundar nele enquanto ele a pegou e depois os acomodou no sofá, de modo que ela estivesse

montada em seu colo, seu sexo pressionado firmemente contra a excitação impressionante por trás da braguilha do jeans dele.

Ele tomou goles longos e profundos, uma mão segurando a cabeça dela no lugar, a outra agarrando a cintura dela, acomodando-se sobre o osso do quadril. Seu dedo mindinho se encaixou entre a cintura e o suéter dela, e consciente ou subconscientemente ele estava acariciando a pele, seu toque aumentando o calor que crescia por dentro e por fora.

Sob as circunstâncias, era ruim que ela quisesse se balançar contra ele para aliviar o desejo enlouquecedor? Mas, apesar de sua ereção, ele não deu nenhuma indicação de que queria algo além do sangue dela, e sentiu que ele havia escolhido essa posição não por causa da forma como eles se encaixavam, mas porque ele podia manter um olho em ambas as entradas e na maioria das janelas.

Uma gota de suor escorreu pela sua têmpora, e ela olhou para o termômetro. 46°C agora.

Deslocando-se ligeiramente, Hawkyn soltou um gemido e passou a língua sobre as punções em sua garganta. Ela não sentiu dor, apenas um beliscão e formigamento que lhe disse que os buracos estavam se selando.

— Nós terminamos? — Ela sussurrou, sem fazer nenhum movimento para sair de cima dele. Ela nem tinha a certeza se podia. Seus ossos se sentiam como macarrão e seus músculos como água.

Ela ainda estava violentamente excitada, no entanto. Tão excitada que tinha se esquecido de fazer uma tentativa de tirar energia dele, mesmo que suas palmas estivessem pressionadas contra suas costas, segurando-o perto quando ele tomava longos e profundos goles de sua veia.

— Sim — ele disse bruscamente, colocando a cabeça dela na curva do seu pescoço e ombro. — Eu só preciso de um minuto para limpar o nevoeiro.

— O nevoeiro? Lá fora?

Sua risada a fez saltar e ela quase ofegou com a sensação elétrica de seus seios esfregando contra seu peito.

— Na minha cabeça. — Ele arqueou, apenas um pouco, e ela ofegou quando sua ereção balançou em seu montículo. — E meu corpo.

— Eu entendi — ela murmurou em seu ombro. — Porque eu sinto como se eu tivesse bebido um par de Long Island Ice Tea⁷ batizados com um tipo de super afrodisíaco. — Relutantemente, ela se levantou, bem a tempo de outra onda de calor.

51°C.

— Vamos — ele disse, levantando-a. — Nós vamos para um lugar muito mais fresco.

— E onde é isso?

Ele sorriu quando virou a mochila no ar com o pé e pegou em sua mão em um movimento fácil. — Inferno — ele disse, pegando sua mão. — Nós vamos para o Inferno.

⁷ Coquetel feito com vodka, tequila, rum, Cointreau, gim, suco de limão e Coca-Cola



CAPÍTULO 11

Aurora não teve a chance de perguntar a Hawkyn o que ele quis ao dizer que eles estavam indo para o Inferno. Um momento eles estavam assando como biscoitos de aveia em sua casa, e no seguinte eles estavam de pé em algum tipo de plataforma elevada em um lugar que se assemelhava a parte de uma antiga cidade grega.

Ela olhou para a plataforma de pedra redonda sob seus pés. — Como você fez isso?

— Os anjos podem piscar diretamente para ou deste portal. Quase todo mundo chega através de um portal gêmeo no reino humano.

Ok, mas onde, exatamente, eles estavam? Exuberantes jardins verdes estendiam-se para sempre, pontilhados por fontes, florestas, córregos e caminhos. Um enorme edifício branco com portas, que podiam permitir a entrada de um dinossauro, estava flanqueado por pequenos edifícios, templos e pátios onde as pessoas lutavam ou praticavam com armas, e sentados em um pequeno anfiteatro nas proximidades, o que parecia ser um punhado de estudantes de aparência aborrecida estavam ouvindo um homem de manto dando uma palestra.

— Isso... isso é Inferno?

— Mais ou menos.

Como poderia algum lugar ser “uma espécie de” Inferno? Era como o pai dele era “meio” malvado?

Hawkyn apertou sua mão, pressionando a palma da mão contra a dela no lugar certo, e uma corrente de energia subiu pelo seu braço, surpreendente em sua intensidade e tornou-se ainda mais surpreendente pelo fato de que ela podia sentir o derramamento no tanque vazio dentro dela que mantinha seu poder. Geralmente, ela tinha que fazer um esforço para absorver a energia das pessoas, e era uma carga lenta e constante, nunca se precipitou como a água de uma barragem quebrada.

Quando ele soltou a mão dela, seus joelhos tremeram pela desconexão repentina de seu combustível nuclear. Ele lhe deu um breve olhar que não era remotamente sexual, mas formigamentos seguiam onde quer que seu olhar pousasse.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Não. Absolutamente. Tocar um anjo com a bateria cheia levava algum tempo para se acostumar.

— Estou bem. Apenas um pouco assustada sobre estar no Inferno, você sabe? — Santa Merda. — Isso não é exatamente o que eu esperava.

— É porque isso provavelmente não é o que você acha que é. — Ele acenou com a cabeça na direção de uma estátua de mármore de dois demônios com chifres lutando com um tridente e uma lança. — O reino demoníaco chamado Sheoul é o que a maioria das pessoas pensam quando se referem ao Inferno. Mas Sheoul não é onde as almas humanas malignas vão. — Ele fez um gesto abrangente com a mão. — Este é Sheoul-gra, um tipo de sub-reino que abriga o verdadeiro Inferno, onde as almas dos demônios e os humanos malignos são mantidas até serem reencarnadas.

Ela olhou em volta, mas era difícil acreditar que este lugar estava cheio de almas malévolas. — Eu não entendo. Onde estão as almas?

Ele a guiou por um caminho de pedra em direção a um prédio em bloco com muitas janelas sem vidro. — Elas são mantidas no Inner Sanctum.

— Entendo — ela disse, apesar de não ter feito isso. — Então porque estamos aqui?

— É onde eu vivo.

Ela quase tropeçou em seus próprios pés. Anjos moravam no Inferno? Desde quando? *O que estava acontecendo?* De alguma forma, ela conseguiu não arruinar nada disso, ao invés, se manteve fria como o seu irmão sempre a ensinou e fez apenas uma pergunta calmamente. Haveria outras depois. Muitas outras.

— Por quê? — Ela perguntou. — Anjos vivendo no Inferno é contrário a tudo o que eu já aprendi.

Não que ela fosse à igreja ou algo assim, mas vendo como a religião estava em toda parte, ela conseguiu pegar algumas coisas, e uma constante em todas as várias religiões que mencionavam os anjos era que eles residiam no outro lugar, menos demoníaco.

Ao percorrer um pátio gramado, ele explicou como os Memitim eram criados por seres humanos, tirados do mundo humano quando jovens adultos e treinados em vários locais ao redor do mundo, mas que eles também poderiam vir aqui para viver e treinar... porque aparentemente, seu pai, o pai de todos os Memitim, governava esse reino.

Quando se aproximaram de um edifício que Hawkyn chamou de Hotel Inferno, o pânico desgastou as bordas de seu controle. Ela estava em um lugar estranho cheio de seres estranhos, e ela não sabia o suficiente para se sentir confortável, no mínimo. Ela precisava de mais informações antes de ir mais longe.

Plantando os pés, ela agarrou seu braço e o puxou para parar. — Espere. Eu preciso de mais.

Ele olhou para ela, sua testa franzida. — Mais o que?

— Informação.

— Tal como?

Um pássaro voou, um pássaro que se parecia muito com um tordo. Mas oi, com certeza, se houvesse anjos vivendo no Inferno, por que não tordos?

Aurora olhou em volta, perguntando-se se todas as pessoas que se moviam eram seus irmãos e irmãs. — Você disse que seu pai governa esse reino? Quem é ele?

Por favor, não diga Satanás. Por favor, não diga Satanás. Por favor, não diga Satanás.

— Seu nome é Azagoth — ele disse, e ela quase riu de quão tola ela tinha sido em pensar, mesmo que por um miserável segundo, de que um ser lendário tão maligno como Satanás poderia ser pai de anjos. — Você provavelmente o conhece como o Grim Reaper.

Seus joelhos ficaram bambos novamente, mas por uma razão muito diferente. Ela tropeçou, mas em um borrão de movimento, Hawkyn a pegou, firmando-a contra seu corpo duro.

— Me desculpe — ele murmurou. — Eu tomei muito sangue.

— Não — ela disse rapidamente. — Não. Isso é apenas muito para assimilar. Quero dizer, quarenta e oito horas atrás, nem estava segura de que Deus era real, e agora estou no... no... Inferno. Com o Grim Reaper.

— Eu entendo. — Ele assentiu com simpatia. — Eu pensei que eu era humano até que um dos meus irmãos Memitim me arrancou de uma situação ruim e me deixou dentro de um castelo belga cheio de companheiros anjos.

— E como você reagiu quando seu mundo foi virado de cabeça para baixo?

Piscando, ele deu a ela um sorriso de molhar calcinha. — Eu desmaiei.

Ela riu, duvidando que fosse verdade, mas apreciando que ele estava tentando fazê-la confortável em uma situação estranha. Mas a realidade a alcançou novamente quando um dos demônios na estátua que ela tinha visto alguns minutos atrás se moveu, curvando os lábios e revelando outra fileira de dentes afiados de quinze centímetros.

— Obrigada por me afastar de Drayger — ela disse, observando a estátua assustadora — mas não posso ficar aqui indefinidamente. Eu posso ficar em um hotel em Portland ou em um dos quartos do spa onde eu trabalho. — Sua chefe, Jenna, sempre deixava os funcionários ficarem quando precisavam, então provavelmente não seria um problema. Apenas uma inconveniência.

— Não, você não pode. — Ele acenou para um grupo de pessoas conversando em torno de uma mesa de piquenique. Tão normal. Tão *estranho*. — Drayger é perigoso.

Ele pode de alguma forma rastrear suas vítimas em qualquer lugar do mundo em horas, e até descobrirmos como, você não pode estar em qualquer lugar que ele pode facilmente chegar até você.

— Isso é uma besteira. — Ele começou a se mover novamente, mas ela se recusou a se mexer. Nada disso fazia sentido, e se a vida dela fosse levada, queria saber por quê. — Eu não deveria ter que fugir de alguém que deveria estar preso, e que estaria na cadeia se eu fosse à polícia. E você ainda não explicou por que você está protegendo o desgraçado.

Ele abriu a boca, e ela conseguiu ver em seu rosto. Ele iria vomitar mais “É uma longa história”. Santa Merda. Não. Simplesmente não.

Ela enfiou um dedo no esterno dele e ficou cara a cara com ele. Na ponta dos pés. Mais tarde, ela provavelmente ficaria horrorizada por sua audácia em ficar cara a cara com um anjo, mas, neste momento, para sua própria sanidade, ela precisava estar no comando.

— Eu quero saber qual é o negócio. — Ela cutucou com força. — Agora.

— Você está certa. — Estendendo a mão, ele envolveu a mão dela na sua. Ele não a afastou. Ele apenas olhou para ela, quase com diversão. — Eu não ia fazer isso, mas vamos lá.

Ele se virou e, segurando a mão dela, que ela inclinou para que ele não tocasse o ponto perto do dedo indicador que acionaria o download de sua energia nuclear, ele a levou através de uma porta lateral da enorme mansão grega. Uma vez dentro, ele a guiou através de uma cozinha brilhante e moderna que poderia ter pertencido a um restaurante de luxo.

— Esta cozinha serve meu pai e sua companheira, e toda a sua equipe sênior. Há mais cozinhas nos edifícios do dormitório que servem Memitim e Unfallen.

— Unfallen?

— Anjos caídos que não entraram em Sheoul — explicou. — Quando um anjo perde suas asas, ele ou ela cai no reino terrestre e tem duas escolhas. Eles podem entrar em Sheoul e completar sua queda em desgraça em troca de poderes do mal, ou podem

permanecer impotentes e desonrados, mas ainda assim ter uma chance de se redimirem. — Ele abriu uma porta e eles entraram em um elegante refeitório, suas paredes cobertas de tapeçarias e arte retratando cenas de épocas do mundo inteiro. E submundo. — Eles moram aqui porque é seguro.

— O que os anjos não caídos têm a temer?

— Tudo. Como eles perdem seus poderes angélicos e também não têm poderes de anjos caídos, eles são fracos. Os anjos celestiais os matarão, e os anjos caídos os arrastarão contra a sua vontade para Sheoul, o que os torna maus. Os demônios se utilizam deles também, e eles ganham muitos pontos para se gabar ao dizer que mataram um anjo, mesmo que sejam apenas Unfallen. — Ele olhou para o relógio. — Nós ainda devemos ter tempo...

— Tempo para o quê? Você devia estar me dizendo por que você está protegendo o Drayger.

Ele bateu em outra porta. — Eu vou pedir ajuda para fazer isso.

A porta se abriu, revelando uma sala menor, aconchegante, com alguns sofás, cadeiras estofadas e uma mesa de café, todas dispostas em um círculo. Enquanto caminhavam para dentro, duas mulheres ergueram os olhos dos papéis e marcadores coloridos espalhados na mesa.

— Ei, mano. — Uma delas deu um pequeno aceno e enfiou um cacho escuro atrás de sua orelha. — Lilliana e eu estávamos planejando o menu da próxima semana. Algum pedido?

— Sim. Que tal aquele bife de tira de Nova York que você faz? Aquele com queijo feta e cebolas caramelizadas. — Ele sorriu para Aurora. — É maravilhoso. — Sua palma pressionou levemente sobre suas costas. — Suzanne, Lilliana, esta é Aurora. Eu tenho que convocar alguém da embaixada, e eu estava esperando que, enquanto eu estiver fazendo isso, você poderia esclarece-la sobre... bem... isso. — Ele fez um gesto que ela imaginava englobava toda a estranheza.

Lilliana pareceu entender, porque parecia divertida e solidária. — Claro. Mas vou precisar de algum contexto.

Hawkyn hesitou e Aurora começou a suar um pouco. Então ela suou muito quando ele finalmente disse: — Eu não quero sermões sobre como eu fodi tudo.

Aplaudindo com alegria, Suzanne sentou-se reta, um sorriso travesso em seu rosto ligeiramente arredondado. — Ooh, meu perfeito irmão mais velho fez bagunça. Que coisa estúpida você fez que eu vou poder lembrá-lo constantemente?

Ele empurrou o polegar para Aurora. — Eu salvei a vida dela.

— E ele ainda não explicou por que isso é ruim — murmurou Aurora.

Hawkyn suspirou. — Um dos meus Primori ia matá-la e eu a salvei.

Os olhos de Suzanne brilharam surpresos, enquanto Lilliana tocou a almofada ao lado dela. — Venha sentar-se, Aurora. Teremos uma xícara de chá e algo para comer, e então explicaremos tudo.

— Obrigado, Lilliana. — Hawkyn olhou para Suzanne. — Eu não sei por quanto tempo ficarei fora. Você se certificará de que Aurora seja instalada em um quarto de hóspedes?

— Você resolveu isso com Cat?

Ele lhe deu um sorriso tímido. — Eu estava esperando que você fizesse isso também.

— Não tente os truques de charme do Cipher comigo — disse Suzanne com um balanço de seu dedo. — Eles não funcionam.

— Então, isso é um sim? — Com a bufada irritada de Suzanne, o sorriso de Hawkyn tornou-se vitorioso. — Obrigado, irmã. — Ele se virou para Aurora. — Você pode perguntar a essas duas o que quiser. Elas serão honestas com você, e você pode confiar nelas. Vejo você em breve.

Ele partiu antes que ela pudesse descobrir como se sentia por ser deixada em uma dimensão estranha do Inferno com duas estranhas, mas, em última instância, era melhor do que estar de volta no contêiner de Drayger.

Ela esperava.

* * * *

Hawkyn enviou uma convocação para o Conselho Memitim e para a embaixada, imaginando que qualquer um poderia ajudá-lo. Quem quer que eles enviassem como representante ficaria chateado ao saber que ele enviou uma convocação dupla, mas, neste momento, ele não se importava. Ele precisava de respostas.

Ele andava como um leão em uma gaiola enquanto esperava, sua paciência em farrapos enquanto o relógio marcava o horário. Finalmente, quando ele estava prestes a enviar outro conjunto de convocações, um irmão Ascendido, que ele não conhecia, se materializou na Pedra de Invocação, sua pele escura e seus cabelos brilhando mesmo depois que o feixe de luz que acompanhava sua chegada desapareceu.

— Eu sou Demetrius, nono chefe das operações da embaixada, filho de Azagoth e Luscindia. Qual é o seu pedido, Hawkyn, filho de Azagoth e Ulnara?

Primeiro, ele queria que Demetrius deixasse a formalidade. Hawkyn preferia Jacob com “O que você quer, idiota ?” ao invés de um imbecil pomposo com muito goma em suas roupas sagradas.

Mas ele provavelmente não deveria dizer isso.

— Ei, irmão — ele disse, contrariando a formalidade de seu meio-irmão. — Preciso falar com Atticus, detentor de notas estranhamente detalhadas, filho de Azagoth e... algum anjo.

— Você conhece as regras. Memitim ligados à Terra não devem estar em contato com Memitim Ascendidos, a menos que estejam empregados pelo Conselho ou pela embaixada. O que ele não está.

— Sim, eu sei — afirmou Hawkyn. — Mas esta é uma circunstância especial.

— Todas não são?

Hawkyn rangeu os dentes com frustração. — É uma regra estúpida e precisa ser alterada. Com quem eu falo sobre isso?

— Você pode falar com um membro do Conselho.

— Você quer dizer os membros do Conselho que nunca respondem à nossa convocação? Como posso levar esse assunto a eles se eu não posso falar com eles?

Os olhos de Demetrius, tão castanhos que eram quase pretos, observaram os arredores com interesse, mesmo que sua voz monótona não parecesse mais entediada. — Então, entre em contato com a embaixada.

— Eu acabei de fazer. Você me disse para entrar em contato com o Conselho.

— Isso é porque eles fazem as regras — Demetrius explicou devagar, como se estivesse falando com a criança de Idess, apesar de ser o único com o argumento circular idiota que não fazia sentido. Hawkyn queria gritar.

— Que tal você entregar a minha mensagem?

— Não é meu trabalho.

Hawkyn odiava esse cara. — Olha, eu só preciso de um minuto com Atticus. Nos disseram para proteger nossos Primori e seus destinos a todo custo, certo? Bem, para proteger o meu, eu preciso saber mais sobre ele, e talvez Atticus possa preencher alguns espaços em branco.

— Hawkyn, esta é sua segunda pergunta sobre o mesmo Primori em apenas alguns dias. — Demetrius cruzou os braços sobre o peito. — Por quê? Você está em apuros?

Hawkyn explodiu uma risada amarga. — Você honestamente acha que eu diria a você? O sistema não incentiva exatamente a confissão, não quando somos punidos por fazer isso.

— É assim que sempre foi.

— Isso não significa que é a melhor maneira. — E era exatamente por isso que ele queria se juntar ao Conselho depois que ele Ascendesse. A merda precisava ser alterada. A Velha Guarda precisava ser substituída.

Em muitos aspectos, o reino terrestre progrediu mais rápido do que os reinos demoníaco e celestial, simplesmente porque a curta vida humana significava que havia mudanças frequentes de ideias e práticas. Quando uma espécie era imortal, os costumes antigos persistiam nas mentes e nos corações dos seres antigos, seres antigos que sempre eram os que dirigiam os shows. Resistiam às coisas novas a favor dos velhos costumes, mesmo que os velhos costumes já não funcionassem na era moderna.

Sim, o Conselho precisava urgentemente de sangue novo.

Demetrius resmungou e revirou os olhos. — Se você não tiver nada além de um pedido que eu não concederei, irei agora. — Ele zombou de algo sobre o ombro de Hawkyn. — Este lugar é claustrofóbico.

Era absolutamente, mas não havia como Hawkyn admitir isso para Demetrius.

— Mesmo? Eu não tinha notado. — Ele se moveu para bloquear o caminho do meio irmão para a Pedra de Invocação. — Há mais uma coisa. Eu quero saber se a linha de destino de Jason Drayger foi alterada.

As sobrancelhas escuras de Demetrius bateram em um V com raiva. — Você está planejando me irritar como você fez com Jacob?

— Depende de quanto você me irritar. — A mão de Hawkyn apertou como se tivesse uma mente própria e lembrou a sensação de esmurrar o nariz perfeito de Jacob. — Vamos. Apenas... me dê isso. Lembre-se de quando você estava ligado à Terra, preocupado com o seu Primori? Imagine o quanto mais eficaz você poderia ter sido se você soubesse se suas ações estavam ou não no curso certo. Todos devemos ter acesso a essa informação, você não acha?

— Não importa o que eu penso — disse Demetrius, seu tom mais suave do que antes. Até mesmo sua expressão perdera a seriedade gravada em pedra enquanto seu olhar se voltava para dentro. — É assim que as coisas sempre foram feitas. Mas... — Demetrius olhou ao redor e, aparentemente satisfeito de que ninguém estava dentro da distância auditiva, ele voltou para Hawkyn. — Não, a Linha do Destino do seu Primori está intacta. Verifiquei antes de sair.

Choque filtrou-se através do sistema de Hawkyn. Era uma boa notícia, mas desconcertante. Ele realmente pensou que sua interferência no sequestro de Aurora havia mudado o futuro. Aparentemente não. Então, Aurora era destinada a ser capturada, mas escapar mesmo sem a ajuda de Hawkyn? Ou ela simplesmente teria escapado sem ferir seriamente Drayger no estacionamento se ele não estivesse lá?

E o que eles fariam agora?



CAPÍTULO 12

Aurora estava admirando tudo ao seu redor, incluindo Lilliana e Suzanne. Suzanne era tão... normal. Ela era otimista, amigável e tinha paixão pelas revistas de culinária e moda. Lilliana, um anjo nascido e criado no Céu, era inteligente, atenciosa e acasalada com o Grim Reaper.

Naquela revelação particular, Aurora se engasgou com o chá e bolinhos de canela que Suzanne tinha trazido para ela. E, para o registro, os biscoitos eram incríveis. A irmã de Hawkyn foi bastante gentil em colocar duas caixas junto com outros doces caseiros para Aurora levar para o quarto do Hotel Inferno que Suzanne havia preparado.

O quarto era simples e pequeno, mais parecido com um dormitório de faculdade do que um quarto de hotel. Havia uma cama de solteiro, uma pequena mesa e um minúsculo banheiro, mas a TV era boa e havia até um computador no qual passara a última meia hora enquanto esperava por Hawkyn.

A revelação de que Drayger conseguiria rastreá-la estava pesando, atraindo sua curiosidade tanto quanto a aterrorizava. Ela era uma Wytch, e enquanto gostava de fingir que era basicamente humana, ela não era. Ela tinha poderes e habilidades que ela não podia negar, e quando uma força sobrenatural era usada contra ela, seu instinto de lutar rugiu para a superfície. Se Drayger estivesse usando um feitiço para encontrá-la, certamente ela poderia usar um para contê-lo.

Ela só tinha que encontrar um.

Felizmente, em um canto privado e seguro da Internet, Wytches se reuniam para compartilhar dicas, truques e instruções para realizar várias tarefas, como se proteger de psicopatas que poderiam encontrá-la depois de provar seu sangue. E, de acordo com um usuário chamado Wytches_Float, tudo o que ela precisava fazer era provar o sangue de Drayger enquanto fazia sexo.

Esta não rola.

Outro usuário, HocusPocus, afirmou que transformar uma gota de sangue de Drayger em ferro o tornaria incapaz de usar sua habilidade de rastreamento. Naturalmente, ele não incluiu instruções sobre como realizar tal façanha. Não que ela tivesse uma maneira de coletar o sangue de Drayger. E realmente, se ela pudesse obter o sangue dele, por que ela não o mataria?

Provavelmente porque Hawkyn estava protegendo o desgraçado.

Lilliana e Suzanne haviam explicado o motivo, o que fazia sentido em muitas maneiras, mas nenhum deles fez com que ela se sentisse melhor.

— A maioria das pessoas que protegemos são pessoas decentes — disse Suzanne. — Mas, infelizmente, as pessoas más às vezes desempenham um papel no avanço da humanidade. A mudança geralmente vem da tragédia ou do mal, mesmo que isso não seja óbvio no momento.

— Realmente? — Aurora perguntou, sua bandeira de ceticismo voando alto. — Tal como?

— As guerras são responsáveis por muitos avanços médicos, industriais e tecnológicos — ela disse.

— E — acrescentou Lilliana — às vezes o bem que vem do mal não acontece em grande escala. Uma pessoa má ou um ato maligno podem realizar mudanças em leis ou indivíduos, indivíduos que continuarão a fazer grandes coisas. Ou talvez até faça a diferença em suas próprias vidas e nas que os rodeiam. Não temos que gostar do mal, mas há um lugar para isso. Confie que há um plano. Algum dia, você verá.

— Você já viu? Este plano? — Aurora perguntou, e uma luz brilhou de repente nos olhos de Lilliana, um brilho etéreo que a cativou, a cercou num cobertor de calor celestial.

— Sim. Não conheço o futuro, mas sei que o que parece aleatório não é. Tudo, desde um comentário grosseiro que um cliente faz para um garçom, a um acidente de avião acontece por um motivo.

Ótimo. Mas Aurora não iria prender a respiração esperando que o motivo para seu sequestro se tornasse claro. Nem iria sentar-se e deixar Drayger agarrá-la novamente, por mais importante que a morte dela pudesse ser para o futuro da humanidade.

Uma batida na porta a assustou, e pensando que era Hawkyn, ela abriu com entusiasmo. Mas, em vez disso, havia uma fêmea bonita de cabelos ruivos ali de pé com uma prancheta e uma pequena cesta cheia de artigos de higiene pessoal.

— Oi — ela disse brilhantemente. — Eu sou Cataclysm, mas você pode me chamar de Cat. Estou encarregada da hospedagem e da hospitalidade. — Ela entregou a Aurora a cesta. — Muitas pessoas que ficam aqui vêm despreparadas, então reuni alguns itens que você pode precisar.

Isto é tão estranho.

Quando Cat assentiu com a cabeça, Aurora percebeu que tinha falado em voz alta. — Você é nova no mundo sobrenatural ou Sheoul-gra?

— Ah, meio que os dois.

Cat sorriu. — Bem, se isso ajuda, as pessoas aqui são muito legais. Há algumas pessoas desagradáveis, e algumas das estátuas mordem se você chegar muito perto, mas na maior parte, Sheoul-gra não é nada mau. Com quem você está aqui?

— Hawkyn, — ela disse. — Mas eu não estou com ele. Quero dizer, ele me trouxe aqui, mas não estamos juntos. Não é assim... — Ugh. Ela estava balbuciando como uma lunática. Hora de seguir em frente, do jeito que ela faz depois de massagear toda a tensão de uma parte do corpo de um cliente. Ela certamente massageou esse assunto até a morte. — Então, você é uma das suas irmãs?

— Não. — Cat enfiou a prancheta debaixo de um braço. — Eu sou um anjo caído. Eu vivo no Inner Sanctum com meu companheiro.

— O Inner Sanctum... é aí que as almas são mantidas, certo? Você vive lá?

— Bem, meu companheiro, Hades, administra o lugar...

— Espere. — Aurora levantou a mão. — O que? Você disse Hades?

O sorriso de Cat era puro “comeu-o-canário” de satisfação. — Sim. Esse Hades. Ele é o Carcereiro de Almas, então ele praticamente tem que viver na prisão. Não é a casa dos meus sonhos, mas você faz o que tem que fazer para ficar com a pessoa que ama, certo?

Esse lugar continuava ficando cada vez mais estranho e esquisito.

— Certo — disse Aurora, embora realmente não pudesse se ver morando em algum lugar como este por qualquer um.

A imagem de Hawkyn brilhou em sua cabeça, o que foi louco, já que só o conhecia há algumas horas. E ela não estava aqui com ele.

Cat inclinou a cabeça e estudou Aurora com tanta intensidade que ela teve que se forçar a não se contorcer. — Eu só estou curiosa, e você não precisa responder, mas como você conhece Hawkyn? Você é um dos seus Primori?

Aurora balançou a cabeça. — Ele está me protegendo de seu Primori. E ele pode estar protegendo seu Primori de mim também.

Por algum motivo, a expressão de Cat ficou preocupada. — Entendo. Bem, é melhor eu ir...

— Espere. — Tomando cuidado para evitar bater o local na palma da mão que pode desencadear um fluxo de energia, Aurora agarrou o antebraço de Cat quando ela se virou para sair. — Qual é o problema?

— Não é nada. — Cat sorriu tranquilizando-a. — Mesmo.

Aurora suspirou. — Por favor, não me enrole. Eu tive alguns dias realmente difíceis.

Houve um momento de silêncio tenso, e então Cat se aproximou e baixou a voz. — Eu amo as pessoas aqui. Admiro o trabalho que os Memitim fazem, porque sei que

eu não poderia fazê-lo. Eles são dedicados, apaixonados e duros como unhas. — Ela hesitou, rolando o lábio inferior entre os dentes, e Aurora lutou para conter sua impaciência. Finalmente, Cat soltou. — Mas eles também podem ser implacáveis em suas missões para proteger seus Primori. Eles farão o que for preciso, mesmo que o Primori seja um maníaco genocida.

Aurora sabia disso. Mas, pela primeira vez, ela realmente estava se tornando consciente do que isso significava. — Você está dizendo que se o Primori de Hawkyn precisa me matar para cumprir seu destino ou o que quer que seja...

— Hawkyn irá entregá-la a ele como uma pizza.

* * * *

— Ei, irmão. — Emerico parou perto de onde Hawkyn estava sentado em um banco do parque com as anotações de Atticus sobre Drayger. — Você descobriu o que você vai fazer sobre sua situação com o assassino em série?

Não. E isso o estava deixando louco. Ele sempre teve todas as respostas, e pela primeira vez por mais tempo do que ele podia se lembrar, ele estava perdido.

— A única coisa que posso fazer agora é manter Aurora segura — ele disse, espiando as anotações que começaram a borrar com inutilidade.

— Você sabe que não pode mantê-la aqui, certo?

O olhar de Hawk cortou bruscamente para seu irmão. — Enquanto o Conselho e a embaixada não souberem que ela está aqui, quem se importa?

— Nosso pai se importa.

O alarme bateu dentro dele. — Ele sabe?

Hawkyn achava que Azagoth descobriria mais cedo do que mais tarde, uma vez que Lilliana tinha conhecido Aurora, mas, porra, só havia passado algumas horas. E Hawkyn não pensou que ele iria dar uma merda de qualquer maneira. Azagoth não seguia exatamente as regras.

— Acabei de falar com ele — disse Rico. — Eu acho que ele viu Suzanne acompanhá-la para o Hotel Inferno.

— Sim, bem, o negócio Memitim não é da conta dele. O que importa para ele se eu ficar com ela aqui?

Rico encolheu os ombros. — Eu acho que ele está tentando seguir a linha Celestial. — Ele revirou os olhos. — Você sabe, pela primeira vez. Ele quer algo deles. Seja o que for, ele quer muito isso, se ele está jogando o jogo deles.

Merda. Isso era inesperado. — Acho melhor eu vê-lo e esclarecer isso.

Outro rolar dos olhos escuros de Rico. — Ele provavelmente irá deixar passar. Ele deixa seus favoritos escaparem impunes.

Hawkyn ficou boquiaberto. — Você acha que eu sou um dos seus favoritos?

— Lilliana gosta de você, então ele gosta de você.

Ah sim. Hawk tinha esquecido que não havia nenhum amor entre Lilliana e Rico. Hawkyn não tinha ideia de qual era o lado da história de Lilliana, mas Rico a desprezara desde o dia em que ele alegara que ela lhe deu um tapa por ter lhe feito um elogio. Hawkyn conhecia Rico há várias décadas por mais tempo do que conhecia Lilliana ... e por isso ele estava quase certo de que Rico mereceu o que Lilliana fez com ele. Ele amava seu irmão, mas o cara se recusava a assumir a responsabilidade por suas ações e sempre afirmava ser a vítima em qualquer situação.

— Você acha que eu deveria deixar passar? — Hawkyn perguntou, e Rico encolheu os ombros.

— Eu acho que ela estar aqui só pode te prejudicar. — Rico sinalizou para uma de suas irmãs, que estava batendo o pé com impaciência na quadra de tênis. — Eva e eu estamos praticando para o torneio de tênis na semana que vem. Você vai nos assistir?

— Claro — Hawkyn disse distraidamente. — Até logo.

Rico saiu e Hawkyn foi direto para o escritório de Azagoth. Zhubaal, seu assistente anjo caído, lhe concedeu entrada imediata. No interior, seu pai estava observando um desfile de almas demoníacas escoltadas por seus *griminions*, enquanto eles guiavam os demônios para seu destino final no Inner Sanctum. Com a exceção de um acidente infeliz, nenhuma alma entrou no Sanctum sem a aprovação de Azagoth, e

enquanto a maioria não passava mais do que alguns segundos com o Grim Reaper, de vez em quando ele puxava uma de lado e ninguém queria ser esse cara.

— Hawkyn. — Azagoth nem sequer olhou para ele. — Você está aqui para me enfrentar de novo?

— Duas vezes em vinte e quatro horas seria considerado grosseiro — Hawkyn disse, refletindo o tom divertido na voz de seu pai. Era sempre esperto começar qualquer conversa com Azagoth em uma nota positiva.

Azagoth grunhiu, o que Hawk ia tomar como uma risada. — Então, o que posso fazer por você?

— Acabei de falar com o Emerico. Ele disse que você concorda com ele que Aurora deveria ir embora.

Com aceno de sua mão, Azagoth congelou o desfile das almas em suas trilhas e virou-se para Hawkyn. — Essa é uma ligeira descaracterização do que eu disse.

Esperança passou por ele. — Então ela pode ficar?

— Não. Eu disse que acho que você *deveria* poder tê-la aqui. — A lareira na parede mais distante acendeu, provocada por nada mais do que os pensamentos de Azagoth. — Mas existem regras. Ela tem que ir.

Filho da puta. O coração de Hawk afundou-se. Tanto para a esperança. Aurora merecia melhor do que isso, e ele continuaria lutando por ela. E isso nem era sobre a culpa que ele nutria por colocar as rodas de sua situação em movimento. Isso era sobre o fato de que ele gostava dela.

Primori ou não, ela era especial.

— Isso não está certo e você sabe disso — ele disse com ferocidade. — Há um assassino em série atrás dela. Ela não é Primori, então as regras não devem se aplicar a ela.

— Eu não sei o que dizer. — Azagoth apoiou o quadril em sua mesa e esticou as pernas longas na frente dele. — O Conselho Memitim só me permite manter Sheoulgra aberto para Memitim, desde que não o usem para frustrar as regras do Conselho ou para interferir com os destinos de Primori.

— Eu não estou usando Sheoul-gra para qualquer uma dessas coisas — ele argumentou. — Tenho a confirmação de que o destino de Drayger não foi alterado por nada que eu fiz com Aurora. Além disso, esse é o seu reino. Suas regras. Você pode fazer o Conselho Memitim mudar de opinião. Faça-os.

— Não posso, filho — disse Azagoth, e Hawkyn quase caiu. Azagoth nunca havia se dirigido diretamente a ele dessa maneira, e Hawkyn não sabia o que dizer. Felizmente, Azagoth continuou falando, poupando-lhe uma resposta. — Há apenas algumas coisas pelas quais posso negociar. Não tenho muitas trunfos na manga, e não posso desperdiçá-los com uma única fêmea humana.

— Mas...

— Não. Você tem um dever. Um dever para com o seu Primori. Não com uma humana aleatória.

— Ela não é nem aleatória nem humana — ele gritou. — E eu não preciso de sermão sobre o meu dever.

A maldição de Azagoth acompanhou um súbito empurrão de pés e uma tensão tangível no ar.

— Você tem sentimentos por essa fêmea. Isso é estúpido, Hawk. Você está deixando suas emoções afetarem o seu trabalho. E suas ações. É um erro.

— Um *erro*? — Hawkyn bufou. — Eu não posso acreditar que você acabou de dizer isso. Você, que mudou todo o seu reino por uma fêmea que parece estar evitando você mais frequentemente do que não.

— Meu relacionamento com minha companheira não te diz respeito.

Um aviso de advertência disse à Hawkyn que ele deveria calar a boca. Agora mesmo. Mas, maldição, ele gostava de Lilliana, seu pai tinha sido um enorme estúpido recentemente, e seu temperamento já estava à beira da erupção.

O sangue de Azagoth fluía em suas veias, afinal de contas.

— É minha preocupação quando Lilliana tem sido mais um pai para mim do que você já foi — ele disse. — Eu não quero vê-la magoada.

Sibilando, Azagoth se aproximou dele e Hawk se perguntou o que o irritou mais, que Lilliana tivesse sido um pai melhor ou que Hawkyn acusava Azagoth de magoá-la.

— Eu lhe forneci comida, abrigo, treinamento...

— Parabéns por fazer o mínimo, *pai*. Você vai aceitar uma reverência pelos seis segundos que levou para você garantir a concepção? — Se a raiva carmesim nas bochechas de Azagoth fosse alguma indicação, isso também era um assunto dolorido, mas Hawk estava muito irritado para pisar nos freios. — Pelo menos minha mãe me levou dentro de seu corpo antes que ela me abandonasse no reino humano para me virar sozinho.

Azagoth ficou tão imóvel quanto uma escultura de gelo. — Se você está tão infeliz com suas circunstâncias, por que você está aqui?

Boa pergunta. Até alguns anos atrás, ele residia com outros Memitim em um castelo belga, uma das várias “casas de grupo” onde os Memitim viviam e treinavam se não quisessem viver sozinhos ou servir a Azagoth, antes de Lilliana, quando ele ainda era mau além da conta. Mas, depois de Lilliana, quando seu pai abriu seu domínio para eles, muitos, se não a maioria, tinham vindo à procura de algo que tinha escapado a maioria deles desde o nascimento, pertencer a uma família. Um verdadeiro pai. Irmãos e irmãs. E mesmo que Azagoth pudesse ser um grande imbecil, a vida em Sheoul-Gra ainda era melhor do que qualquer outra coisa que Hawk experimentara.

— Eu não estou infeliz — ele disse. — Aqui não.

— Mas você *está* insatisfeito.

Hawkyn nunca tinha pensado nisso dessa forma. Ele tinha sido malditamente bom em seu trabalho, com o dever de ignorar até mesmo os prazeres simples. Mas sim, agora que Azagoth mencionou isso, ele estava cada vez mais insatisfeito com um monte de merda.

— Eu desprezo as regras de idiotas de Memitim. Sem álcool, além do vinho. Sem sexo. Nenhuma autogratificação. Interação limitada com humanos, demônios ou anjos que não são Memitim. O fato de que somos considerados anjos menores, cidadãos de

segunda classe. Eu quero Ascender para que eu possa me tornar um membro do Conselho e mudar as coisas. Você sabia que alguns membros do Conselho são anjos? Anjos regulares que nunca foram Memitim? Que tipo de merda é essa? Como eles podem fazer as regras para as pessoas que eles não respeitam ou entendem?

Azagoth deu-lhe um olhar “dã” porque, é claro, ele sabia que os anjos estavam sentados no Conselho Memitim. A mãe de Hawk era uma delas.

— Eu entendo a sua frustração — disse Azagoth enquanto caminhava para o bar totalmente abastecido, provavelmente para esfregar o nariz de Hawkyn no fato de que ele não devia beber o ótimo rum que ele estava procurando. — O Céu tem feito as regras para Sheoul-gra por milhares de anos.

— E você as quebra o tempo todo.

— Eu sei quais podem ser alteradas. — O rum fez um suave som borbulhante enquanto Azagoth o serviu em um copo alto. — Eu sei o que vale a pena pagar o preço.

— E você não acha que permitir que Aurora fique aqui vale o preço.

— Não. — Ele pegou um gole de sua bebida. — Siga o meu conselho, filho. A vida é muito longa para gastar com arrependimentos. Mande a fêmea embora e não olhe para trás.

— Como você fez conosco? Com nossas mães? — Foi um golpe baixo, uma observação dispensável originada de centenas de anos de frustração. E talvez de alguns problemas de abandono.

— Você não sabe de nada — grunhiu Azagoth. — Eu não lhe devo uma explicação.

— Na verdade, acho que você deve muitas a mim e aos meus irmãos.

Os olhos de Azagoth começaram a brilhar com uma luz profana vermelho sangue, e Hawkyn sabia que ele tinha cutucado a fera várias vezes. — Saia. Fora.

— Fora do seu escritório? — Ele perguntou. — Ou fora de Sheoul-gra?

— Sua escolha. — Não houve hesitação. Sem hesitação de resolução no olhar de Azagoth ou na voz dele. — Mas de qualquer maneira, saia da minha vista e leve a fêmea com você.

Dor o cortou. Seu pai não dava uma merda se ele fosse embora. Bem, talvez Hawk devesse seguir o seu conselho. A única coisa útil que Azagoth lhe deu.

— Sem arrependimentos, certo? — Ele girou e impulsivamente pegou a garrafa de rum do topo da bancada de Azagoth antes de abrir a porta do escritório. — Não olhe para trás.

Ele não olhou.

Mas maldição, doía.



CAPÍTULO 13

Aurora tinha que sair daqui. Não havia como sentar e esperar que Hawkyn a servisse a Drayger como um prato principal. Se Drayger pudesse, de fato, rastreá-la, ela simplesmente continuaria se movendo até conseguir montar uma armadilha para matá-lo ou sangrá-lo.

Matá-lo provavelmente seria impossível graças à proteção de Hawkyn, mas, se ela pudesse obter um pouco de sangue, ela poderia tentar as instruções de Wytches_Float para quebrar sua habilidade de rastrear. Claro, ela precisaria de um parceiro sexual para isso também.

De repente, ela se imaginou na cama com Hawkyn, seu corpo musculoso movendo-se com o dela, suas mãos fortes tocando-a, acariciando-a, dando-lhe o tipo de prazer que ela não tinha experimentado há muito tempo. O instinto feminino lhe dizia que ele era o tipo de homem que seria perigoso na cama, não porque ele fosse violento, mas porque ele era viciante. Ela mal conseguiu provar dele e ela já entendeu que só precisaria de um único orgasmo para ficar irremediavelmente viciada.

Rosnando com frustração que era apenas parcialmente sexual, ela saiu pela porta lateral do Hotel Inferno. Depois de verificar se ninguém estava prestando atenção, ela segurou sua mochila no ombro e apressou-se em direção à plataforma em que ela e Hawkyn haviam chegado. Ela não sabia como operá-la, mas ele disse que os não-anjos

chegavam e partiam através de um portal gêmeo, então ela tinha que tentar. Quão difícil poderia ser?

Ninguém a deteve. Puxa, ninguém sequer a olhou quando ela entrou no portal e plantou os pés no centro.

Nada aconteceu.

Havia um comando? Ou funcionava da maneira como a maioria de suas habilidades funcionava, com um mero pensamento?

Pensa.

Ela imaginou um portal gêmeo e, instantaneamente, uma onda de formigamento se espalhou pelo interior dela. A seguir, surgiu uma sensação de puxão, e a próxima coisa que ela percebeu, ela estava olhando para uma floresta, e isso definitivamente não era Sheoul-gra.

Mas agora, o que? Havia um Harrowgate nas proximidades, tinha certeza, mas ela não era sensível a eles e não tinha ideia de como encontrá-lo, e muito menos de operá-lo.

Ela deveria ter prestado mais atenção quando Runa a acompanhou através daquele no Underworld General.

Bem, ela pensou, ao considerar sua próxima jogada, pelo menos já não estava mais no Inferno. Mas se fosse a Sibéria ou alguma merda, não seria muito melhor. Ela não tinha dinheiro, nenhuma identificação e nenhuma ideia em que direção ela deveria começar a andar.

Assim quando ela estava pensando em voltar para Sheoul-gra, um macho alto, o rosto escondido dentro de uma túnica marrom com capuz, apareceu na plataforma com ela.

— Vindo ou indo? — Ele perguntou.

— Ah ... eu acho que depende do seu ponto de vista. — Ela olhou para suas vestes e se perguntou se ele era um anjo e, em caso afirmativo, de que tipo. Esquisito, há poucos dias, ela não tinha certeza de que os anjos existiam, e agora ela estava ciente de que havia diferentes variedades deles. — Estou tentando chegar a Portland, Oregon.

Ele olhou para ela com os olhos tão intensos que ela se arrastou para trás até que seus calcanhares bateram na borda da plataforma. O poder irradiava dele em ondas que se chocaram contra ela como um oceano furioso e tornava difícil para ela respirar.

Ele iria machucá-la? Sua mente gritou por Hawkyn, e ela nem sequer se importou que estivesse nessa situação porque ela estava tentando se afastar dele.

— Confie nos seus instintos.

— O que isso...

Um banho de luz encheu sua visão, e um segundo depois, ela se viu em pé em frente de sua casa, suas palmas das mãos suando, seu coração acelerado.

Jesus. Como ela passou de viver uma vida humana relativamente normal para saltar em torno de uma paisagem sobrenatural com o capricho de seres que ela nem mesmo acreditava existir em meros dias atrás?

Ela respirou fundo e tentou juntar seus pensamentos. Pelo menos ela estava em casa. Ela poderia trabalhar com isso.

Era noite, mas a lua cheia estava tão brilhante que lançava sombras ao redor dela. Dentro de sua casa, as luzes de um temporizador se acenderam, o brilho fraco atravessando as brechas nas cortinas.

À primeira vista, tudo parecia normal. Mas enquanto ela se movia em direção ao caminho da varanda da frente, um arrepio percorreu sua espinha, quase paralisando-a ali no gramado.

Drayger.

Putá merda, ele estava dentro de sua casa. Dentro de seu santuário.

A raiva, o terror e o desejo de ter uma vingança feia e desagradável borbulharam em sua garganta onde um grito de guerra estava no convés, pronto para se juntar à explosão de fogo prateado que ela iria enviar no peito de Drayger. Seu poço de energia não foi completamente restaurado, mas o que ela obteve de Hawkyn seria suficiente para uma pequena explosão. Ela só tinha que pegar Drayger de surpresa.

Ele sabe que você está aqui.

Sim, ele provavelmente sabe. Mas se ela pudesse se esconder, talvez esgueirar...

A porta da frente se abriu. As pontas dos dedos dela queimaram quando seu poder se reuniu. No segundo que ela visse seu rosto feio, ele estaria acabado.

— Aurora, não!

Braços fortes se fecharam ao redor dela, e de repente Hawkyn estava lá, seu corpo entre ela e Drayger. Então, com uma rajada de vento frio, tudo mudou. A temperatura. A hora do dia. O maldito continente.

Ela não estava mais de pé no gramado, mas em um caminho de paralelepípedos. E ela não estava mais olhando para sua casa, mas um castelo medieval bem conservado.

— O que diabos você está fazendo? — Ela tentou se afastar do aperto de Hawkyn.
— Eu estava indo...

— Matá-lo. — Hawkyn a soltou e deu um passo para trás, sua expressão dura, fria, e apesar de sua raiva, ela estremeceu. — Você ia matá-lo.

— Maldito seja, eu ia! — Ela amaldiçoou, liberando o poder dela. Enquanto ele escorria de seus dedos, sua fúria foi drenada. Bem, uma parte dela, de qualquer maneira. — Olha, você tem que protegê-lo. Entendi. Mas eu preciso viver.

— O que você acha que eu tenho tentado fazer acontecer? É por isso que eu levei você para Sheoul-gra.

— Você está tentando me manter viva porque você estragou tudo no estacionamento e você está tentando salvar sua própria pele. Você pode me culpar por tentar salvar a minha? Eu não sou uma pizza para você entregar.

— Pizza? — Ele piscou. — O que trouxe isso?

— Isso importa? É verdade, não é? Se o destino de Drayger exigir que eu morra, você me entregará como massa fina com pepperoni e você sabe disso.

— Presunto.

— O que?

— Eu gosto de presunto na minha pizza. Não pepperoni.

Ela bufou. — A pizza não é para você. Essa é a questão.

— Seu ponto é estúpido — ele disse, parecendo um pouco cansado. — Ouça-me, Aurora. — Ele agarrou seus ombros e abaixou a cabeça, então seu rosto estava a poucos

centímetros do dela, seu olhar segurando-a no lugar ainda mais do que suas mãos. — No passado, as coisas poderiam ter sido diferentes. Sempre fiz o meu trabalho, mesmo que não fizesse sentido. Mesmo que eu sentisse que o que eu estava fazendo estava errado. Mas estou investido em seu bem-estar agora. Estou investido em você. Vou encontrar uma maneira de mantê-la segura. Você não é uma pizza. É por isso que estamos aqui.

Ela olhou para o castelo, perguntando-se se alguém estava secretamente observando-os das ameias ou das fendas de flechas. — Por que você não me levou de volta para Sheoul-gra?

Ele rosnou. Realmente *rosnou*. — Porque meu pai nos expulsou.

— Oh. — Ela certamente não iria tocar nesse tópico agora. Parecia ser um pouco sensível. Mas então, ela também ficaria irritada se seu pai a tivesse expulsado de casa. Ela não conseguia sequer imaginar, não quando seus pais eram tão amorosos e solidários. — Então, onde exatamente nós estamos?

Ele pegou sua mão e começou a levá-la pela ponte levadiça que parecia ainda estar funcionando. O fosso embaixo dela estava cheio de... Que diabos eram aquelas coisas de dentes afiados e três olhos?

— Estamos na Bélgica. — A voz dele ainda estava áspera com a raiva ardente, mas a cada passo que eles davam, a tensão diminuía em seu corpo, seus passos ficando mais relaxados, os ombros se afastando. Os dedos dela coçaram para cavar profundamente naqueles grandes músculos e massagear o estresse restante. — Eu morei aqui por algumas centenas de anos, mais ou menos um século.

Um respingo abaixo chamou a atenção dela, e ela olhou para baixo quando uma das coisas do tamanho de um golfinho na água estalou as mandíbulas, seus três olhos se concentraram nela como se ela fosse o jantar. — Os humanos não perguntam sobre os monstros no fosso?

Ele riu, um som profundo e adorável que ela apreciou ainda mais depois da tensão mais cedo. — Esses são monstros de terror, tipo de tubarões demoníacos que usamos para manter os inimigos fora quando a ponte levadiça está levantada. E não, os

humanos não perguntam sobre eles porque este castelo está escondido por um encantamento de invisibilidade. Ninguém pode vê-lo de fora do véu, exceto Memitim. A única razão pela qual você pode vê-lo é que estamos dentro.

Mesmo enquanto ele falava, ela jurou que podia sentir a magia em sua pele. Um guarda usando uma combinação de um moderno BDU militar e uma armadura de placas fez com que eles passassem pelo portão e entrassem em um enorme pátio, onde cerca de uma dúzia de homens e mulheres treinavam com várias armas.

— Todos aqui são Memitim — ele explicou enquanto passavam por um arco de pedra para o prédio principal. — Costumava haver mais de nós aqui, mas quase todos se mudaram para Sheoul-Gra. Os meus irmãos e irmãs que ficaram são os poucos resistentes.

— Por que eles estariam resistindo?

Ele encolheu os ombros, fazendo sua camiseta preta levantar, então ela teve um vislumbre da pele bronzeada logo acima da cintura dele. — Muitas razões, eu acho. Sheoul-gra pode ser um pouco claustrofóbico e assustador. Além disso, Azagoth pode ser um idiota. — Mais raiva surgiu dele, mas ele pareceu colocá-la de volta em algum tipo de recipiente antes de continuar. — Alguns dos meus irmãos não desejam conhecê-lo. Nunca. Não posso dizer que eu os culpo.

Aurora não podia deixar de ficar triste por ele, por todos os seus irmãos, e mais uma vez ela agradeceu a benção por ela ter crescido em uma família estável e feliz.

Eles se aproximaram de uma porta com uma placa de latão que dizia “Admin”, e ele parou. — Só demoro um minuto. Não fuja novamente. — Ele fez uma pausa. — Como você chegou em sua casa, afinal?

— Eu não sei. Um momento eu estava de pé em uma plataforma em uma floresta com um cara em uma túnica com capuz, e então eu estava em casa.

Ele franziu a testa e depois assentiu. — Jim Bob. Ele chegou em Sheoul-Gra antes de meu *heraldi* me avisar sobre Drayger estar em perigo. — Ele abriu a porta. — Eu vou estar de volta logo.

Ele desapareceu dentro do escritório sem explicar Jim Bob, então ela vagou pelo salão gigante, admirando as tapeçarias e retratos que retratavam anjos lutando contra demônios. Todos menos um. O maior, ocupando quase uma parede inteira, era de um homem impressionante de cabelos escuros e olhos verdes penetrantes que pareciam olhar diretamente através dela. As sombras pareciam girar em volta da imagem, como se o homem dentro estivesse engolindo a luz tanto da pintura quanto da sala.

Ela ouviu passos atrás dela, soube instintivamente que era Hawkyn. Ou talvez ela soubesse que era ele porque seu coração vibrava toda vez que ele estava perto.

Deus, eu estou atraída por um anjo. Um anjo que está protegendo a pessoa que quer me matar.

Na verdade, isso era bastante fodido em mais de um nível.

— Esse é o meu pai — ele disse, e ela estremeceu. — Azagoth.

— Eu esperava que ele fosse horrível. Isso me espanta um pouco. — Ela olhou em torno de todas as pessoas incrivelmente bonitas andando por lá, incluindo Hawkyn. — Isso explica muito, no entanto. Seu povo é ... lindo.

— Eu acho que o seu é, também.

Ela sentiu suas bochechas pegarem fogo. — Você está baseando isso no fato de que os demônios sexuais foram usados em nossa criação, e que os demônios sexuais são sempre atraentes?

— Não — ele disse suavemente. — Estou baseando isso em você.

Ela respirou fundo, assustada, mas ela não teve tempo para responder, porque uma batida do coração depois ele estava pegando a sua bolsa e a mão dela e subindo uma escada em espiral.

— O administrador da habitação está lhe dando um dos dois quartos de hóspedes no último andar. Eles não são nada especiais, apenas um pouco maiores do que os quartos dos Memitim, mas a cama é de casal em vez de solteiro e você tem banheiro privativo.

— Hawkyn! — Uma voz os deteve antes que eles subissem metade da escada.

— Foda. — Hawkyn soltou a mão dela e ambos se viraram.

Abaixo, no grande salão, estavam dois anjos, suas asas - uma preta e outra cinza clara - estendidas como se estivessem se preparando para lançar-se no ar. Ambos estavam segurando foices, e nenhum dos dois parecia feliz por estar ali.

Aurora agarrou o corrimão com tanta força que a palma da sua mão doeu. — Quem são eles?

— Eles são irmãos Ascendidos — ele disse calmamente, mas seu tom não aliviou o medo gelado que encheu a cavidade torácica dela. — E eles estão aqui para me punir.

* * * *

Há centenas de anos, Hawkyn tinha esperado, aterrorizado e encurralado, quando homens vieram prendê-lo por roubar pão que ele precisava para sobreviver. Ele ainda podia lembrar-se de quão rápido o coração dele tinha batido dentro de seu corpo magro, como a adrenalina tinha feito sua barriga vazia querer derramar tudo em seus sapatos.

Sapatos que ele não tinha.

Ele pediu piedade, mas não houve nenhuma.

Agora, havia dois Punishers⁸ da embaixada Memitim esperando por ele embaixo, mas ele era um macho diferente. Ele não se encolheria. E ele não imploraria.

Mas isso não seria divertido.

— Fique aqui — ele disse a Aurora quando ele deixou cair a bolsa nos degraus. — Não importa o que aconteça, não se mexa. — Ele desceu os degraus, mantendo os olhos nos dois machos enquanto avançava. Ele nunca conheceu esses irmãos, e mesmo com a ameaça de violência pairando sobre sua cabeça, ele ainda se perguntou quais dos setenta e dois anjos que Azagoth emprenhou eram suas mães. — Olá, meninos. O que os traz aqui?

Como se ele não pudesse adivinhar.

Alguém o delatou. Algum idiota tinha delatado que ele interferiu na vida de seu Primori, e ele iria receber uma severa repreensão. Ou talvez até mesmo um dano físico.

— Se você não sabe, você merece algo pior do que o que acontecerá com você. — O mais alto dos dois, aquele com cabelos escuros que era a imagem cuspida de

⁸ Justiceiros ou executores

Azagoth, deu um passo à frente. — Eu sou Leonas. — Ele gesticulou para o macho de cabelos cinzentos com as asas cinzas pálidas. — Este é Moze.

— Prazer em conhecê-los — Hawkyn disse, esperando que eles pegassem cada nota sarcástica em sua voz.

Moze resmungou, mas ficou sóbrio com o olhar de Leonas.

— Todos somos irmãos germanos, filhos de Azagoth e Ulnara — disse Leonas. — É provavelmente por isso que fomos escolhidos para puni-lo por interferir nas ações de seu Primori. Nossos superiores presumiram que você pensaria que teríamos misericórdia. Leonas sorriu, o mesmo sorriso gelado que seu pai usava antes de transformar alguém em uma torturada obra de arte viva. — Nós não vamos.

Merda. Isso seria bem pior do que uma repreensão ou algum tipo de sanção.

Hawkyn convocou uma arma e lançou um escudo pessoal, mas, mesmo quando sua foice se formou na palma da mão, ele sabia que a defesa era inútil. Os anjos Ascendidos eram muito mais poderosos do que qualquer Memitim terrestre, e, com certeza, ele só conseguiria dois golpes da lâmina antes que Moze o prendesse na parede, com o rosto comendo a pedra.

Rugindo de raiva, ele chutou, pegando Moze na parte superior da coxa com um golpe que teria quebrado a perna de um macho menor. Moze gritou de dor, e então Hawk foi o único em agonia quando Leonas esmagou o punho nas costas dele, através das costelas. Seus dedos eram como garras enquanto cavavam até encontrarem uma das suas asas sombra.

Não!

Através de suas respirações ofegantes e martelar espasmódico do seu pulso em seus ouvidos, ele ouviu os gritos de Aurora para que seus irmãos parassem, mas não o fizeram. O sangue salpicou o chão quando Leonas rasgou a asa da sua âncora e jogou-a na poça aos pés de Hawk. Como a sombra que era, dissipou-se, deixando nenhum vestígio.

Emerico, ele pensou, tentando se concentrar em algo além do sofrimento agudo e dilacerante da mão de Leonas mergulhando dentro dele novamente para pegar a asa

restante. Emerico foi quem o traiu. Ele não tinha certeza de como ele sabia disso, mas fazia sentido e, honestamente, Hawkyn não o culpava. Memitim eram ensinados no início de seu treinamento para colocar as regras e seus deveres antes de tudo, incluindo relações familiares e pessoais.

Durante séculos Hawkyn tinha obedecido, sendo um bom Memitim, não importa o que. Ele sempre quis fazer o que é certo para que ele pudesse se juntar ao Conselho e fazer cumprir o objetivo Memitim.

Agora ele só queria queimar o lugar.

Quando Leonas arrancou a asa de Hawkyn, uma tempestade de dor o atingiu, roubando sua respiração, sua visão e, felizmente, sua consciência.



CAPÍTULO 14

— Lilliana! — A voz profunda de Maddox soou atrás dela enquanto ela se sentava em uma manta ao lado de uma lagoa que costumava ser negra com alcatrão borbulhante. Agora era cristalina e cheia de peixes, e era seu lugar favorito para ler um romance com um chá gelado uma ou duas vezes por semana. — *Lilliana!*

Ela gostava de Maddox, mesmo que ele fosse um idiota arrogante às vezes, e enquanto ele era emotivo, ele não entrava em pânico, então o alarme em sua voz elevou o cabelo na parte de trás do seu pescoço. Colocando o livro dela de lado, ela se virou para ver ele e Rico correndo em direção a ela. Rico ficou um pouco para trás, o que era sábio. Passaram-se três meses desde que ele a chamou de “puta de Azagoth”, e ela ainda estava um pouco ferida.

Mas então, o rosto dele, onde ela tinha dado uma bofetada, provavelmente também estava.

— O que foi?

Maddox derrapou. — É Azagoth. Havia um membro do Conselho Memitim em seu escritório com ele. Ele acabou de sair e Azagoth está... não feliz.

— Droga — ela respirou. — Tudo bem, obrigada. Onde ele está? Ainda em seu escritório?

— Biblioteca.

Seu intestino torceu. Ele amava a biblioteca. Era seu lugar de conforto e um dos dois lugares... incluindo o quarto... que eles tinham concordado que não haveria raiva. Então, por que ele iria lá se ele estivesse chateado? Algo estava errado. Muito, muito errado.

— Obrigada. — Ela se levantou e se lançou para o corredor do lado de fora da biblioteca.

Totalmente materializada, ela tossiu com a fumaça que enchia os corredores, fluindo em gavinhas dos pisos e paredes chamuscados. Ela não precisava seguir o rastro enegrecido da fúria de Azagoth para saber que vinha de seu escritório. Ele invadiu daqui para lá, e ela não estava certa de que queria ver o que estava do outro lado da porta.

Basta bater. Se ele não responde, hei, eu tentei.

Ela odiava que ela estivesse disposta a optar por evadir em vez de confrontá-lo, mas, maldição, o humor dele ultimamente estava diferente de qualquer coisa que ela já havia visto. Antes, ela poderia aliviá-lo, mas agora parecia que só piorava as coisas. Ela não sabia o que fazer ou com quem conversar. Cat era uma ouvinte maravilhosa, mas o anjo caído não tinha muita experiência com relacionamentos, e ela e Hades nunca haviam tido uma briga séria.

Não, Lilliana estava sozinha nisso.

Inalando profundamente, ela bateu suavemente na porta.

Nenhuma resposta.

Então.

Sentindo-se culpada e aliviada, ela se virou, mas congelou quando a voz de Azagoth retumbou pela grossa porta.

— O que?

— Nada — ela gritou. — Vou voltar mais tarde.

Ele não disse nada. Que diabos? Ela deveria se afastar, feliz de escapar, mas maldição, o silêncio dele picou. Incomodada, ela abriu a porta e entrou.

— Azagoth? — Ele estava pairando sobre a pedra de visão em miniatura que ela tinha dado a ele para vigiar seus filhos Memitim adultos que não moravam em Sheoul-Gra. — Está tudo bem? O que está acontecendo?

Ele fez um som, algo que ela imaginou que um touro irritado poderia fazer. — Eles não vão me dar meus filhos. — Seu corpo grande estremeceu, e seu coração se partiu por ele.

— Oh, querido, sinto muito. — Ela estendeu a mão para ele, mas ele girou para ela, as chamas enchendo seus olhos com tanto calor que ela saltou para trás.

— Isto — ele resmungou — é sua culpa.

Atordoada e confusa com a acusação, ela deu mais um passo para trás. — Do que você está falando?

— Você me deixou fraco. — Ele agarrou seu peito, bem sobre seu coração, seus dedos cavando tão ferozmente que suas juntas estavam brancas. — Você me fez sentir.

Ela piscou. — Você está falando sério? O Conselho Memitim rejeita seu pedido e você está bravo comigo?

— Eu não me importaria com isso, se não fosse por você — ele rosnou.

Sua mágoa virou fortemente para aborrecimento por ser culpada por tal... estupidez. — Oh, bem, nossa — ela retrucou. — Sinto muito, eu fiz você uma pessoa melhor.

Ele passou o braço pela escrivaninha, derrubando papéis, canetas e livros por toda parte. Ele tinha feito isso antes, mas ele fez isso para que pudessem fazer sexo na mesa. De alguma forma, ela duvidava que eles estivessem ficando nus tão cedo.

— Eu não sou uma pessoa melhor! — Seus lábios se abriram para revelar presas que ele usara nela para fazê-la gritar de prazer, mas agora estendidas como armas. — Estou distraído e zangado. Não consigo parar de pensar em como meus filhos cresceram. Eu odeio isso. Odeio o que eu me tornei.

— Eu também odeio o que você se tornou — ela disse, praticamente sufocando com as suas palavras. Ambos odiavam o que ele havia se tornado, mas por diferentes motivos. — Mas nós podemos consertar isso.

Ele riu, um som feio e cruel que a fez encolher. — Eu tentei. Você não acha que eu tentei? Deseja saber quantas horas eu me joguei no Inner Sanctum? Quer saber o quanto de malevolência a que me expus, as coisas que fiz? Foda-se, até Hades é inútil.

Sua boca ficou tão seca que sua língua estava presa no céu da boca. Ela sabia que ele estava com raiva, mas não sabia que ele estava zangado com ela, ou que ele estava infeliz. Ou que ele estava desejando por uma boa depravação à moda antiga.

— Então é isso? Você preferiria voltar a ser como era antes de te conhecer? Frio e sem emoção? Mal?

— Era mais fácil! — Ele gritou.

— Entendo. — Ela lambeu os lábios, mas era como lambe uma lixa com pedrapomes. — Bem, odeio dizer-lhe isso, mas o amor é difícil. Os relacionamentos dão trabalho. Qualquer coisa que valha a pena dá.

— Sim? — Sua risada estridente encheu a sala e enviou calafrios em toda a sua pele. — Isso é tudo o que você tem? Um sermão?

Tão teimoso. — Eu tenho amor, Azagoth.

Ele bufou com desdém, e foi como um golpe em seu coração. — Foi isso que me colocou nesta bagunça.

Seu coração socado apertou-se dolorosamente e as lágrimas lhe arderam em seus olhos. Eles passaram por tanta coisa e ela foi tão paciente com ele. Ela sabia que a vida dele não era fácil e que ele constantemente lutava contra o mal que o rodeava, e ela podia permitir-lhe muito espaço.

Mas ela não merecia isso.

— Foda-se — ela disse quando girou em direção à porta.

Ela queria atacá-lo, machucá-lo do jeito que ele a machucou, mas ela não tinha as palavras ou o folego. Qualquer coisa mais complexa do que dizer a ele para ter intimidade consigo mesmo faria com que ela se transformasse em uma confusão soluçante.

Ela tropeçou em seus próprios pés enquanto se afastava da biblioteca, seus olhos lacrimejantes e embaçados não ajudando em nada.

— Espere! Lilliana, espere. — Azagoth a pegou pelo braço e a girou. — Eu sinto muito.

Ela se soltou de seu aperto. — Eu não me importo. Você não pode dizer que se arrepende de me amar e depois limpar tudo com três palavras.

— Não disse que me arrependo de te amar.

— Semântica. Não jogue essa besteira.

— Passei milhares de anos sendo incapaz de sentir, não conseguindo me conectar com ninguém, e agora tenho todas essas crianças que eu quero conhecer, mas... — Ele enfiou a mão pelo cabelo tão violentamente que ela esperava que ele saísse com tufo entre os dedos. — Às vezes as emoções me dominam e eu não sei como lidar com elas. Sim, por alguns instantes eu queria me livrar da dor. Eu só queria respirar por um segundo. Mas nunca quis nenhuma vez me livrar de você. Por favor — ele implorou, caindo de joelhos na frente dela. — Eu não sei como fazer isso.

Agora, ela era ficando suave. Ao ver seu grande e poderoso companheiro cair de joelhos pelo sofrimento a separou em pedaços.

— Você faz o que fez comigo — ela disse gentilmente. — Você deixa seus filhos entrarem.

— Mas a culpa...

Ela se ajoelhou na frente dele, lágrimas rolando por suas bochechas agora. — O que está feito está feito. Mas veja o progresso que você fez. Veja o que você está fazendo para seus filhos agora.

Ele bufou. — Sim. Veja o que estou fazendo com eles. Mandeí Hawkyn para longe. Eu tratei Idess e Mace como estranhos. Eu quero meus jovens aqui e me irrita que o Conselho não o permita, e ainda assim estou um pouco aliviado. — Seus olhos vermelhos examinaram seu rosto. — Por quê?

Ao aproximar-se, ela segurou sua bochecha. — Porque você tem medo de perder o controle.

As chamas lambeiram suas pupilas novamente. — Eu não tenho medo de nada.

— Nada? — Ela acariciou sua mandíbula com o polegar, longos golpes calmantes para trazê-lo para baixo, para dar-lhe uma chance de pensar em vez de reagir. — Você não tem medo de perder tudo o que você construiu aqui para si mesmo? Seus filhos? Eu? Penso que talvez o seu problema seja exatamente o oposto. Você tem muito a perder que não pode deixar de ter medo de perdê-lo. Eu sei que eu estaria. — Inclinando-se para frente, ela roçou os lábios sobre os dele. — A chave é deixar de lado o medo e apenas... viver. Você tem uma vida fabulosa, Azagoth. Temos uma vida fabulosa. E isso só vai melhorar à medida que adicionarmos a isso. Encontraremos uma maneira de localizar seus filhos e trazê-los aqui.

— Eu não mereço você — ele murmurou.

— Não, você não merece — ela provocou — mas você me tem, então precisamos encontrar uma maneira de lidar com isso.

Bem ali, no corredor, ele a puxou contra ele, aconchegando a cabeça dela contra o seu ombro enquanto ele a segurava. — Eu te amo, Lilli. Eu te amo muito.

— Eu também te amo — ela sussurrou. Mas às vezes ela se perguntava se era o suficiente.

Algo lhe dizia que aquilo não tinha acabado, e ela não sabia se era capaz de dar a ele o que ele precisava.



CAPÍTULO 15

Aurora nunca quis matar alguém tanto como queria matar os desgraçados que torturaram Hawkyn e o despojaram de suas asas bem em frente aos olhos dela.

Ela realmente tentou. Mas mesmo quando formou uma bola de fogo na ponta dos dedos, o chamado Moze a apagou. Tudo o que ele fez foi deslizar o olhar em sua direção e todo o seu corpo ficou tão rígido como uma estátua completamente imobilizada. Ela foi forçada a assistir com horror quando os desgraçados arrancaram as incríveis asas de Hawkyn de seus ombros e as jogaram no chão ensanguentado, onde elas tinham murchado e desaparecido.

Engraçado como ela estava congelada como uma escultura de gelo, mas as lágrimas ainda escorriam por suas bochechas em riachos quentes. Como Hawkyn suportou a agonia? Não apenas a dor física, mas a miséria emocional de ter seus próprios irmãos desmembrando-o assim? Ela tomou de volta cada coisa negativa que ela disse ou pensou sobre seu próprio irmão, porque, na verdade, quando importava, ele estava lá por ela. E ela sabia, sem dúvida, que se ela o chamasse, ele teria vindo até ela, não importa o que.

A família de Hawkyn era a definição de disfuncional, e seu coração sangrou por ele.

— Aurora?

A voz rouca de Hawkyn a sacudiu de seus pensamentos, e ela colocou o livro que uma fêmea chamada Jordan lhe tinha dado para passar o tempo. Claro, ela não teria escolhido um compêndio de demônios como uma leitura de praia, mas definitivamente ocupou sua mente. Quem sabia que os Raptors Horrors gostavam de comer tanto romãs como pessoas?

Ela correu para a cama que Jordan e outros dois Memitim colocaram o corpo inconsciente de Hawkyn antes de cortar sua camisa sangrenta e cuidar de suas feridas.

— Quanto tempo... — ele murmurou enquanto se empurrava em um cotovelo. — Há quanto tempo eu estive fora?

— Meio dia — ela disse, sentando-se no banquinho ao lado da cabeceira da cama. — Eu dormi ali. — Ela gesticulou para a cama que um Memitim cujo nome ela não conhecia tinha montado para ela ao longo da parede mais distante. — Eu também tomei um banho e comi panquecas. Está com fome? Eu posso ir até a cozinha. São duas da manhã, mas disseram que eu posso pegar o que eu quiser.

Por alguma razão, ele sorriu, a diversão se estabelecendo em traços que tinham, apenas algumas horas atrás, sido atraídos pela dor, mesmo enquanto ele dormia. — Você está se instalando, hein?

— Eles tornaram isso mais fácil. Eu acho que eles estão chateados por... — Ela não queria dizer isso. — Pelo que aconteceu com você. Eles estão se dobrando para serem agradáveis.

Jordan e outro Memitim, um homem chamado Drue, pareciam pensar que ela precisava de companhia, e tinham compartilhado muitas histórias Memitim e Celestial. Ela tinha ouvido, fascinada, e se ela não estivesse com extrema necessidade de dormir, teria adorado conversar com eles a noite toda.

Ela pegou o jarro de água na mesa de cabeceira. — Você está com sede?

— Sim. — Ele sentou-se com um estremecimento e empurrou o jarro de lado em favor da garrafa de vodca que Jordan tinha deixado para ele, juntamente com uma muda de roupa.

Ele ficaria maravilhoso com aquelas calças de couro preto.

— Jordan disse que vocês não deveriam ter álcool, exceto o vinho, mas que esses desgraçados celestiais dispensaram essa regra para você dessa vez.

— Quanta gentileza. — A raiva praticamente sangrou de seus poros enquanto ele desenroscava a tampa e tomava um gole.

— Desculpe — ela disse suavemente. — Eu não pude ajudá-lo. Eu tentei, mas...

Balançando as pernas para o lado do colchão, ele olhou para o balde de água tingida de vermelho e o pano manchado de sangue que ela usara para limpá-lo enquanto ele jazia sangrando no colchão. Ela tinha ficado chocada com a rapidez com que as feridas profundas nas costas haviam se curado, e ela estava ainda mais chocada com o modo como ele se movia apenas doze horas depois, como se nada tivesse acontecido.

— Eu odeio que você teve que ver isso. — Ele amaldiçoou e se colocou de pé, os músculos em seus braços e peito nu flexionando a cada movimento. — Eu odeio que tudo isso esteja acontecendo com você. Drayger, ter que se esconder, meus irmãos idiotas. Eu sinto muito.

Assustada com o seu pedido de desculpas, quando ele foi o único que tinha perdido suas asas por ajudá-la, ela se serviu de um copo de água com uma mão trêmula. Este era um homem que ela estava convencida que a entregaria a um assassino em série se o dever dele exigisse isso, e ainda assim ele estava claramente tentando protegê-la.

Ele perdeu suas asas por causa dela.

Sempre fiz o meu trabalho, mesmo que não fizesse sentido. Mesmo que eu sentisse que o que estava fazendo estava errado. Mas estou investido no seu bem-estar agora. Estou investido em você. Vou encontrar uma maneira de mantê-la segura.

Sem camisa, com o jeans manchado de sangue seco, ele ainda conseguiu se mover com uma graça suave e letal enquanto andava de um lado para o outro no pequeno quarto e bebia da garrafa a cada dez passos, mais ou menos. — Vou solicitar uma redesignação de Primori. Estou me livrando do Drayger.

Uau. — Você pode fazer isso?

— Teoricamente. Mas cabe ao Conselho Memitim. Se eles quiserem, não terei mais que proteger o Drayger. Ele será um problema de outro Memitim, e posso me concentrar em manter você segura.

— Eu não sei o que dizer. Obrigada não é suficiente. — Ela engoliu em seco, os olhos lacrimejando de gratidão. Ele perdeu as asas porque tentou salvá-la do Drayger, e agora isso? Ela nunca poderia recompensá-lo. Nem em um milhão de anos. Mas havia algo que ela poderia fazer por ele. — Eu sei que não é muito, mas eu posso tirar sua dor se quiser.

— Eu não estou com dor. — Ele engoliu um bom quinto da garrafa.

— Sim — ela disse — você está. E posso tirar isso. Bem, não vai desaparecer completamente, mas será gerenciável.

— Estou bem. — Sua voz se acalmou como uma rouquidão escura e encharcada de álcool. — Estou curado.

Ela se moveu para ele, plantando a palma da mão no seu esterno, com o cuidado de manter seu sifão de energia desligado. Ela não precisava da incoerência e reviravolta mental agora.

— Eu não estou falando de dor física, e acho que você sabe disso. — Tentativamente, ela abriu a mão para a direita, cobrindo o coração dele. Ele batia mais rápido agora, seu pulso batendo na palma da mão dela como se estivesse tentando combinar a cadência dos batimentos cardíacos dela. — Eu posso ajudar. Por favor, deixe-me ajudar.

Uma batalha guerreava em sua expressão, um olhar que ela tinha visto antes, quando seu irmão voltou para casa de uma missão que o assombrou. Ele queria conversar, mas seu orgulho, ou talvez suas ordens militares, não o permitiram.

— Ninguém nunca me ajudou antes — ele disse, sua voz suave com a única garrafa, tornou-se áspera, movida pela vodca. — Ninguém além dos meus irmãos.

— Você perdeu suas asas porque você me ajudou. — Ela deu um passo para trás para não ter que esticar o pescoço para olhar para ele e para que ele pudesse ver cada emoção genuína em seu rosto. — Jordan explicou o quanto de risco era, e o que você

pode perder ao quebrar as regras. Eu não entendo essa coisa do Conselho Memitim, mas parece que não há nada mais que você quer do que sentar e mudar as coisas para melhor. Então deixe-me fazer isso por você. É uma coisa em que eu realmente sou muito boa.

Por um longo e torturante momento, ele não disse nada. Então, finalmente, o conjunto rígido de seus ombros relaxou, embora a cautela em seus olhos permanecesse.

— Como?

Cara, ela precisava de uma bebida para isso, e sua vodca parecia saborosa. — Há uma razão pela qual eu sou uma massagista — disse ela, estendendo seu copo de água vazio com um gesto para sua garrafa de álcool. Quando ele serviu duas doses generosas, ela continuou. — Eu recarrego meus poderes através do toque. Eu absorvo energia e emoções negativas e as transformo em combustível para as minhas habilidades. — Ela sorveu sua bebida, curtindo a picada de álcool em seus lábios. — Meus clientes saem felizes e mais leves, e agora sou a massagista mais requisitada de Portland.

E não apenas Portland. Os Spas em todo o país queriam contratá-la, oferecendo-lhe mais dinheiro, lugares para morar, listas exclusivas de clientes. Ela já havia sido abordada pelo dono de um resort sueco de renome mundial e uma celebridade de Hollywood que quer uma massagista pessoal. Obrigada, mas não, obrigada. Ela gostava de sua vida tranquila de obscuridade e não queria se mudar. Portland se adequava a ela. Com sua personalidade peculiar e descontraída, restaurantes e cervejarias de renome mundial, e coisas infinitas para fazer, a cidade parecia como sua casa, de modo que Sacramento, onde ela cresceu, nunca pareceu.

— Então, você quer me dar uma massagem?

— Esse é um método. É lento. — Ela pausou por um batimento cardíaco e então, antes que ela mudasse de ideia, disse: — Também há um rápido.

— Sim? — Ele tomou um gole de vodca, os tendões em sua garganta ondulando com cada gole. — Que diabos. Vamos fazer o rápido.

— Você nem quer saber o que é?

— Eu não me importo com o que é. Meu pai me expulsou do seu reino, provavelmente eu perdi qualquer chance de me sentar no Conselho Memitim, e dois irmãos que eu nunca conheci acabaram de tirar minhas asas do meu corpo com as próprias mãos. — Ele soltou uma risada amarga. — Foda-se. Eu posso lidar com qualquer coisa. Apenas faça isso.

Abruptamente, seu corpo corou de calor, mas seu cérebro recuou. Ela geralmente evitava o segundo método, aquele que era a marca de sua herança succubus. Era muito intenso. Muito íntimo. Quando seu parceiro obtinha o orgasmo, mais do que apenas sua semente corria para o corpo dela. Ela tinha uma explosão de poder tão prazerosa que a enviaria para um orgasmo prolongado de prazer insano, mas também ficava com a cabeça cheia de emoções que vinham com pouco ou nenhum contexto. Poderia haver uma mistura de tristeza, raiva, amor, ciúmes... e a menos que seu parceiro lhe contasse tudo o que ele estava sentindo antes do tempo, ela ficava com um nó de emoções que a embrulhavam por horas. Era uma das razões pelas quais ela evitava relacionamentos.

Mas maldição... Hawkyn a tentava. Sim, ele estava bravo agora mesmo, mas os anjos eram bons, certo? Quanta bagagem emocional poderia haver?

Ninguém nunca me ajudou antes.

Ok, talvez havia muita. Todos com quem ela falou mencionaram que Memitim cresciam nas situações mais atroztes imagináveis, e mesmo depois de terem sido arrancados do mundo humano e apresentados ao trabalho que eles tinham sido criados para fazer, a vida ainda não parecia boa. Como poderia ser quando você não tinha escolha sobre como você vivia ou o trabalho que estava fazendo? Ela poderia ter entrado no negócio de spa porque parecia ser uma boa maneira de coletar a energia que ela precisava para sobreviver, mas a verdade era que ela gostava disso. Ela gostava de fazer as pessoas se sentirem bem. Pessoas felizes e positivas eram o que o mundo precisava. E do que ela tinha visto, os Memitim poderiam especialmente usar algum tipo de spa no submundo.

— Bem? — Ele olhou para ela do outro lado da sala, sua mão enrolada em um agarre de morte no gargalo da garrafa, seu olhar segurando a mesma intensidade ardente que ela tinha visto nos olhos de seu pai no retrato lá embaixo.

Deus, como seria ter toda essa intensidade focada nela? Tocando nela? Dentro dela? Tudo o que ele tinha que fazer era olhar para ela e ela estremecia com arrepios violentos.

O ar frio neste castelo gelado ficou mais quente. — Ok, mas não diga que não te avisei.

— Você não fez.

— Não fiz o quê?

— Avisou-me.

Ela bufou. — Quando eu disse para não dizer que eu não avisei... eu estava avisando você.

Seu sorriso preguiçoso e inclinado a fez gemer. Ele a estava provocando. Ela amava esses vislumbres, por mais breves que fossem, em sua personalidade fora de serviço. Ele estava em movimento desde que se conheceram, em constante estado de movimento, e apesar das circunstâncias de merda, foi bom vê-lo relaxar um pouco.

Claro, isso poderia ter algo a ver com a garrafa que estava na sua mão.

Ela olhou seu próprio copo de bravura líquida, mas realmente, ela não precisava disso. Mesmo que seus genes de succubus não estivessem funcionando, preparando seu corpo com uma onda de desejo, ela queria Hawkyn.

E ela queria ajudá-lo.

Quando ele engoliu outro gole de vodca, ela colocou o copo na mesa e virou-se para ele.

— Aqui está outro aviso. — Ela puxou a camisa por cima da cabeça. — Algumas cenas podem ser muito intensas para jovens espectadores. — Ela jogou a camisa no colchão e estendeu a mão para tirar o sutiã.

— O que você está fazendo? — Ele grunhiu, a garrafa de vodca congelada a poucos centímetros de sua boca.

— Sexo. Esse é o método rápido. — Ela deixou cair o sutiã no colchão e corou no modo como ele olhava para os seios expostos. — Você gosta?

Por um momento longo e torturado, ele não disse nada. Oh, Deus, e se ele a recusasse? Que embaraçoso. Ela cometeu um grande erro, e parecia uma idiota desesperada. Sufocada pela humilhação, levantou as mãos para se cobrir, mas ele balançou a cabeça.

— Não. — Sua voz foi um grunhido baixo, sensual e escuro, tão ressonante que a atingiu entre as pernas. — Você é linda.

— Isso significa...

Ele estava sobre ele antes que ela pudesse terminar. Seus lábios desceram sobre os dela e seu corpo a pressionou contra a parede de pedra fria e ambas as mãos seguraram seus ombros com tanta firmeza que ela percebeu que teria hematomas mais tarde.

Impressionante.



CAPÍTULO 16

Hawkyn faria isso. Ele ia fazer isso. Sexo com sua primeira mulher em séculos. Ele iria quebrar todas as malditas regras Memitim, e ele ia fazer isso bem.

E ele ia fazer isso com a incrível fêmea em pé na frente dele. Uma fêmea que tinha todo o direito de odiá-lo por seu papel na proteção do violento assassino que a caçava. Inferno, ele estava começando a se odiar.

Suas mãos apertaram em sua cintura, e a autoaversão drenada, substituída por uma necessidade abrasadora que ele não sentira há muito tempo. Não, ele nunca sentiu isso, o desejo de estar com alguém não como uma fuga temporária, mas como uma experiência total. O que acontecesse entre eles podia não ser o primeiro passo para sempre, mas como Memitim, ele não poderia ter isso com ninguém além de outro anjo de qualquer maneira.

A súbita ideia de que ele se acasalaria com um anjo um dia o abalou. Ele assumiu que passaria em todos os testes de Memitim, faria o trabalho dele na Terra admiravelmente, e se juntaria ao Conselho antes de se estabelecer com uma fêmea. Mas enquanto os lábios de Aurora mordiscavam sua mandíbula e suas mãos acariciavam a pele sensível nas costas dele, onde suas asas haviam estado, tudo o que ele conseguia pensar era em estar com ela.

Ele nem se importava se ela pudesse aliviar sua dor. Não importava. Ele passou toda a sua vida Memitim cuidando dos outros, outros que não mereciam isso. Cada

canalha que ele protegia comia um pouco de sua alma, e já era hora de ele fazer algo reconfortante para si mesmo.

Veja, este era o tipo de coisa que ele mudaria se ele chegasse ao Conselho Memitim.

Exceto que ele sabia bem que isso não iria mais acontecer, e a sensação de perda no espaço onde suas asas deveriam estar fez isso dolorosamente claro.

— Não — ele ofegou, afastando-se dela. Ele tropeçou para trás, derrubando a bandeja da TV no canto e mandando-a para o chão. Sua garrafa de vodka quebrou, pulverizando álcool por toda parte.

— Ei — disse Aurora, alarme piscando nas profundezas de seus olhos azul-oceano. — O que está errado? Você está bem?

Não, ele não estava. Ele era um maldito louco. — Sim — ele respirou. — Sim. Desculpa. Eu só... faz muito tempo.

— Para mim também — ela disse calmamente.

— Quanto tempo?

— Alguns anos. Você?

Ele bufou. — Alguns séculos. — Alguns *longos* séculos.

— Sério? — Ela se moveu em direção a ele, seus seios cheios pulando tentadoramente a cada passo. — Uau.

— Temos que fazer um voto de celibato.

— Droga — ela respirou, parando em seu caminho. — Então, não podemos fazer isso.

— O inferno que não podemos. Eu só tenho que sair da minha cabeça.

— Você está preocupado com o castigo, não é?

Ele resmungou de novo. — Eu não me importo com isso. Estou cansado das malditas regras. Estou cansado da besteira.

— Então, o que?

— Você sabe o que? — Ele perguntou enquanto ele fechava a distância entre eles. — Não é nada. Não é absolutamente nada.

Por que se foda. No momento em que ele apareceu no estacionamento escuro e interferiu no sequestro de Aurora, ele sabia em algum nível que ele estava testando o destino. Ele havia dito a si mesmo que ele estava tranquilo em proteger as pessoas malévolas, mas agora podia admitir a si mesmo que ao longo dos anos uma fratura se formara no compartimento onde ele manteve sua indiferença.

E quando ele viu Aurora, essa fratura levou a uma quebra completa, que nem aquela garrafa de vodca no chão.

Ela gemeu quando ele cobriu a boca com a dele e caminhou para trás até que ela bateu contra a larga saliência de pedra da janela. Ele não tinha feito isso em um longo, longo tempo, mas o sexo não tinha uma curva de aprendizado íngreme e ele sempre foi um autodidata.

Ainda beijando-a, ele segurou seus seios, rodeando seus mamilos com os polegares. Ela ofegou em resposta, arqueando ao seu toque e empurrando sua pelve contra sua ereção dolorida.

— Nós não estamos nus o suficiente — ela sussurrou contra seus lábios, e ele concordou.

Sua respiração ficou mais rápida quando ele colocou uma das mãos no cócs e abriu a calça jeans dela. Seus dedos mexeram com sua braguilha até que os botões abriram e seu pau, inchado e rígido, saltou em seu aperto impaciente.

Ele quase gozou ali mesmo. — Calma aí, pequena Wytch — ele grunhiu. — O meu fusível tem sido lento durante centenas de anos. Não vai demorar muito para me deixar fora...

De repente, ela caiu de joelhos, empurrou a calça jeans até as coxas e engoliu-o. Apenas o engoliu inteiro. A ponta de seu pênis bateu na parte de trás de sua garganta e ele gritou em puro prazer elétrico.

— O que você está fazendo? — Ele murmurou quando ela sacudiu a língua para trás e para frente sobre seu eixo.

Ela sugou forte, e sua ereção ficou livre de sua boca quente com um pop suave. — Eu estou aliviando um pouco. Além disso, você precisa de pelo menos dois orgasmos para que o efeito completo da minha magia funcione.

— Sério? — Não que ele fosse discutir com isso.

Ela o agradou com um sorriso coquete e perverso que combinada com ela. — Não. Eu só quero saber como é um anjo quando ele goza.

Ele teria rido se não estivesse prestes a dar o que ela queria. Como era, ele teve que morder a língua, concentrando-se na dor e não no prazer de seus dedos enquanto acariciavam seu saco. Ela baixou a boca para ele novamente, sua língua passando rapidamente pela cabeça de seu pênis.

A adrenalina passou por ele, aumentando seu desejo quando suas bolas se apertaram e um formigamento espalhou em seu eixo. Ele estava perto, tão perto que suas pernas eram borrachas e ele teve que soltar uma mão para se firmar na parede, para que ele não caísse em cima de Aurora.

Ele não ousou olhar para a visão erótica dela sugando-o. Em vez disso, ele fechou os olhos e concentrou-se na sensação de sua boca molhada deslizando para cima e para baixo. De sua língua circulando sua cabeça de cogumelo. De seus lábios mordiscando suas bolas enquanto seus dedos acariciavam a pele chocantemente sensível logo atrás deles.

E quando ela aumentou a pressão, seus dedos massageando, amassando, espremendo, uma vibração diferente de qualquer coisa que ele alguma vez experimentou, disparou através dele como um ataque de relâmpagos eróticos, e foi quando ela o levou para o Céu.

Foda-se as regras. Ele não precisava Ascender para obter o que precisava. Ou o que ele queria.

Ele se afogou em êxtase, bombeando seus quadris enquanto ela bombeava com seu punho, e inferno sagrado, Aurora era, para ele, o pináculo do Céu.

* * * *

Na experiência de Aurora, quando um cara gozava, ele precisava de um minuto para se recuperar. Mais de um minuto, na verdade.

Então ela ficou chocada como o inferno quando, apenas momentos depois de seu poderoso orgasmo que sobrecarregou seus sentidos com a explosão de energia, ele se retirou de sua boca, puxou-a para cima e arrancou suas calças como se fossem feitas de papel de seda.

Suas emoções filtraram através dela, sua raiva e dor convertendo-se em poder positivo muito mais rápido do que jamais havia acontecido no passado. Geralmente a negatividade persistia, às vezes durante dias, mas como tudo mais sobre Hawkyn, sua energia era única. Viciante. Ela queria mais.

— Isso foi incrível — ele rosnou quando ele jogou de lado os jeans rasgados, deixando-a apenas em uma linda calcinha de renda preta, que Hawkyn mordeu com suas presas.

Ela estremeceu, apesar da necessidade ardente fluir através de suas veias, consumindo-a enquanto se transformava em um inferno que ela tinha certeza que queimaria os dois.

Suas grandes mãos espalmaram suas coxas, espalhando-as quando ele a colocou de volta no peitoril da janela. Seus olhos de esmeralda brilhavam com luz erótica quando ele a levou. Ele estava indo para... simmmmm.

Sua língua abriu seu centro, apunhalando profundamente antes de arrastá-lo, lambendo seus tecidos inchados e sensíveis. Ela gritou, seu nome atravessando o pequeno espaço, e ela sentiu que ele sorria contra seu núcleo.

— Eu não tenho nenhuma experiência com isso — ele disse com uma voz bruta e irregular, sua respiração quente fazendo cócegas na pele de sua coxa interna — mas eu aprendo rápido.

O que ele provou, agarrando-se ao clitóris e traçando-o suavemente, usando seus gemidos e respirações ofegantes como um guia. Um dedo a penetrou, bombeando e sacudindo, e ela teve que morder a palma da mão para não gritar de êxtase.

O orgasmo a atingiu como uma tempestade súbita, rasgando seu mundo antes que tudo se juntasse novamente com Hawkyn subindo por seu corpo e se acomodando entre as pernas dela enquanto ela se sentava na borda de pedra.

Quando ele tirou a calça?

Não que ela se importasse com detalhes como esse. Não quando ele estava olhando para ela com olhos semicerrados e possessivos que queimavam com a necessidade masculina. Deus, quando ele a olhava assim, ele poderia ter qualquer coisa que ele quisesse.

Qualquer coisa. Qualquer coisa exceto... — Espere — ela respirou. — Proteção.

— Memitim não são férteis. — A ponta de seu eixo cutucou sua entrada, mas ele hesitou, esperando por permissão. — Não até Ascendermos.

— Ok, então. — Ela se recostou contra o vidro espesso e opaco na janela e abriu mais as suas pernas. — Isso é exatamente o que eu queria ouvir.

— Droga — ele respirou quando ele empurrou dentro dela. — Você é tão bonita. Tão perfeita.

Não, o que era perfeito era a maneira como ele era tão cuidadoso com ela. Sua ereção deslizou dentro dela lentamente, esticando-a extraordinariamente enquanto a observava, seu olhar vagando por sua expressão para cada reação.

Quando ele estava completamente dentro, ele colocou seu rosto em suas mãos, segurando-a por seu beijo. Ela pegou com entusiasmo, enfiando a língua entre os lábios dele quando ele começou a se mover contra ela. Em segundos, o beijo eclodiu quente e urgente, e um estrondo de aprovação sacudiu profundamente em seu peito.

Sua língua deslizou contra a dela, acariciando e empurrando, o ritmo combinando com o balanço de seus quadris. A tensão se acumulou entre suas pernas enquanto ela trancava suas coxas ao redor de sua cintura, segurando-o onde ela precisava que ele estivesse.

Isso foi perfeito. Tão perfeito. Como tudo sobre ele. Ela deslizou as palmas da cintura para as costas perfeitamente curadas dele, mapeando as colinas e os vales de seus músculos, a estrutura óssea pesada, os tendões. Este era seu playground, e quando

ele a levou mais alto a cada estocada, ela usou os dedos para amassar todos os pontos de prazer ao seu alcance, amando como ele engasgou quando ela cavou fundo.

Como massagista, ela conhecia os benefícios da massagem. Mas, como uma Wytch, com seus antepassados demônios do sexo, ela também tinha um conhecimento único que lhe permitia acessar zonas erógenas que a maioria das pessoas nem sabia que elas tinham.

Ela usou esse conhecimento agora com precisão e habilidade, amando como, quando ela juntou um ponto entre sua terceira e sua quarta costela, ele gemeu. Ou quando usou dois dedos em um ponto de pressão no cume de seu ombro, todo o seu corpo espasmou, sua cabeça caindo para trás em uma visão de êxtase masculino.

— Você está me matando — ele sussurrou. — Foda, você é incrível.

De repente, ele a levantou e, ainda embainhado dentro dela, levou-a para a cama. Sua força quando ele a abaixou a deixou admirada.

Arquejando com uma necessidade desesperada, ela o puxou para baixo para que eles ficassem peito a peito, suas pernas enroladas ao redor de sua cintura em um aperto que ela não o deixaria partir tão cedo.

Ela tinha feito sexo antes, obviamente, e sua natureza de succubus tinha sido toda sobre o prazer para um propósito. O sexo e a magia eram uma libertação. Mas o que ela estava fazendo com Hawkyn foi além disso. Poderia ter começado como uma maneira de ajudá-lo a se livrar da negatividade e da dor que pesavam sobre ele, mas agora era sobre estar com ele. Sobre dar-lhe um pedaço de si mesma.

Ela nunca tinha feito *isso* antes.

Ele se balançou contra ela, mergulhando profundamente antes de dirigir uma série de rápidos e curtos golpes em seu núcleo cerrado. Seu eixo grosso a esfregou nos lugares certos enquanto ela se arqueava nele, levando-o tão rápido, tão duro, tão fundo quanto ele podia ir.

Suas unhas marcaram suas costas enquanto ele girava seus quadris, e ela não conseguia parar de olhar para o rosto dele, para o suor brilhando em sua testa, em sua

mandíbula cerrada no mais masculino dos êxtases, os lábios que tinham dado tanto prazer a ela se separaram em sua respiração ofegante.

Neste momento, ele parecia ser tanto anjo quanto demônio, porque o que ele estava fazendo com ela não era nada menos do que o mal, mas ele era muito bom nisso.

— Agora — ela sussurrou enquanto ela se balançava contra ele. — Por favor...

Como se ele estivesse esperando por permissão, ele estocou, sua pélvis batendo nela com tanta força que ela deslizou para cima do colchão e bateu a cabeça contra a cabeceira da cama. A coisa começou a bater na parede, mas se isso o incomodou, não mostrou.

Ele golpeou dentro dela, sem mostrar piedade, mas ela não queria. Ela queria tudo dele. Todo aquele poder adorável e toda essa imensa força.

— Sim — ela chorou. — Aí.

Ele empurrou, seu corpo ficando tenso enquanto ele rugia em liberação. Salpicos quentes de sêmen a aqueciam por dentro e provocavam seu próprio clímax. O corpo dela se apoderou, atormentado por ondas de prazer tão intensas que ela pensou que poderia desmaiar. Ela se esforçou para se concentrar, para ficar consciente, para não perder um único segundo do êxtase que a estava quebrando completamente. Alterando a vida.

Bom Deus.

O peso de Hawkyn desceu sobre ela, e ela deu as boas-vindas. Podia ser a única coisa que a impedia de flutuar em uma nuvem de felicidade.

Mais uma vez, a transferência emocional da negatividade penetrou através dela, fios individuais de raiva e tristeza, o que fazia sentido, tendo em vista a briga com seu pai, a tortura nas mãos de seus irmãos e o conflito que ele sentiu ao escolher a segurança dela ao dever de seu Primori. Ela inalou, contando através de um exercício de respiração que ajudava a converter as emoções negativas em energia positiva e, em instantes, a paz a rodeou em um casulo de calor.

— Isso parece tão certo — ele murmurou grosseiramente, uma mão acariciando seus cabelos enquanto ele se debruçava sobre ela. — Eu deveria estar lamentando isso

agora. Eu deveria estar carregado de culpa e me perguntando o que o Conselho Memitim vai fazer comigo, mas, honestamente, simplesmente não me importo.

— Viu? Absorvi toda aquela dor e energia negativa ... — Ela parou quando o que ele tinha acabado de dizer afundou, e um alarme disparou através dela. — Espera. O que eles vão fazer com você? O que você quer dizer?

Sorrindo, ele se moveu, mas a colocou contra ele, então eles eram um grande emaranhado lado a lado na cama. — Não é nada que você precise se preocupar. Aconteça o que acontecer, é meu para lidar.

Isso não era justo, mas o sexo alucinante e os acontecimentos dos últimos dias alcançaram, e tudo o que ela queria era uma chance de descansar nos braços fortes de um anjo. Só por um tempinho.

Eles poderiam lidar com todas as outras merdas mais tarde.

E algo lhe disse que haveria muito disso.



CAPÍTULO 17

Aurora acordou dolorida, mas de uma maneira incrível que a fez querer ficar na cama o dia todo. Exceto que Hawkyn não estava na cama com ela.

Esfregando os olhos, sentou-se. Ele não havia deixado uma nota, mas ele tinha claramente tomado banho e se vestido. Onde ele estava? E como diabos ele tinha feito tudo sem que ela acordasse? Ela sempre teve o sono pesado, mas caramba, ela devia estar exausta.

O que fazia sentido, já que ela mal tinha dormido desde que Drayger a capturou. Fechar seus olhos significava ver as coisas que ele fez com ela no fundo de suas pálpebras. Dormir significava pesadelos. Mas ela não teve nenhum na noite passada.

Talvez dormir nos braços de um anjo afastasse as coisas ruins.

Ela poderia se acostumar com isso.

Bocejando, ela saiu da cama e se dirigiu para o banheiro, mas depois de alguns passos ela balançou, uma onda de náusea a sacudiu com força. Uau. Talvez a vodca tivesse sido mais forte do que ela pensava. Outra onda quente a atingiu, e ela tropeçou no banheiro, sua cabeça girando, o seu intestino rolando. O que estava acontecendo? Foi algo que ela comeu? Panquecas dos Memitim?

Segurando na borda da pia, ela ligou a torneira e derramou água gelada no rosto. Muito melhor.

— Aurora? — Hawkyn bateu na porta. — Você está bem?

— Estou bem — ela gritou. Ela olhou para o espelho e se encolheu, dormiu demais e havia círculos escuros sob seus olhos inchados. “*Bem*” pode ter sido um exagero.

— O café da manhã está pronto. Posso trazer uma bandeja se não quiser comer na sala grande.

— Não — ela disse, pegando uma toalha. — Desce. Encontro você em alguns minutos.

— Tem certeza?

— Eu consegui descer as escadas quando você estava desmaiado. — Ela desligou a água. — Eu acho que vou ficar bem.

Sua risada profunda se filtrou pela porta. — Vou tomar um café esperando.

Seu estômago se rebelou, mas ela agradeceu de qualquer maneira. Ela passou os próximos dez minutos se limpando, e quando ela estava vestida com as suas calças leggings, bata creme com cinto e sapatilhas que ela tinha embalado, ela estava se sentindo cem por cento novamente. Bem, noventa e nove, pelo menos. Ela ainda não pensava que o café parecia bom.

Ela encontrou Hawkyn no grande salão, sentado no final de uma das duas mesas de cavalete que alinhavam as paredes. Alguns Memitim estavam reunidos ao seu redor, cheios de perguntas, principalmente sobre Azagoth e Sheoul-gra, se o número de vezes que esses nomes foram pronunciados ao redor fosse qualquer indicação.

O coração de Aurora apertou dolorosamente. Ela não podia deixar de sentir tristeza por eles, e ela prometeu ligar para seus pais em breve, se não por outra razão que dizer que os amava. Ela não podia imaginar não conhecer seu pai, que tinha pacientemente lhe ensinado matemática e como pescar, ou sua mãe, que tinha sido generosa com abraços e piadas. Mas então, ela não podia imaginar ter o Grim Reaper como pai. Ela teve que dar crédito a Hawkyn, porém, tão irritado quanto ele estava com Azagoth, ele não o depreciou para seus irmãos. Em qualquer caso, ele minimizou seus próprios problemas com seu pai e encorajou todos a decidir por si mesmos.

Isso a fez admirá-lo ainda mais.

Ao aproximar-se do grupo, ela voltou sua atenção para as bandejas de frutas e doces que lotavam o centro da mesa. Ainda melhor, o aroma de ovos, queijo e presunto derretidos em dois aquecedores fumegantes e um prato.

A visão do bule de café, no entanto, virou o estômago. Wendy, a bartender em Hot Beans na rua da casa de Aurora, ficaria chocada. Aurora não podia passar pelo lugar sem um cappuccino de caramelo triplo.

Hawkyn virou-se para ela, seus lábios se curvaram em um sorriso secreto. As coisas que esses lábios haviam feito... Deus, ele poderia fazê-las uma e outra vez.

— Aurora, hey, eu guardei para você um... — Ele interrompeu, sua boca abriu, sua face drenada de sangue.

— Santa Merda! — Um Memitim de cabelos ruivos que não podia ser mais velho do que vinte anos ficou boquiaberto com ela, suas sardas se destacando de forma direta contra sua pele de marfim. — Ela é... ela é...

— O quê? — Ela olhou para si mesma, procurando por provas de que ela tinha crescido outro membro ou um chifre ou uma erupção cutânea em todo o corpo, mas não podia ver nada incomum. Mas agora todos estavam olhando. Olhando como se ela, bem, tivesse crescido outro membro, um chifre ou uma erupção cutânea. — O que eu sou?

Então ela viu. Suas unhas. Elas estavam se tornando prata, como se ela tivesse aplicado uma camada de esmalte de unha brilhante. Ela ofegou, um fio de pânico envolvendo-a como um laço. Isso era ruim. E... impossível.

— Hawkyn. — Drue, que foi tão amigável e acolhedor na noite passada, virou seu olhar acusador sobre ela. — Cara, você precisa tirá-la daqui. Agora.

A confusão eliminou seu pânico imediato. — Por quê? O que está acontecendo?

Hawkyn saltou da mesa, pegou a mão dela e praticamente a arrastou escada acima. — Temos que fazer as malas. Temos que tirar você daqui.

— Hawkyn! — Ela o empurrou para parar no limiar do quarto em que haviam ficado na noite passada. — Não vou a lugar algum até que você me diga por que precisamos sair.

— Porque Primori não são permitidos aqui — ele disse, sombras perturbadas flutuando em seus olhos. — E você é Primori.

— *O que?*

Ele invadiu o quarto, seus movimentos irritados e rígidos enquanto ele empacotava a mala. — Isso é loucura. — Fora da janela, uma tempestade estava se preparando, e parecia que uma estava se formando dentro dela também. — Entre a noite passada e esta manhã, algo aconteceu para tornar você Primori

Recordando o ataque de doença desta manhã, ela olhou para as unhas.

— Eu... acho que eu poderia saber o que foi — ela disse, as náuseas crescendo novamente, mas desta vez ela tinha certeza de que estava vindo dos nervos.

Ele se virou para ela, seu corpo tenso, sua expressão gravada com preocupação. — Conte-me.

Segurando a barriga com uma mão para calmar as borboletas, ergueu a outra, mostrando-lhe as unhas prata, um sinal revelador entre seu povo.

— Eu não entendo. — Ele franziu o cenho. — Você acha que pintar suas unhas fez isso?

— Eu não as pinte. E não há maneira fácil de dizer isso — ela disse em uma voz que tremia como a árvore do lado de fora da janela sendo fustigada pelo vento — mas...

— Mas o que?

Ela hesitou. Mudou seu peso. E então falou palavras que ela não pensou que diria por um longo, longo tempo.

— Estou grávida.

* * * *

Estou grávida.

Grávida. Santa merda.

Hawdyn tropeçou para trás, batendo a parte de trás das pernas na cama em que ele e Aurora fizeram amor na noite passada. Mas não havia como ele a ter engravidado. Memitim não era fértil. Tinha que haver outra explicação.

Ela estava olhando para ele com olhos vidrados, e ele percebeu que estava tão atordoada quanto ele. Ela passou por muito recentemente, e depois para adicionar isso a mistura... maldição.

— Você disse que você não teve relações sexuais há muito tempo. — Ao acenar com a cabeça, ele continuou, de alguma forma conseguindo parecer calmo em vez de assustado. — É possível que sua espécie tenha um período de gestação prolongado? Eu ouvi que alguns demônios femininos seguram espermatozoides dentro de seus corpos por anos antes de fertilizar um óvulo. E outros...

— Não — ela disse bruscamente. — Isso não é o que está acontecendo. Wytches são, na maior parte, como seres humanos. — Ela olhou para as mãos dela. — Exceto pelas unhas pratas.

— Você tem certeza. — Ele engoliu em seco, ganhando tempo para processar isso. Não ajudou. — Você está certa que eu sou o pai.

Ela encarou. — Tenho certeza. É seu, Hawkyn.

Suas pernas cederam, e ele afundou no colchão. Ele realmente nunca pensou em ter filhos. Não quando poderia ser centenas, ou mesmo milhares de anos antes de ele Ascender, tornar-se fértil e tomar uma companheira. Isso não era apenas inesperado, não tinha precedentes.

E ele estava em um monte de problemas.

Isso terminaria em sua expulsão da ordem Memitim. Ele seria destituído de seus poderes e deixado para viver no reino humano por toda a eternidade.

O reino humano. Com Aurora. E seu filho.

Talvez... talvez não seja tão ruim assim.

— Olhe — ela disse enquanto ela terminava de arrumar a mochila. — Eu aprendi o suficiente sobre Memitim com você, Suzanne, Lilliana e as pessoas aqui para saber que isso provavelmente é muito, muito ruim para você. Ninguém precisa saber que você é o pai...

Ele nem sabia que tinha tomado a decisão de se transportar para ela até se encontrar na frente dela, com as mãos em seus ombros delgados, o rosto dele no dela.

— Isso — ele rosnou — não é uma opção. Eu cresci sem pai, e isso nunca acontecerá com nenhum filho meu. Nós vamos passar por isso, Aurora. As coisas podem ser um pouco difíceis até conseguirmos resolver tudo, mas vamos fazer isso.

As lágrimas brilharam em seus olhos, e maldição, ele não conseguia lidar com isso se ela chorasse. Gentilmente, baixou a boca na dela e a beijou, timidamente no início, deixando-a decidir se era o que queria. Ela queria seu beijo? Ela o queria?

Seu pulso acelerou enquanto esperava por mais do que seu beijo passivo. Ele queria a paixão que ela demonstrou na cama na noite passada. A paixão que ela tinha pela vida e tudo isso que vinha com ela.

Nada. Ela ficou rígida, sua coluna reta como uma espada, seu pulso tremulando na veia de sua têmpora.

Por favor, Aurora.

Ele aumentou a pressão em sua boca, usando sua língua para acariciar a costura de seus lábios, e finalmente, abençoadamente, ela respondeu. Com um gemido, ela caiu contra ele, envolvendo seus braços ao redor dele e se abrindo para o beijo dele.

Era o que ele queria toda a vida, mesmo que ele não soubesse. Ele viveu para o dever, nunca para si mesmo, e pela primeira vez, ele entendeu o desejo de sua irmã Suzanne por uma vida e interesses fora dos limites de Sheoul-Gra.

O problema era que não era possível. Não para Memitim. Idess era prova disso. Ela perdeu seu status de anjo e era praticamente humana agora.

Idess está feliz.

Sim, ela estava. Mas Hawkyn se conhecia bem o suficiente para saber que, embora pudesse sobreviver sendo expulso da ordem Memitim, especialmente se tivesse Aurora e uma família, ele sempre teria arrependimentos. Ele sempre se perguntaria se deveria ter feito as coisas de maneira diferente. Porque ele queria tudo. Ele queria Aurora e a vida que ela carregava dentro dela. Mas ele também queria servir no Conselho Memitim.

Ele não podia ter os dois, e ele sabia disso.

Relutantemente, ele se afastou e olhou para os olhos sonolentos de Aurora. — Nós temos que levá-la para algum lugar onde você é permitida como Primori.

— E a minha casa? Podemos, pelo menos, parar por lá, para que eu possa verificar o correio e pegar mais algumas coisas? Nos saímos com tanta pressa na última vez. — Ela revirou o lábio inferior entre os dentes. — Se você acha que será seguro por um tempo.

Ele começou a se opor, mas seu novo status acabara de mudar as coisas. Ela nunca estaria mais segura do que estava agora.

— Você é Primori, então você tem seu próprio anjo da guarda. — Mas quem? Ele precisaria descobrir. Ele odiava admitir isso, mas alguns de seus irmãos eram muito mais confiáveis do que outros, e ele queria que Aurora tivesse apenas o melhor.

— Não — ela disse, colocando a palma no peito dele. — Eu tenho dois.

Sim, ela tinha. Por enquanto ele ainda era um anjo, de qualquer maneira. Ele tinha a sensação de que seu tempo havia se tornado muito, muito curto.



CAPÍTULO 18

Hawkyn transportou-os para a casa dela, mas ele manteve-a perto enquanto revistava o lugar para se certificar de que não havia sinais de que Drayger tivesse posto uma armadilha ou que estivesse escondido em um armário. Uma vez que Hawkyn disse que estava tudo limpo, ela quase desmaiou de alívio.

Era bom estar em casa. Ela estava exausta, mentalmente amarrada em nós, e mataria por uma xícara de chá de camomila.

— Você está com fome? — Ela se dirigiu para a cozinha, seu estômago roncando. Ela havia perdido o café da manhã, graças ao fato de que de repente ela ficou grávida e era Primori, e os Memitim no castelo os havia expulsado. Gentilmente, mas ainda assim.

Jordan até lhe deu um abraço.

— Com fome? Não. Eu nem consigo pensar em comer agora. Não gosto de estar em campo aberto assim.

— Você mesmo disse. Eu tenho um anjo da guarda, certo? Então, se Drayger aparecer, meu novo anjo não sentirá isso?

— Sim, mas... — Ele se encolheu e olhou para o braço dele. Por um longo momento, ele simplesmente olhou fixamente.

— Hawkyn? — Seu silêncio estava começando a assustá-la. — O que foi?

— É Drayger. — Sua boca curvou lentamente em um sorriso sombrio que lhe deu calafrios. — Ele não é mais Primori.

Ela sugou uma respiração assustada. — Sério? O que... o que isso significa, exatamente?

— Isso significa que ele não está mais sob proteção angélica. Minha ou de outro.

Com medo de ter esperanças, mas esperando não ter mais medo, estudou todas as microexpressões no rosto de Hawkyn em busca de sinais de que havia uma pegadinha no que ele estava dizendo. Mas seus olhos cintilaram, suas presas brilharam e ele estava sorrindo como se tivesse ganhado na loteria.

— Então ele pode pagar pelo que ele fez?

Ele assentiu. — Nós podemos alertar a polícia. — Seu olhar ficou escuro com antecipação sedenta de sangue que enviou uma nova onda de calafrios em toda a superfície de sua pele. — Ou eu posso matá-lo.

Ai sim. Ela queria isso. Puta merda, assustava o quanto ela queria isso. Mas ela não era a única vítima do Drayger. Havia muitas famílias por aí que precisavam de justiça e encerramento.

Como se Hawkyn sentisse sua turbulência interior, ele a puxou em seus braços.

— Eu vou cuidar disso — ele murmurou contra seus cabelos. — Eu vou fazer com que ele sinta tudo o que ele fez com você e com as outras.

— Não — ela disse, se afastando para que ela pudesse vê-lo. — Ele precisa ser pego. Ele precisa pagar pelo que ele fez, mas precisa acontecer através do sistema de justiça humano.

— Mas...

— Não. — Ela pressionou seus dedos em seus lábios, silenciando-o quando parte dela realmente queria que ele a convencesse de que seu caminho, o caminho mortal, seria melhor. — É pelas famílias de suas outras vítimas. Eles precisam de encerramento. Mas ele pagará o verdadeiro preço depois que ele estiver morto, não é?

— Oh, sim. — Uma luz vingativa brilhou em seus olhos. — Ele é mau, então ele vai direto ao reino de meu pai. Vou garantir que ele pague por toda a eternidade.

Ela estremeceu.

— Me desculpe — ele disse, arrependido, baixando a voz bruscamente. — Te assustei.

— Oh, não — ela sussurrou. — Você me excitou.

Hawkyn a abraçou com um olhar divertido. — Nesse caso, antes de chamar o 911, deixe-me dizer o que fiz a um demônio que uma vez peguei entrando em um orfanato...

* * * *

Hawkyn estaria lá quando a polícia chegasse para prender Drayger. Eles deveriam estar em sua casa a qualquer momento, e Hawk não podia esperar. Ele só teve que resistir ao desejo de matá-lo antes que os policiais chegassem lá. Se Aurora lhe desse a permissão, ele mataria aquele filho da puta em um segundo. Claro, matar um ser humano era proibido, assim como praticamente tudo o que ele tinha feito desde o momento em que ele chegou no estacionamento do supermercado e encontrou Drayger no meio de uma tentativa de sequestro.

Hawkyn estava tão farto de seguir as regras. Se Aurora mudasse de ideia e quisesse que Drayger morresse, o cara ia morrer.

Infelizmente, ela foi inflexível em deixar o desgraçado viver o suficiente para pagar por seus crimes na prisão, então ele e Aurora colocaram proteções em sua casa, permitindo que ele saísse por alguns minutos sem se preocupar. Entre as proteções e seu novo guardião, quem quer que fosse, ela estava tão segura quanto se poderia esperar. Ele duvidava que ele pudesse deixá-la em qualquer lugar mais seguro, na verdade.

Ele a beijou, prometendo voltar em poucos minutos. Sem as asas sombra, ele teve que ativar manualmente o *shrowd* com um comando, e então ele piscou dentro da sala de estar de Drayger. Mas antes que ele se materializasse completamente, o cheiro de sangue e o terror feriu suas narinas.

Algo estava errado. Horivelmente errado.

Xingando, ele convocou uma arma, um choque elétrico que atordoaria qualquer um - ou qualquer coisa - que ele encontrasse.

Ruídos vieram da parte de trás da casa... choro? Ele se moveu pelo corredor, ouvindo o gotejamento de sangue que fluía do quarto principal.

Porra. Uma dor aguda e penetrante bateu em seu peito. Se Drayger tivesse abatido outra fêmea, Hawkyn nunca se perdoaria. Preparando-se para o pior, ele entrou no quarto.

Acontece que não havia como ele se preparar para o banho de sangue à sua frente. As paredes, teto, mobília, tudo estava salpicado - e não era só sangue. Pedacos de carne, entranhas e até mesmo dentes tinham encontrado seu caminho em todos os cantos e recantos.

E tudo isso pertencia ao Drayger. A perna na cama. O braço no chão. O outro braço pendurado no ventilador de teto. Hawk não queria saber onde estava a cabeça.

Maldito seja, esta casa teria que ser derrubada, porque ninguém iria querer viver aqui depois que essas fotos da cena do crime vazassem.

Um barulho o assustou, e ele girou, instintivamente, convocando uma foice. Uma fêmea, nua e coberta de sangue seco, encolhida no armário, uma mão pressionada contra um corte desagradável em sua coxa. Parecia familiar, mas por quê?

Ele saiu do *shroud* e tornou-se totalmente visível. Ela nem parecia surpresa. Seus olhos vidrados o olharam com cautela, mas não com medo.

— Quem é você? — Ela correu para fora do armário, colocando mais espaço entre eles e se aproximando da porta. — Você vai me matar?

— Matar você? O que? Não. — Ele falou suavemente, com medo de assustá-la. — Eu vim aqui para ter certeza de que ele não machucasse mais ninguém. Você está bem? Ele te machucou?

Flexionando os dedos como um gato, ela rosnou, um som profundo e gutural que ele não teria ficado surpreso ao ouvir de um tigre. — Não desta vez, ele não fez.

— Então, você fez isso? — Quando ela não respondeu, ele examinou mais de perto a carnificina, e de repente, seus maneirismos tiveram sentido, especialmente quando combinados com as marcas de garras e dentes nas partes do corpo e as roupas da mulher rasgadas o chão. — Você é um shifter. Leão ou tigre. Certo? — Os Shifters

muitas vezes destruíam suas roupas quando se transformavam do corpo humano em sua forma animal. Com o silêncio contínuo dela, ele suspirou. — Bem, ele merecia morrer, então, bom trabalho.

Ele aprovou de todo o coração o seu tipo de justiça. Esperava que Aurora não ficasse muito desapontada, mas ele podia, pelo menos, garantir que as autoridades soubessem a verdade sobre o Drayger. O álbum de fotos de suas vítimas estava na cômoda, obsceno em seu lugar flagrante, e não seria difícil para os policiais descobrir onde suas masmorras ficavam uma vez que eles soubessem o que estavam procurando.

A voz da mulher tremia enquanto falava. — Você... você sabe o que ele era?

— Eu sei muito sobre o que ele era. — Ele franziu a testa. — Como você sabe? Quem é você?

Ela tirou o álbum de fotos da cômoda, manuseando-o como se fosse uma granada ao abrir e entregar para ele. Seu intestino ficou de pé ao ver as fotos de uma mulher morta e desmembrada que era a imagem cuspida da fêmea à sua frente.

E agora ele sabia por que ela parecia familiar.

— Oh, caramba — ele disse bruscamente, fechando o livro. — Lexi era sua irmã gêmea?

— Não — ela disse, sua voz um grunhido baixo e torturado. — Eu sou Lexi. Ele torturou e me matou. — Ela pegou uma das camisetas verdes e amarelas de Drayger de um cabide e a colocou, cobrindo-se até a metade da coxa. — Eu tenho nove vidas. Eu estou na sexta.

O que diabos alguém diz para isso? Ele só podia imaginar o quanto seria ruim viver três mortes e lembrá-las. E ela tinha mais que isso. A pobre fêmea precisaria de muita terapia.

As sirenes soaram à distância, ficando mais altas. — Desculpe — ele disse com calma. — Mas é melhor irmos. Posso levá-la para algum lugar?

Seus olhos se estreitaram, o ceticismo entrando em sua postura, e ele não podia culpá-la. — Acho que não.

— Eu sou um anjo — ele disse gentilmente. — Você pode confiar em mim. Eu posso levá-la quase a qualquer lugar que você queira ir.

Seu fungado duvidoso foi acompanhado por mais estreitamento de seus olhos até que eles fossem pouco mais do que fendas. — Os anjos matam meu tipo, e me chame de covarde, mas não estou pronta para morrer de novo.

— Eu não sou esse tipo de anjo. — Ele não tinha certeza de que tipo de anjo ele era mais. Ele podia não ser um anjo em breve.

Mas uma coisa com a qual ele tinha certeza era que, anjo ou não, ele seria um excelente pai.

Ela gesticulou para a laceração profunda em sua perna. — Você está familiarizado com o Underworld General Hospital?

— Muito bem — ele murmurou. — Vamos.

As sirenes tornaram-se ensurdecedoras enquanto ele alcançava a mão dela, mas antes de sair, ele viu o movimento pelo canto do olho. Ele girou a cabeça tão rápido que se ele fosse um ser humano teria sofrido de torcicolo. A cabeça de Drayger, lá estava, saindo de debaixo da cama. E estava... desfazendo. Que diabos? Seu olhar foi para as partes do corpo. Os braços, as pernas, o tronco... todas as peças estavam desinflando como pneus sem ar.

— O que está acontecendo? — Lexi olhou para a cena com horror. — Eu pensei que ele era humano.

— Eu também pensava assim. — Um pensamento repentino e terrível surgiu na sua cabeça e, enquanto observava os restos de Drayger tornarem-se nada além de peles vazias, ele entendeu o que estava acontecendo. — Oh, merda — ele sussurrou. — Oh... foda.

— O quê? — Lexi puxou o braço dele. — Conte-me!

— Drayger não era humano. Ele era um maldito bludgolem.

— Um o quê?

Ele revirou seu cérebro para obter informações que ele tinha guardado desde seus primeiros anos de treinamento, quando ele teve que aprender sobre cada tipo de

demônio conhecido. Os bludgolem eram raros, tão raros que ele nunca tinha visto um, nem ouvira falar de alguém encontrando um. Mas havia rumores. Muitos rumores.

— Eles são como vírus. Eles infectam hospedeiros, geralmente crianças. Eles passam anos infectando a mente da criança, e eles só são liberados quando o hospedeiro morre.

— Liberado? Então o bludgolem ainda está vivo?

— E procurando um novo hospedeiro.

— Outra criança?

Ele balançou sua cabeça. — De acordo com a lenda, se eles tiverem negócios inacabados, eles vão infectar um adulto, e eles vão assumir o controle, usando a pessoa para terminar o que quer que seja... — Ele interrompeu com uma maldição. — *Aurora*.

— Quem?

Ele não se incomodou em responder. Ele agarrou a mão de Lexi e piscou para o Underworld General, deixou-a no estacionamento e voltou para a casa de Aurora.

Os gritos atingiram seus ouvidos antes mesmo de se materializar completamente.



CAPÍTULO 19

A proteção que Aurora tinha estabelecido deveria ter impedido o estranho de entrar em sua casa. Nem o desacelerou.

Quando ela correu para a porta da frente, outro grito de terror e dor se alojou em sua garganta. O sangue escorria para o chão de madeira da ferida em seu braço. Ela não deveria ter investigado o barulho em seu quarto. Ela deveria ter confiado em seus instintos e saído correndo da casa. Em vez disso, ela encontrou o desgraçado subindo pela janela do quarto.

O fogo prateado nem o retardou.

De repente, houve um flash, e um cara de cabelos negros com uma foice surgiu na sala de estar, colocando-se entre ela e o estranho.

— Não hoje, fodido — ele grunhiu.

Seu guardião? Tinha que ser. Ele parecia muito com a Hawkyn para ser qualquer outra coisa.

E maldito, mas ele chegou em um bom momento.

Outro flash, e Hawkyn estava lá, ameaça rolando sobre ele em uma onda tangível, ambas as mãos agarrando espadas. Ele lhe lançou um sorriso tranquilizador, e então ele estava ombro a ombro com seu irmão, formando uma parede que ela sabia que nada passaria.

O ar ao redor deles ficou gelado e imóvel, e ela jurou que podia sentir o desejo deles de lutar. Era para o que eles foram criados e a antecipação envolveu-os como uma armadura.

O estranho atacou, e em poucos segundos ficou evidente que o homem que parecia um skinhead não era inteiramente humano. Os dentes afiados semelhantes a agulhas substituíram os dentes humanos, os dedos se transformaram em garras perversas como ave de rapina, e seu grito ameaçou romper seus tímpanos.

— Maddox! — Gritou Hawkyn. — Flanqueie ele!

Hawkyn moveu-se como um dançarino, um dançarino mortal e veloz como um raio. Suas lâminas giraram como se estivessem em um liquidificador, cortando e cortando, enquanto Maddox esculpia os pedaços do estranho com sua foice e com algum tipo de habilidade elétrica que deixava uma fumaça fina em todo o corpo do demônio.

Os anjos lutaram bem juntos, completamente sincronizados, como se tivessem praticado de antemão. Mas quando o estranho deu um golpe poderoso, batendo Maddox em sua mesa de canto e lâmpada, o ímpeto despencou, e de repente Hawkyn se lançou em uma batalha selvagem que iria destruir o que restava de sua sala de estar.

Não que ela se importasse. Agora, seu único medo era por Hawkyn e Maddox, e pela pequena vida que crescia dentro dela.

Ela prendeu a respiração, esperando que o demônio caísse, mas ele nem sequer diminuiu a velocidade. Mesmo quando Maddox lhe enviou uma explosão vertiginosa de relâmpagos, bolas de fogo e agulhas de gelo, o demônio trajando uma pele tatuada com símbolos nazistas continuou lutando. Se qualquer coisa, ele parecia ganhar força das armas.

Ela ia ter dificuldades explicando isso para a companhia de seguros.

Espere... ganhou força das armas. Uma arma poderia drená-lo também?

— Hawkyn! — Ela gritou. — Por aqui! — Ela mergulhou sob a mesa da cozinha, uma coisa antiga com perna de alumínio que não a protegeria de merda nenhuma, mas proporcionaria uma pequena cobertura. Esperava que fosse o suficiente.

Girando, Hawkyn se moveu em direção a ela, aproximando a criatura dela. Quando Maddox finalmente desistiu de tentar usar seus poderes sobre a coisa, ele pulou de volta para a briga com a foice e juntos, ele e Hawkyn forçaram o demônio para ela.

Rezando para funcionar, ela pegou o pé da coisa e puxou a energia negativa. Nunca antes ela tinha tirado energia de um demônio, e o fio oleoso e feio de corrente que a atravessou a fez querer vomitar.

Ele gritou de raiva e tentou se afastar dela, mas ela segurou com as duas mãos, montando a coisa como um touro de rodeio quando a chutou pela sala enquanto tentava se defender de Hawkyn e Maddox.

Ela atingiu a parede, os móveis e até mesmo Hawkyn uma vez, mas ela se recusou a soltá-lo. A coisa estava diminuindo agora, ficando lenta, e os anjos estavam fazendo mais dano com cada golpe.

— Nós entendemos — gritou Hawkyn. — Está diminuindo! Aurora, solte!

Com prazer. Ela soltou a coisa e rolou contra a parede, mal evitando um chute violento enquanto o demônio tentava dar mais um golpe antes que desmoronasse, dentes rangendo.

Hawkyn pulou, trazendo sua espada para baixo em um arco poderoso que cortou a cabeça da coisa de seu corpo em um golpe único e poderoso.

Então ele estava lá, embalando-a em seus braços. — Aurora, querida? Você está bem?

— Estou bem — ela assegurou. — Eu vou ficar dolorida por um tempo. — Ela olhou para o corpo que Maddox estava cutucando com a bota, presumivelmente para ter certeza de que estava morto. — O que é essa coisa? E por que me atacou?

— É Drayger.

Seu intestino apertou e ela não conseguiu parar o estremecimento que invadiu seu corpo. E continuou empurrando-o. — O-o quê?

— Eu tenho você — ele murmurou, segurando-a com mais força. — Ele não pode machucá-la agora.

Ela sabia disso. Se nada mais, ela sabia que Hawkyn a tinha protegido e, gradualmente, cercada de segurança, ela parou de tremer. — Como... como isso é Drayger?

Hawkyn acariciou seus cabelos enquanto ele a segurava, seu toque calmante e tão gentil que ela queria chorar. Este grande guerreiro seria tão lindo com uma criança naquelas mãos fortes.

— Quando cheguei a casa dele — ele disse suavemente — Drayger estava morto. Alguém o matou logo antes de eu chegar lá. Mas foi quando percebi que ele era um bludgolem. Ele conseguiu possuir aquele humano e usá-lo como veículo para se vingar de você. — Ele balançou a cabeça. — Foi uma missão suicida. Quando os bludgolems infectam alguém tão rapidamente, isso os queima. Ele estava apenas esperando que ele pudesse levá-la com ele.

Ela soprou uma respiração longa e aliviada, agradecida por ele e Maddox terem aparecido no momento exato. — Quem o matou? O Drayger original, quero dizer.

— Uma de suas vítimas. Ela queria vingança.

— Alguém mais escapou dele?

— História longa — ele disse com um sorriso provocador. — Eu vou te contar depois.

— Depois do quê?

— Depois de você fazer um exame completo no Underworld General.

Inclinando a cabeça para cima, ela o beijou. — E depois disso?

— Depois disso, eu te dou o meu próprio exame completo.

— Piada. — Maddox balançou a cabeça. — Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas Hawk, você conhece as regras sobre Primori e Memitim, certo? — Ele amaldiçoou. — Seja como for. — Virando-se para ela, ele acenou. — Ei, eu sou Maddox, por sinal. Você não deveria saber sobre mim, mas aparentemente, de acordo com Hawkyn, de qualquer forma, as regras são meramente orientações. — Ele atirou em Hawkyn um olhar que dizia *nos falamos mais tarde*. — Estou fora daqui.

Em um piscar de olhos, ele se foi, mas de repente, em seu lugar havia uma luz branca ofuscante, que entrou em sua casa do nada, como uma nave alienígena em um filme.

— Uh, Hawkyn?

A expressão era glacial e dura, e uma nova onda de ansiedade passou por ela. Não poderiam passar mais de cinco minutos sem uma crise?

— Eu tenho que ir. — Ele ficou de pé, trazendo-a com ele, e então ele a colocou no sofá com cuidado. — Mas voltarei.

Por algum motivo, ela não se tranquilizou. — Ir aonde?

— Céu. — Ele olhou para a luz, mas era impossível dizer o que ele estava pensando. — O Conselho Memitim quer me ver.

Não. Oh, não. — Eu não quero que você vá. — Ela agarrou seu antebraço em desespero, como se pudesse mantê-lo lá para sempre. — Eu tenho um mau pressentimento...

Balançando a cabeça, ele emoldurou seu rosto em suas grandes mãos e encontrou seu olhar. — Este é um tipo de coisa não-opcional. Não podemos fugir da luz. Eu voltarei. Mas ouça-me, se, por algum motivo, eu não voltar, Maddox cuidará de você.

— Você disse que voltaria!

— Esse é o plano. Não consigo pensar em uma razão pela qual não voltarei. Mas o Conselho tem uma maneira de tornar-se criativo com suas punições, então veremos o que acontece. Mas saiba disso, Aurora. Você é Primori por um motivo. — Ele sorriu e o orgulho engrossou sua voz. — A criança que você está carregando é especial. Eu posso sentir isso. Não importa o que, o mundo vai ser um lugar melhor por nossa causa. Por sua causa. Tudo vai acabar do jeito que deveria.

Ela queria acreditar nele. Ela podia dizer que ele queria acreditar também. Mas quando ele a beijou em adeus, muita dúvida encheu sua mente. E quando ele entrou na luz, ela não pôde deixar de temer que ela o tivesse visto pela última vez.



CAPÍTULO 20

O coração de Hawkyn estava pesado quando ele saiu da luz e entrou em uma sala completamente vazia. Não havia literalmente nada além de branco. Nada e branco, e sua mãe, vestida de branco. Pelo menos, suas asas vermelhas rubi adicionaram alguma cor.

— Olá, meu filho.

Ela realmente queria jogar a carta de família agora? Tudo bem, ele poderia fazer isso. — Ei mãe. Então, você tirou a palha curta, hein?

— Palha curta? Isso é um humanismo?

E naquelas duas frases curtas, ele realmente entendeu por que, até recentemente, Memitim foram criados por humanos. Os anjos que raramente deixaram o luxo do céu nunca poderiam compreendê-los.

— Sim, é um humanismo — ele disse enquanto olhava em volta, maravilhando-se com todo o nada. — Esta não é a câmara da ascensão, não é? Então acho que estou aqui para ser castigado, e você é quem vai entregar a sentença.

— Isso é muito difícil — ela disse suavemente, e o primeiro fio de medo percorreu seu sistema.

E se ele não voltasse a Aurora? E se ela realmente ficasse sozinha para criar um filho meio anjo? E, tanto quanto ele gostava de Maddox, o cara não era o anjo mais responsável que existia.

— Diga-me, Hawkyn. Que regras você quebrou?

Ele bufou. Não havia sentido em mentir, então, neste momento, ele poderia ir com tudo. — Todas elas, provavelmente. Então, se eu estou aqui para perder meu status de Memitim, podemos acabar com isso? Eu tenho um lugar para estar.

— Sim — ela disse. — Com a mãe do seu filho. Que doce.

— Diz a pessoa que me jogou como lixo em uma tempestade.

Sim, havia um pequeno ressentimento ali. Era estúpido, provavelmente, dado que os séculos se passaram. Mas agora que ele fez uma criança, ele não conseguia entender como alguém poderia intencionalmente fazer uma criança para ser deixada, intencional e conscientemente, em condições difíceis.

Ele protegeria seu filho, e a mãe, com sua vida.

Séculos de raiva derramaram com o pensamento, suas questões de abandono subindo para a superfície como a poluição do lago após uma tempestade.

— Você sabe — ele continuou, porque o que diabos, se ele fosse perder o status de anjo, ele faria com que o Conselho soubesse exatamente por que era uma besteira. — Memitim merece melhor do que o tipo de porcaria que tivemos que suportar por eras, começando com o dia em que nascemos e somos abandonados nas piores condições imagináveis. Nós sofremos apenas para sermos resgatados de nossas situações e usados como peões em um jogo que não podemos entender.

As sobrancelhas loiras de Ulnara se arquearam, mas se ela estava irritada com seu discurso, ela não mostrava. — E o que você não entende?

Ele quase riu. Onde começar...

— Quero saber por que não podem nos dizer as razões pelas quais as pessoas que protegemos são Primori.

— E se vocês soubessem?

— Se soubéssemos que havia uma boa razão para proteger as pessoas más, então talvez fosse um pouco menos desalentador vê-las massacrar, torturar e causar dor.

Juntando as delicadas mãos na frente dela, ela o estudou com algo que ele poderia ter achado carinho se não conhecesse melhor. — Milhares de anos atrás, o primeiro

Memitim recebeu essa informação. — Ela suspirou. — Mas descobrimos que quando eles conheciam o futuro, eles às vezes tentavam mudá-lo. Eles sempre acreditavam que poderiam melhorar as coisas ruins. Eles não entenderam que a verdadeira mudança vem da tragédia. É assim que os seres humanos crescem.

Ok, Hawkyn não gostou da regra, mas ele pelo menos entendeu. No entanto, eles poderiam torná-la mais palatável e menos “faça isso porque eu disse”.

— Não poderia ser dito o mesmo dos anjos? — Ele respondeu. — Vocês estão presos na Idade das Trevas humanas, suas regras e leis pouco mudam, enquanto Memitim estão avançando por causa dos avanços humanos em tecnologia, ciência e normas sociais. — Ele sacudiu a cabeça com frustração. — Você não consegue ver o que está fazendo conosco? Nós não queremos mais seguir suas regras.

Ela colocou as mãos atrás de suas costas e começou a andar de um lado para o outro. Lembrou de si mesmo, na verdade. — Estamos começando a ver isso. — Ela olhou para ele. — O que Memitim quer ver mudado?

Ele olhou fixamente. Ela falava sério? E foi por isso que ele foi convocado? Para debater opções para elevar o moral do Memitim?

— Bem? — Ela o alertou.

Certo. Ele assinalou a merda em seus dedos. — Primeiro, adoráramos fazer sexo. Tipo, nós realmente gostaríamos muito disso. Em segundo lugar, precisamos de acesso aos registros Primori. Mesmo que não possamos saber por que nossos protegidos são especiais, seria útil conhecer suas histórias, especialmente se nós somos seus primeiros guardiões ou se o guardião anterior não manteve notas detalhadas. — Ele teve sorte com Drayger que Atticus tinha sido tão obsessivo com a manutenção de registros, muito parecido com ele mesmo. Alguns Memitim, como Journey, faziam anotações meia-boca enquanto outros não faziam nenhuma. — Seria especialmente útil se pudermos ver, em tempo real, se os nossos Primori se afastaram do caminho. Em terceiro lugar, por que diabos não podemos ter uma marguerita ocasional? Isso é uma séria besteira. Quarto...

— Ok. — Ela levantou a mão para cortá-lo. — Acho que é o bastante.

Agora que ele estava em um rolo, ele não queria parar. — Não é o bastante, — ele disse, mais duramente do que pretendia. — Mas ei, eu posso enviar o resto para você por escrito. — Ele resmungou. — Exceto que vocês nunca reconhecem nada que lhe enviamos. Isso é outra coisa, talvez vocês pudessem realmente responder à nossa convocação? Reza esperou na Pedra de Invocação por três dias completos depois de enviar um pedido, e ela nunca teve notícias por parte de vocês. Isso é inaceitável. Se fosse um negócio humano, vocês iriam à falência dentro de um ano.

De repente, sua língua congelou e seus lábios pararam de se mover. Ulnara sorriu. — Isso é melhor. Quando eu disser que é o bastante, isso significa o bastante. — Ela passou os dedos, e suas cordas vocais começaram a funcionar novamente. — Talvez você queira saber por que você está aqui?

Não merda. — Seria ótimo.

Ela sacudiu suas asas, o som sussurrando através do grande espaço vazio. — Você engravidou uma Wytch.

Aqui vamos nós. Agora eles estavam começando a fazer sentido. — Sim, e eu não sei como isso aconteceu. Quero dizer, além do óbvio. Eu não deveria ser fértil.

— Não tenho ideia por que você é fértil — ela disse. — Meu trabalho geralmente não se concentra em como as coisas acontecem. Estou mais preocupada com os resultados. — Ela o estudou com os olhos como os dele. — Mas é curioso. Você comeu ou bebeu algo que poderia ter alterado sua fisiologia? Alguém lançou um feitiço ou uma maldição sobre você?

— Claro que não. Eu... — Oh, merda. O dia com Darien. Ele derramou uma gota de sua poção misteriosa na ferida de Hawkyn. Tinha que ter sido isso. Darien tinha dito que o elixir tinha resultados imprevisíveis, mas merda sagrada, a fertilidade era um inferno de um efeito colateral. — Sim, acho que descobri.

— Não importa — ela disse com um aceno desdenhoso de sua mão. — Era para ser. Tudo isso. É por isso que a Linha do Destino de seu Primori não mudou quando você tentou interferir com o sequestro de Aurora ou quando você a resgatou. Isso deveria acontecer. — As ondas de choque o derrubaram em golpes quase físicos. Ele

fazia parte do grande plano histórico? — Dito isto, temos que puni-lo, mesmo que tudo o que você fez foi de acordo com o plano.

Que tipo de besteira era essa? — Eu não entendo — ele disse.

— Bem, como você poderia? Você é um mero Memitim terrestre. — Ela ajustou suas vestes. Por que, ele não sabia. Elas pareciam as mesmas de antes de ajustar as dobras. Ainda com dobras. — Você não vai Ascender. Mas você não ficará como estava. Nós criamos uma posição apenas para você.

— Uma... posição? — Ele engoliu o nó de descrença em sua garganta. Eles não iriam expulsá-lo da Ordem Memitim? Ele estava sendo promovido?

— Em parte, você pode agradecer a seu pai por isso. Ele tem sido uma dor suprema na bunda, e ficou claro que precisamos de um relacionamento mais próximo. Então, você será a ligação entre o Conselho e Sheoul-Gra. Você tornará o Conselho mais acessível para Azagoth e seus irmãos, e você nos ajudará a elaborar políticas com base nas necessidades Memitim.

Putá merda. Putá merda! Durante toda a vida, tudo o que queria era estar no Conselho para que ele pudesse ser um líder para seus irmãos não-Ascendidos, facilitando a vida para eles, apoiando-os, certificando-se de que eles fossem felizes e funcionais. Um trabalho como uma ligação seria ainda melhor, permitindo que ele ainda estivesse com seus irmãos terrestres enquanto assessorava o Conselho.

— Nós ouvimos você, Hawkyn. — Ela sorriu ironicamente. — Como não poderíamos? Você manda missivas semanalmente.

— Então, você realmente as recebeu? — Ele perguntou, incrédulo. — Eu assumi que elas foram jogadas fora com o lixo Celestial.

— Nós recebemos cada uma delas. Incluindo aquelas em que nos chama de idiotas caquéticos que estão fora de contato com a realidade. — Ela fungou arrogantemente. — Não somos caquéticos ou idiotas, mas estamos, talvez, um pouco fora de contato com a realidade.

— Um pouco?

— Cuidado — advertiu ela. — Os outros membros do Conselho ficaram céticos com este plano. Eu defendi você. Eu posso retirar. — Ela bateu as asas em irritação, e ele se perguntou o quão perto ele estava de perder isso. Ele provavelmente deveria ser um pouco mais respeitoso.

Não.

— Quando isso se torna efetivo?

— Agora mesmo.

Ondulações poderosas de energia derramaram sobre ele, atravessando suas veias como uma droga, enchendo-lhe de novos conhecimentos, novas habilidades, e ficou emocionado ao descobrir novas asas. Girando a cabeça, ele as estendeu, chocado ao ver que elas pareciam com suas antigas. Como suas asas sombra, elas eram transparentes, de cor fumaça. Mas eram maiores, e brilhavam, captando a luz branca como uma bola de discoteca.

— Não há penas — ele disse, sua voz pesada de emoção. — Mas elas são lindas.

— Elas são tão únicas quanto você, meu filho.

Ela sorriu e, naquele momento, sentiu o afeto dela o cercar. De repente, centenas de anos de se sentir como se ele não tivesse importância alguma para as pessoas que o conceberam desapareceram, e ele entendeu. Ele realmente entendeu. Ele tinha sido criado por humanos, então ele aplicou valores humanos à sua situação e foi incapaz de entender completamente os modos angelicais. Isso não significava que ele gostava do jeito que os anjos faziam as coisas, mas ele estava em paz com isso agora.

E foi tudo por causa de Aurora.

Ele bateu as asas, fechando os olhos enquanto a brisa que elas faziam despenteava seu cabelo e acariciava sua pele. Ele não podia esperar para mostrar a ela.

— O que isso tudo isso significa para mim agora?

Quando abriu os olhos, Ulnara ainda estava sorrindo. — Como um Memitim não ascendido, você não tem acesso a todo o Céu, mas você poderá se deslocar livremente ao complexo Memitim e a embaixada. Você pode residir em Sheoul-gra ou no reino

terrestre por enquanto. Quando chegar a hora da batalha final, você terá plena Ascensão.

— E quanto a Aurora? Não vou desistir dela, mesmo que ela seja Primori.

Ela encolheu os ombros. — Ela não será Primori por muito tempo. Seu status mudará para a criança que ela carrega uma vez que ela nasça. Esteja com ela, Hawkyn. Se você optar por se acasalar com ela, sua vida eterna será dela. De qualquer forma, eu gostaria de conhecer meu neto um dia.

Atordado, ele mal conseguiu falar — Claro.

— Espero que você não esteja muito desapontado com nossa decisão.

Decepcionado? Isso... isso era mais do que ele esperava. Isso foi muito melhor do que Ascender, mas ele não podia deixá-los saber disso. O Conselho Memitim achava que isso era algo entre punição e Ascensão, e se eles soubessem que essa era a recompensa máxima, ele perderia algum poder de barganha.

Poder de barganha que ele iria usar agora.

— Bem, você está dizendo que tenho que passar os próximos nove séculos trabalhando como um anjo não Ascendido, mas sem todos os benefícios, certo? — Ele fez uma expressão problemática. — Podemos pelo menos começar com um ramo de oliveira entre Azagoth e o Conselho? Ele está muito chateado comigo, e se eu conseguir negociar um acordo, isso ajudará a tornar a minha posição legítima aos olhos dos meus irmãos e do meu pai.

Ela parecia considerar sua besteira, e ele ficou chocado quando ela assentiu. — Qual é esse ramo de oliveira que você quer que estendamos ao desgraçado?

Ele sorriu. — Você não vai gostar.

Ela não gostou. Mas ele conseguiu de qualquer maneira.



CAPÍTULO 21

Hawkyn segurou a mão de Aurora enquanto se materializavam em Sheoul-Gra. Como Primori, ela não deveria estar aqui, mas ele obteve permissão do Conselho para quebrar essa regra, só desta vez.

Eles foram incrivelmente legais sobre isso. Talvez já estivessem se afrouxando.

— Você tem certeza de que seu pai vai ficar bem com a gente aqui? — Ela perguntou enquanto eles saíam da plataforma de pouso.

Ele honestamente não tinha certeza, mas ele não queria que ela se preocupasse. — Ele ficará bem. Ele terá que se acostumar com minha presença, não importa o que seja, agora que sou a ligação entre ele e o Conselho.

Eles atravessaram o pátio e subiram a escada gigante que levava à mansão de Azagoth e, quando entraram, Emerico saiu.

Hawkyn teve um batimento cardíaco para decidir se ele queria ser legal... ou se ele queria rasgar os pulmões de Rico fora de sua caixa torácica do mesmo jeito que suas asas sombra foram arrancadas dele.

No próximo segundo ele tinha seu meio-irmão contra o lado do edifício, o antebraço na garganta. Foi bom. Mas só porque Aurora não precisava mais ver o lado violento de Hawk.

— Seu pedaço de merda — ele disse, mantendo o nível de sua voz. — Você me dedurou para o Conselho.

— Sim, eu fiz.

Hawkyn teve que dar isso ao cara. Ele era uma doninha, mas ele era bem aberto sobre isso. — Eu não preciso perguntar por que, mas eu quero saber o que você conseguiu com isso.

O sorriso de Rico era todo presa. — Uma ardósia limpa. Todos os meus pecados se foram. Desculpe, cara, mas eu tive um par de coisas feias no meu passado. Eu precisava de algo suculento para removê-las.

Tanto quanto Hawkyn odiava a resposta, ele entendeu. A Ascensão era o objetivo de cada Memitim, e quando o fracasso significava passar uma eternidade no reino humano, ou pior, era cada anjo por si.

Isso era outra coisa que Hawkyn planejava mudar.

— Você é um bastardo — Hawkyn resmungou enquanto ele se afastava de Rico. — Fique longe de mim, irmão. E se você foder com alguém que seja importante para mim, você vai lidar comigo. Ele abriu as asas, enviando uma mensagem de força que seu irmão entenderia. Hawkyn ainda não tinha brincado com seus novos poderes, mas ele já sabia que eles eram muito mais extensos e poderosos do que qualquer coisa que Rico poderia começar a compreender.

Rico assentiu, mergulhou profundamente a cabeça e correu como o rato que ele era.

— Me desculpe que você teve que lidar com isso — ele disse a Aurora enquanto agarrava sua mão novamente e a guiou pela mansão no caminho para o escritório de Azagoth. — Você está bem? Não consigo imaginar meu próprio irmão me trair.

— Estou bem. — Ele sorriu para ela. — Mesmo. Eu tenho lidado com irmãos de merda há séculos. Rico é um produto de sua educação humana e regras Memitim que nos coloca uns contra os outros. Mas a merda vai mudar, então isso é tudo o que importa.

Eles pararam na porta do escritório de Azagoth, e ele teve que acalmar as borboletas no seu estômago quando ele bateu.

Um momento depois, a porta do escritório se abriu, e eles entraram. Azagoth e Lilliana estavam sentados nas duas grandes cadeiras de couro perto do fogo. Ela parecia curiosa, e Hawkyn não sabia o que seu pai pensaria. Sua expressão era uma máscara, os olhos completamente planos. O cara mataria em um torneio de pôquer.

— Eu ouvi que você teve uma promoção — disse Azagoth, com a voz tão plana quanto os olhos.

A notícia viajou rápido. Hawkyn foi direto do complexo Memitim para a casa de Aurora, onde ela estava ocupada limpando depois que a batalha praticamente havia destruído sua casa. Maddox, pelo menos, tirou o corpo do humano, a casca vazia e quebrada deixada para trás depois que o bludgolem morreu.

Eles tomaram banho, fizeram amor, comeram, fizeram amor novamente, e agora ele estava pronto para enfrentar seu pai depois da ruptura.

— Eu sou oficialmente a ligação entre Sheoul-Gra e o Conselho — Hawkyn disse. — Mas não posso fazer o meu trabalho se não for bem-vindo aqui.

Finalmente, houve uma brecha na armadura não expressiva de Azagoth. Apenas um ligeiro alargamento de seus olhos, mas estava lá. Por um momento.

— Por que você não seria bem-vindo aqui? Eu lhe disse que era sua escolha.

— Você não tentou me convencer — Hawkyn apontou. — Você não deu a mínima.

Azagoth riu. — Se eu não me importasse, eu não teria dado a você uma escolha. Você acha que eu sou tímido sobre expulsar as pessoas do meu reino?

— Ele não é. Ele realmente não é. — Lilliana sorriu. — Parabéns, Hawkyn. Você terá que nos dizer como aconteceu. Pelo que entendi, o Conselho criou um cargo e um status para você. Isso é incrível.

Isso era. Fez com que ele se perguntasse qual o papel que a criança que Aurora carregava teria no futuro, se Hawkyn estava sendo recompensado por seu próprio papel na concepção.

— Tenho notícias mais incríveis — ele disse, mal conseguindo conter sua excitação. Isso era grande. Maior que um relaxamento das regras lhes permitindo beber. Ele entregou a Azagoth um pergaminho.

Azagoth quebrou o selo e começou a desenrolá-lo. — O que é isso?

— O primeiro lote de nomes e informações que você precisa para encontrar seus filhos e filhas que ainda estão no mundo humano.

Hawkyn duvidava que alguém já viu Azagoth tão chocado quanto ele estava naquele momento. O pergaminho tremeu quando ele olhou para baixo, e quando Lilliana se aproximou para pegar sua mão, ele a puxou contra ele. Ele apenas a segurou assim por muito tempo, seu olhar grudado no pergaminho, seu peito arfando contra a bochecha de Lilliana.

— Eu não... — Ele limpou a garganta e olhou para Hawkyn. — Eu não sei o que dizer.

— Esse é a primeira vez — Lilliana murmurou, mas ela estava sorrindo, e a gratidão em seus olhos quando ela assentiu em agradecimento a Hawkyn fez isso ainda melhor.

Ele não sabia como ela reagiria. Afinal, muitas crianças pequenas, lembranças diretas do acasalamento do seu companheiro com outras mulheres, iriam invadir seu território.

Ele deveria saber que Lilliana ficaria feliz por seu companheiro.

Lentamente, como se as emoções o estivessem pesando, Azagoth se aproximou de Hawkyn.

— Obrigado — ele disse asperamente. — Isto é incrível.

— Não leve isso a mal — Hawkyn disse — mas estou surpreso por isso ser tão importante para você. Você mal reconhece a nossa existência a maior parte do tempo. Por que trazer ainda mais de nós?

Azagoth olhou para Lilliana, que sorriu com tranquilidade. Quando voltou para Hawkyn, havia um calor no seu olhar. Não chamamos de maldade, mas emoção genuína e calorosa.

— Minha vida foi desprovida de significado por um longo tempo — disse Azagoth. — Eu tinha um dever, mas não uma vida. Lilliana trouxe a vida para mim, e meus filhos e filhas trouxeram ainda mais. Eu pensei que não tinha espaço para isso, mas sim. Eu só tenho que me lembrar de não lutar contra isso.

Hawkyn não tinha ideia do que isso significava, mas Lilliana sim, e mesmo com a alegria em sua expressão, ele achou que ele via um pingo de preocupação. Mas talvez essa fosse apenas a sua imaginação.

— Eu entendo que Azagoth tem um novo neto a caminho? — Lilliana disse se levantando. — Parabéns, a vocês dois. Eu acho que há muito para vocês resolverem agora.

Aurora assentiu veementemente. Eles ainda tinham que descobrir onde eles iriam viver enquanto a casa de Aurora estava sendo reparada, eles tinham planos de bebê para fazer, e antes do bebê chegar, eles tinham que se conhecer ainda mais.

Ele iria aproveitar cada segundo que ele passasse aprendendo sobre ela, por dentro e por fora.

— Estou feliz por vocês — disse Azagoth, e em um movimento chocante, ele passou o braço pelo pescoço de Hawkyn e o puxou para um abraço breve e poderoso. — E estou orgulhoso de você.

Os olhos de Hawkyn arderam. Ele nunca teve um pai. Mesmo depois de se mudar para lá, Azagoth foi menos pai e mais um ditador. Seu afeto tinha sido passageiro, tão intangível quanto um fantasma. Ele sentiu isso de vez em quando, mas em um instante ele teria desaparecido, e Hawk se perguntaria se realmente havia estado lá.

Desta vez, não havia dúvida.

Pela primeira vez em sua vida, ele não tinha dúvidas sobre nada. Por enquanto, a vida era perfeita.



CAPÍTULO 22

Finalmente, algo seguiu o seu caminho. Azagoth iria ter todos os seus jovens filhos aqui, libertados dos seus infernos humanos e criados com irmãos e irmãs que compartilhavam experiências semelhantes. Seus filhos seriam felizes, bem cuidados, e ele planejava desempenhar um papel ativo em sua educação.

Ele nunca teria imaginado que isso poderia acontecer. Inferno, ele não queria que isso acontecesse. Não há milhares de anos. Lilliana o mudou, e foi absolutamente para melhor. Claro, havia a desvantagem de experimentar coisas como mágoa e culpa, mas o amor valia a pena.

Lilliana valia a pena.

Ele entrou no quarto, preparado para varrê-la em seus braços e mostrar o que ela significava para ele. Ele passaria um dia inteiro fazendo nada além de mimá-la. Alimentando-a com a melhor comida. Banhando-a numa banheira cheia de champanhe. Cuidando de todos os seus desejos e necessidades.

Mas no segundo que ele atravessou o limiar, ele sabia que algo estava errado.

Terror formou-se como um carvão quente em sua barriga, transformando-se para o pânico quando viu a nota em seu travesseiro.

Sua mão tremia quando ele pegou o papel perfumado com lavanda e seus olhos ficaram embaçados quando ele leu a letra fluente de sua companheira.

Meu amor,

Você é meu mundo. Você sabe disso. Nunca estive mais feliz do que estive desde que eu conheci você, e você disse o mesmo sobre mim. Mas agora penso que estamos sobrecarregados com as mudanças em nossas vidas e as emoções que essas mudanças desenterraram. Você tem tantas crianças que você precisa conhecer e entender, e você precisa fazer isso por conta própria. Eu não posso ajudar mais, não quando a minha presença está causando confusão.

Quanto a mim, você sabe que eu amo seus filhos e filhas. Bem, eu amo muitos deles. Outros ainda estou conhecendo. Ainda outros... bem, há alguns que me irritam e um casal que me despreza ativamente, e eu também não gosto muito deles. Não importa o que, porém, eu quero a sua família à nossa volta, e estou entusiasmada com todos os pequeninos que serão salvos de vidas miseráveis no mundo humano e que serão levados a Sheoul-gra para conhecer seus irmãos e pai.

Você precisa lidar com isso sozinho. Você vai ficar bem. Eu sei que você vai.

Eu não vou demorar muito, eu acho, mas eu prometo que voltarei.

Eu te amo.

Lilliana

A carta escorregou dos dedos entorpecidos de Azagoth. Ele observou-a flutuar para o chão enquanto caía de joelhos, as pernas incapazes de suportar o peso de sua dor.

Lilliana o tinha deixado. Ele não sabia como ela tinha feito isso, já que estava completamente presa dentro de Sheoul-gra pelos arcanjos, mas, de alguma forma, ela tinha escapado.

Ela disse que era temporário, e ele acreditava nela. Então, tanto quanto ele queria gritar, jogar Sheoul-gra no caos, ele teve que resistir. Ele precisava justificar sua fé nele.

Ele receberia seus novos filhos e consertaria as coisas com os que já viviam aqui.

E então ele lutaria como o inferno para recuperar Lilliana e garantir que ela nunca mais fosse embora.



CAPÍTULO 23

Fazia quase um mês desde que a casa de Aurora foi quase destruída por dois anjos Memitim e um bludgolem, e hoje era o dia em que ela e Hawkyn poderiam finalmente se mudar. Ela tinha adorado ficar com sua irmã Idess e seu companheiro, Lore e seu filho, Mace, enquanto os empreiteiros reconstruíam sua casa, mas já passava da hora de ter alguma privacidade.

— Ficarei feliz em não ouvi-los todas as horas do dia — Hawkyn resmungou enquanto eles estavam empacotando. — Demônios do sexo, cara. Como Idess lida com isso?

Aurora imediatamente colocou a mão em sua calça. — Você está dizendo que eu poderia desgastá-lo?

— Não há uma chance — ele disse, devolvendo o favor.

Idess e Lore provavelmente estavam cansados de ouvi-los, também.

Hawkyn jogou as malas no novo piso da sala e olhou em volta. A mobília estaria lá esta tarde, tornando o pequeno espaço ainda menor. Eles discutiram a mudança, mas ela amava esse lugar e, até o bebê nascer, ela queria estar confortável e estável. Hawk concordou, entendendo que ela tinha passado por muita coisa, com mais por vir, e esta era sua casa.

Seria ainda mais uma casa com Hawkyn.

— Eu acho que devemos verificar o quarto — ele disse. — Certificar de que está perfeito.

Ela franziu a testa. — O quarto não estava danificado.

Ele balançou a sobrancelha e os joelhos dela ficaram fracos. — Quer fazer algum dano?

Ai sim. Sim, ela queria. Ela queria causar muito dano. — Estamos falando dano tipo bola de demolição ou marreta?

Se transportando para ela, ele a pegou e a levou para o quarto. — Marreta. Você está grávida. Mas depois do bebê... vou com as bolas de demolição.

Ela riu e apertou a mão entre seus corpos para que ela pudesse segurá-lo através do jeans. — Eu acho que eu serei as bolas de demolição.

Seu gemido vibrou em todas as zonas erógenas, enquanto ele a deitava na cama e, no momento em que a despojava de toda roupa e a espalhava no edredom, ela estava em chamas.

— Não se mexa — ele disse em uma voz de comando que ela não ousava desobedecer. De jeito nenhum. Ela não iria arriscar estragar tudo o que ele tinha planejado para ela.

Era engraçado como ela tinha mais experiência sexual do que ele, e ainda assim ele tinha um instinto erótico que não podia ser ensinado ou aprendido. Ele podia ler cada respiração dela, todo tremor, toda contração dos músculos dela. Ele sabia o que ela queria e quando. Quão rápido, quão duro, quão sujo.

Ela o observou se despir, adorando como sua pele de bronze flexível ondulava sobre músculos poderosos que se moviam com graça fluida e eficiência mecânica. Toda vez que ele removia uma peça de roupa, ele fazia algo com ela. Sua camiseta, ela ganhou um beijo suave nos lábios. Suas botas, um beijo persistente no pescoço. Ele chupou seus mamilos em sua boca, lavando-os com atenção depois que ele jogou suas meias de lado.

Logo, ele ficou só com o jeans, sem cueca e seu corpo ficou líquido com antecipação. Enquanto ele trabalhava em seu zíper com dedos ágeis, ela se contorceu, choramingando quando sua mão ficou imóvel e ele balançou a cabeça.

— Eu lhe disse para não se mover.

— Mas...

— Não. — Ele ergueu as mãos, segurando-as para que não estivessem fazendo o que deveriam estar fazendo, o que era desnudá-lo ou pegá-lo. — Abra suas pernas. Mais largas. Aí está. Quero ver toda você.

Ela resmungou com frustração. — Você é tão cruel.

Seu encolher de ombros casual a teria feito rir se seu corpo inteiro não estivesse latejando de desejo agora. — Eu pareço com meu pai de certa forma, eu acho.

Cara, ela adorava que ele pudesse falar sobre Azagoth com carinho agora. O trabalho de Hawkyn exigia que ele trabalhasse em estreita colaboração com seu pai, e Azagoth estava fazendo esforços reais para incluir não apenas Hawkyn, mas todos seus filhos nos negócios de Sheoul-Gra. Antes, os Memitim só viviam lá, e Azagoth era seu senhorio. Agora, Azagoth estava tentando fazer de Sheoul-Gra uma casa.

Claro, não era fácil. Azagoth era famoso por não compartilhar, por fazer barganhas que o beneficiava esmagadoramente e por ser extremamente desconfiado. Com Lilliana “de férias”, ele esteve mal-humorado, mas Hawkyn disse que os humores eram mais frequentemente bons do que ruins agora.

Mas mesmo nos dias ruins que deixavam Hawkyn mal-humorado também, ele vinha até ela, e ela o aliviava. Às vezes, aliviava a tensão com uma massagem que sempre se tornava quente, e outras vezes ele se alimentava dela. Suave. Ternamente. Tirando o suficiente dela para energizá-los.

— Podemos não falar sobre seu pai e, em vez disso, falar sobre como você vai tirar as calças? — Ela perguntou enquanto segurava o colchão com força para impedir que suas mãos rasgassem o resto de suas roupas.

— Você quer que eu fale sobre tirar minhas calças? — Ele estendeu a mão e apertou um botão, revelando a cabeça madura de sua ereção. — Você não preferiria falar sobre o que eu vou fazer com você depois de tirá-las?

— Oh, sim — ela respirou. — Conte-me.

Ele libertou outro botão, expondo um comprimento de dar água na boca do seu eixo escuro. — Eu vou te lambar em todos os lugares, mas eu não vou te provocar. — Outro botão. Mais eixo e mais água na boca. — Eu vou mergulhar bem entre suas pernas e preenchê-la com a minha língua. Eu vou fazer aquela coisa que você gosta, sabe, quando eu enrolo minha língua quando ela está lá no fundo e te bato no lugar que te faz gozar repetidamente.

Deus, ela já estava praticamente lá. A antecipação fez seu núcleo se apertar e seus peitos doerem. Ela não conseguia manter seu corpo imóvel, seus quadris remexendo no colchão, sua pélvis se inclinando para cima, convidando-o a se apressar.

— É isso — ele murmurou com uma voz tensa e rouca. — Levante os joelhos. Coloque seus calcanhares no colchão para que eu possa ver você.

Bochechas ardendo com a luxúria e um pouco de inibição, ela fez o que ele queria, amando como seus olhos ficavam meio fechados e muito possessivos, e seu peito arfava com uma respiração trêmula.

— É isso, querida. — Ele abriu o último botão, liberando sua ereção.

Ele nem esperou para tirar suas calças. Ele fez exatamente o que ele disse que faria e mergulhou entre suas pernas, enfiando a língua dentro dela. Um grito de êxtase rasgou sua garganta enquanto ele pressionava a ponta da língua naquele lugar do qual ele falara, enviando-a instantaneamente, de forma selvagem, para seu primeiro orgasmo.

Ele agarrou seus quadris enquanto ele trabalhava, lambendo e sugando, e antes que o primeiro terminasse, outro segurou logo atrás.

— Você tem um gosto tão bom — ele gemeu contra ela, e as vibrações desencadearam mais um clímax ofuscante.

Ela sentiu como se estivesse se afogando com prazer, como se não houvesse nada ao seu redor, exceto Hawkyn. Nunca tinha estado tão feliz. Nunca se sentiu tão apreciada. E quando ele se levantou e entrou nela em um movimento suave e quase violento, ela percebeu que ela nunca esteve tão loucamente viva.

— Você é linda — ele ronronou antes de sua boca encontrar a dela em um beijo quente e urgente.

Ele pousou contra ela, seus quadris agitando entre suas pernas, e ela se perdeu com a paixão que ele facilmente trouxe a ela. Os estalos elétricos de sensação chiaram na ponta de cada extremidade nervosa, fazendo com que ela perdesse o controle. Ela se arqueou para cima, espalhando as pernas ainda mais largas, exigindo cada centímetro que ele pudesse lhe dar.

Um estrondo de aprovação ecoou em seu peito e garganta enquanto ele beijava um caminho em sua bochecha e movia no ritmo das suas estocadas, mantendo-a fora de equilíbrio, forçando-a a concentrar-se em cada delicioso golpe. Bom Senhor, ela queimava por ele, não conseguia o suficiente. Ela estremeceu com a necessidade de gozar, mas ele a manteve bem na borda com a incrível capacidade de ajustar e adaptar seu toque, seus impulsos, sua respiração quente enquanto ele se curvava sobre sua orelha.

Arrastando as mãos pelas costas dele, acariciou cada músculo, massageando com os dedos enquanto ela trabalhava no caminho para as nádegas. Ela agarrou-o firmemente, cavando enquanto trancava as pernas ao redor dele e encontrou seus impulsos com seus próprios desejos. Quando suas unhas o marcaram, ele ficou louco, bombeando nela em um frenesi. Atrito liso e quente tornou-se demais, e ela gritou seu nome quando finalmente passou pela borda.

Ele ficou tenso, seu corpo se esticando, sua cabeça inclinada para trás em um retrato de êxtase masculino quando ele gozou. Ele empurrou, sua semente quente salpicando dentro dela, estimulando seus tecidos sensíveis além do que ela poderia lidar, e outro orgasmo a lançou em alturas de que ela não estava segura de que poderia descer.

De alguma forma, ela desceu. Ela mal conseguia se mover, seus membros se enroscavam com os dele, seu peso prendendo-a ao colchão. Ele se moveu para o lado e a puxou para cima dele para que ela pudesse respirar, e eles ficaram dessa maneira por um longo tempo, apenas desfrutando o momento. E um ao outro.

— Oh — ela finalmente disse com um bocejo — eu lhe disse que meus pais e meu irmão estarão aqui amanhã?

— O quê? — Hawkyn a empurrou, praticamente a jogando fora dele. — Amanhã? Eu pensei que você falou na próxima semana.

— Eu falei. Na semana passada. Ela riu do pânico em sua expressão. Ele realmente queria causar uma boa impressão. Hawkyn, um anjo com poderes que sua família não conseguia compreender, estava preocupado em conhecer seus pais e irmão.

— E se eles me odiarem?

Gentilmente, ela pegou sua mão na dela. — E se eles fizerem? Não mudará nada. Ela beijou os dedos. — Mas eles não vão. Quero dizer, vamos lá. Amarrei um anjo. Sou como uma celebridade na comunidade Wytch agora. Além disso, a menos que meu irmão acidentalmente engravide alguém, ele nunca vai se casar e dar netos a eles. — Ela piscou. — Então, isso me faz ser a única que eles não querem irritar.

Rindo, ele se curvou e a levou de volta para o colchão. Quando ela se deitou no travesseiro, ele cobriu seu corpo com o dele e apoiou-se nos cotovelos acima dela. Atrás dele, suas asas requintadas se espalharam e abaixaram para envolvê-los em um casulo de intimidade, o abraço de anjo que era mais do que afetuosos. Era uma promessa, um voto, e era tudo.

Seus olhos brilharam com uma faísca perversa que a acendeu novamente. Ela sempre se acendia rapidamente ao redor dele. Ela sempre seria combustível para a chama dele.

— Eu te amo — ele sussurrou, e seus olhos arderam.

Esta foi a primeira vez que ele disse isso. E quando ela disse de volta, pode ter sido a primeira vez que ela falou essas palavras em voz alta, mas ela sabia, sem sombra de dúvida, que o amor estava lá quase desde o começo.

E este foi um começo. O belo era que, graças a suas vidas eternas, ela não precisava se preocupar com um final. Pelo menos, não do tipo ruim.

Porque quando Hawkyn se aliviou dentro dela, ela estava contando com muitos e muitos finais felizes.

FIM.